



THIS ISN'T A MARRIAGE.  
IT'S A CONTRACT  
*SIGNED IN BLOOD.*



# CODEN OF SILENCE

THE DARK KINGDOM

USA TODAY & WALL STREET JOURNAL BESTSELLING AUTHOR

# SHANTEL TESSIER

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM



A.D.T.

2022



# SINOPSE

Perigoso e temido.

Essas palavras descrevem meu futuro marido.

Que por acaso também é meu ex-namorado.

É complicado. Dois anos atrás, ele quebrou meu coração quando me deixou para cumprir as ordens de seu pai. Depois de meses chorando, finalmente aceitei que ele havia partido e não ia olhar para trás. Que talvez ele nunca tenha me amado. Não queria ver Luca nunca mais.

Agora, uma reviravolta cruel do destino me entregou a ele em um acordo cruel. Sou dele. Ele acha que me fez um favor, mas sinto que recebi uma sentença de morte.

Ele não quer se casar porque ainda me ama. Não, ele fez isso por dinheiro. Mais poder.

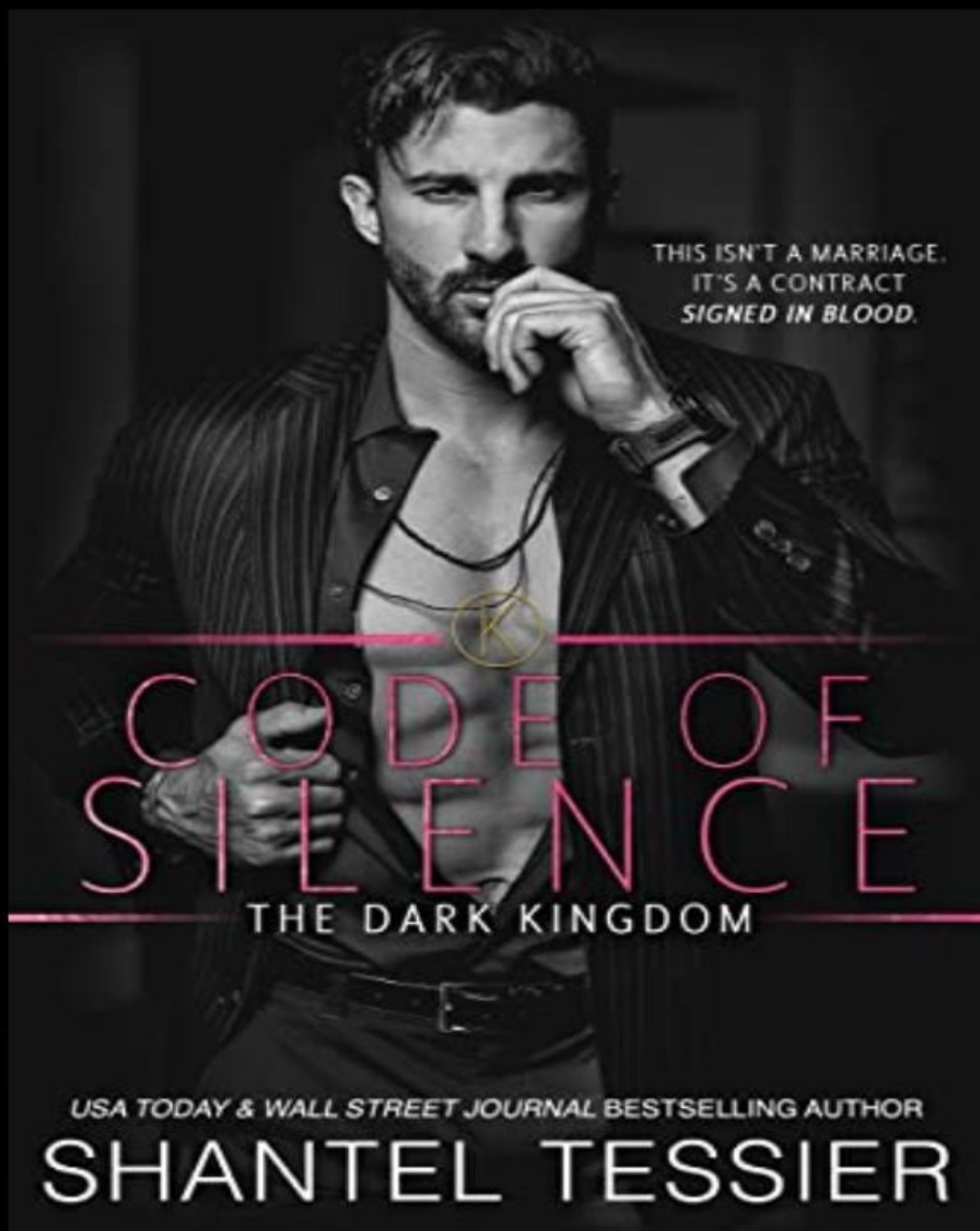
Vou ser uma esposa da máfia. E só há uma maneira de sair disso.  
Morta.

Mas, ao que parece, outra pessoa não quer que me case com o implacável Luca Bianchi.

E se ele conseguir o que quer, verei essa sepultura prematura.

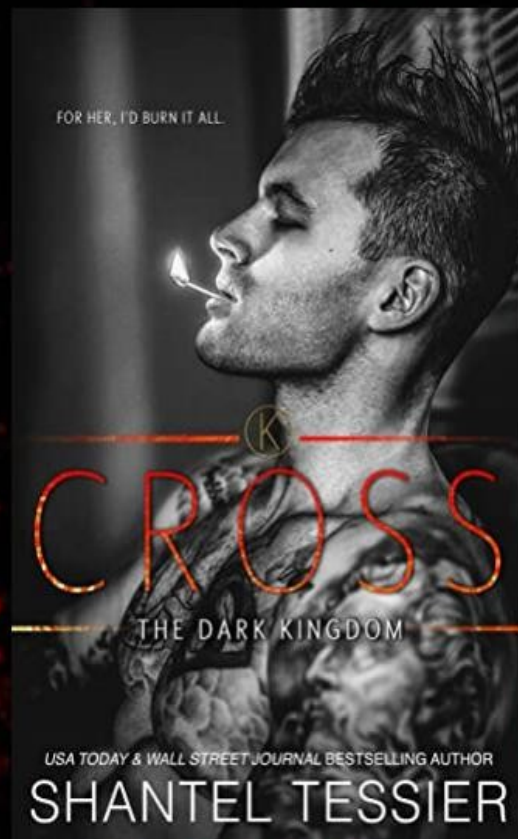
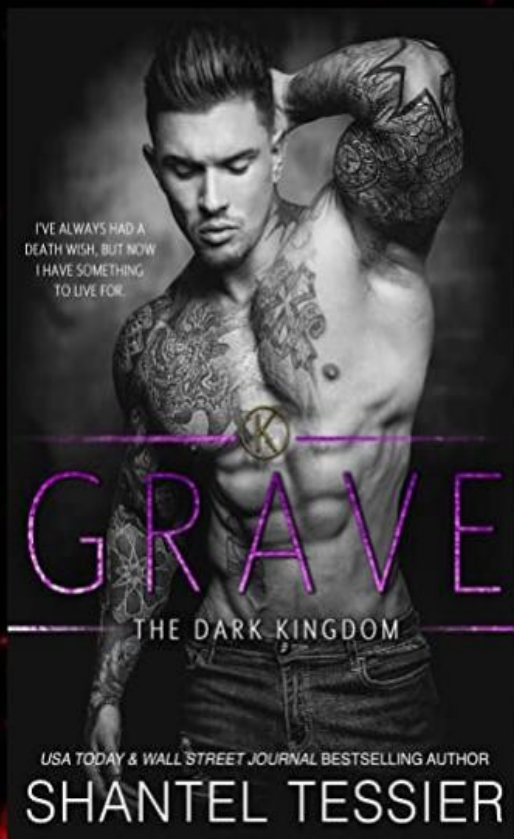
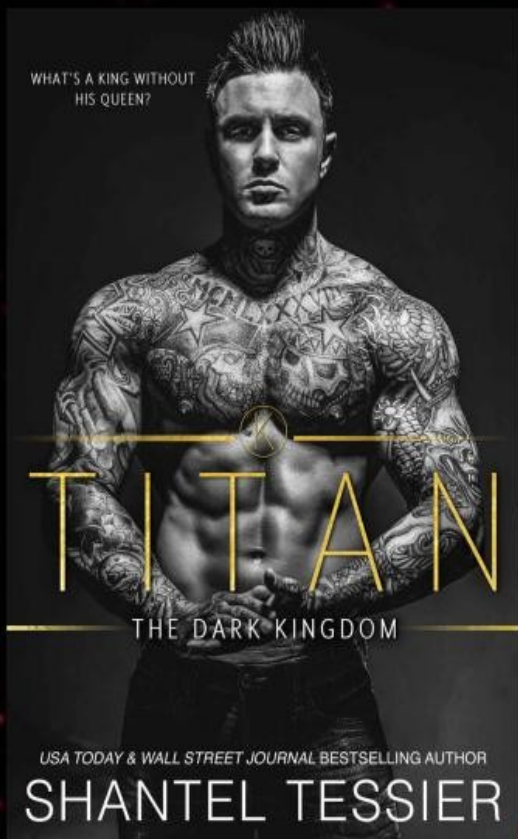
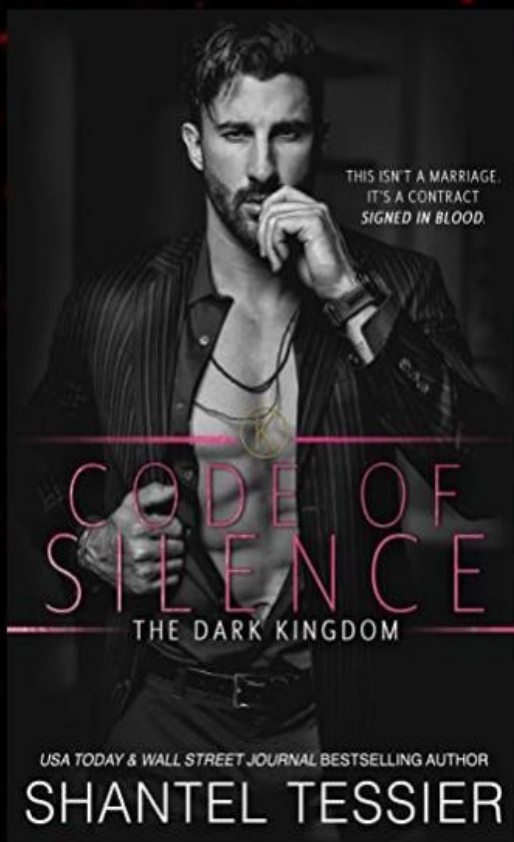


*Lancamento*





# Serie



# PRÓLOGO

*Luca*

## *Dez anos de idade*

— Com quem você falou, porra? — Meu pai exige.

— Ninguém John, — tio Marco responde. — Você sabe disso...

— Sei o que me disseram e o que você está dizendo não bate! — Ele cutuca seu irmão no peito. — E você. — Ele aponta para minha tia que está parada no canto da sala de estar com as costas contra a janela que dá para o quintal. — Você tem falado demais.

Lágrimas enchem seus olhos castanhos enquanto ela encara meu pai. Seus ombros tremem e ela morde o lábio inferior, tentando engolir um soluço.

John Bianchi coloca o temor de Deus em você. Porque ele é Deus. Como Don, o líder da máfia ítalo-americana, ele decide quando seu tempo acaba e como você paga por seus pecados. Ele nasceu em Nova York, mas ele e meu tio se mudaram para Las Vegas quando meu pai tinha quatorze anos. Tio Marco tinha doze anos. As leis na Cidade do Pecado eram mais fluidas naquela época, então meu pai conseguiu sujar ainda mais as mãos. Ele gosta de uma vida complicada.

— Não fale assim com ela! — Marco empurra meu pai.

— Eu vou falar com a vadia da maneira que eu quiser, porra! — Ele dá um soco em meu tio, derrubando ele de joelhos.

Tia Ava grita enquanto o sangue escorre pelo queixo dele, mas ela não ousa ir até o marido. Não, ela fica em seu canto, sabendo muito bem que não há nada que ela possa fazer. Nesse ponto, tudo que ela pode esperar é que meu pai poupe a vida dela.

— Seu filho da puta, — Marco rosna, limpando o sangue.

Meu pai puxa a arma da cintura de suas calças e a aponta para baixo para seu irmão.

— John! — Ele levanta as mãos, olhos tão escuros que são quase pretos, implorando a meu pai para poupar sua vida. — Vamos. Nós vamos resolver isso. Juro que não fui eu...

Meu pai puxa o gatilho.

Pulo, momentaneamente ensurdecido pelo som, exceto pelo zumbido em meus ouvidos. Ava grita, caindo no chão. Trazendo os joelhos contra o peito, ela soluça abertamente.

Olho de volta para meu tio. Ele nunca correspondeu às expectativas da família Bianchi. Meu pai nasceu na máfia e vai morrer nela, mas seu irmão mais novo sempre desempenhou um papel. Marco queria sair há anos e essa era a única maneira de conseguir. Colocar uma bala na cabeça dele foi a maneira de John Bianchi poupar ele. Ele poderia ter feito meu tio sofrer.



Ele se vira para encarar minha tia. — Não! — Ela grita. — Por favor... — Ela treme violentamente enquanto as lágrimas escorrem pelo seu rosto, manchando a maquiagem que ela colocou antes. É o aniversário deles. Nós os pegamos saindo para jantar para comemorar quinze anos de casamento.

— Tire a roupa, — meu pai ordena.

— Por favor! — Ela soluça, balançando a cabeça.

— Tire seu vestido. Agora! — Ele grita.

Usando a janela como apoio, ela lentamente se levanta. Com as mãos trêmulas, ela solta o gancho que prende o vestido em volta do pescoço. Cai em seu peito, estômago e quadris antes de se agrupar em torno de seus saltos pretos. Seu corpo frágil treme enquanto ela cobre os seios nus com os braços.

Meu pai sorri para ela, obviamente feliz com o que vê. Ou o que ele não vê. Um fio. Alguém tem fornecido informações aos federais e ele suspeita que seja ela. Mas as coisas que chegaram ao meu pai foram certas, então, se ela não era a delatora, então seu marido era.

Ele caminha até ela, agarra seu cabelo ruivo e joga sua cabeça para trás. Colocando a arma sob seu queixo, ele não mostra nenhuma emoção quando ela fecha os olhos e soluça incontrolavelmente. — Você mantém sua maldita boca fechada; você me entende?

Ela começa a acenar com a cabeça, mas ele empurra a cabeça dela ainda mais para trás com o cano da arma.

— Porra, diga isso, Ava! — Ele rosna na cara dela.

— Mantenha... minha... boca... fechada, — ela solta.

Ele a solta, e ela grita quando ele a empurra para o chão mais uma vez. Se virando para mim, ele coloca a arma de volta na cintura. Se aproximando de mim, ele diz: — Nunca deixe ninguém ficar no seu caminho, filho. Nem mesmo o maldito sangue. Eles serão os primeiros a minar você e devem ser os primeiros a morrer por isso.



### *Vinte e dois anos de idade*

O ar da manhã está frio na minha pele. O vento forte assobia enquanto sopra por entre as árvores altas nesta encosta da montanha. O sol está começando a nascer nesta sexta-feira gloriosa. Meu coração bate forte com adrenalina.

Antecipação.

O som de gritos é como música para meus ouvidos. Um farol de esperança chamando por mim, me deixando saber que estou perto de meu destino. Mas por mais que goste do som, não preciso dele. Sei onde ele está porque armei as armadilhas.

Uma semana atrás, meu pai me chamou em seu escritório em casa em Nova York e me mandou ir caçar. Mas este não é o tipo de caça em que você pendura sua caça na parede como um troféu para impressionar os outros. Não, esse é o tipo que você deixa os animais selvagens festejarem e depois deixa apodrecer depois de caçar sua presa.

Chego à clareira e vejo um homem chamado Bernard deitado no chão. Ele ergue os olhos quando me aproximo com meus dois homens. Seus lábios se retraem em um rosnado e a baba escorre pelo queixo como um cachorro raivoso. Parece adequado, já que ele está na coleira.

— Você! — Cuspe sai voando de sua boca. Seus olhos vão para Nite, que para ao meu lado. — Você vai pagar por isso!

Ele não está mentindo. A vida da Cosa Nostra é um círculo interminável de vingança. É algo com que todos nós chegamos a um acordo há muito tempo. Cada um de nós entende que você vive um dia apenas para ser morto no dia seguinte. Mas nos dias de hoje, não se limita apenas ao mafioso. Há muitas pessoas zangadas no mundo que sentem que têm o direito de tirar sua vida.

Dou um passo em sua direção. Ele tenta rastejar para longe, mas os dentes da armadilha para ursos mordem sua perna, impedindo ele. Rangendo os dentes, ele joga a cabeça para trás de dor. Suas veias saltam do pescoço e a saliva voa enquanto ele ofega.

— Você gostaria que o libertasse? — Pergunto, vendo a poça de sangue crescer embaixo dele. Aprendi a brincar com minha comida. Às vezes, o jogo mental os fode mais do que a violência real.



— Vai se foder, Luca! — Ele rosna.

— O que você acha, Nite? — Olho para o homem que está ao meu lado. Suas mãos estão cerradas e seus ombros tremem de fúria, mas ele não diz nada. Ele se vira para mim, seus olhos verdes quase brilhando de raiva. — Eu concordo. — Aceno como se pudesse ler sua mente. — Acho que devemos dar a ele uma chance de lutar.

É tudo sobre a caça. Isso é o que torna isso tão emocionante e faz meu sangue bombear. Fui criado com base na violência.

Além disso, meu pai me enviou para fazer um trabalho, e não vou decepcionar ele. Se fizer isso, serei o único na armadilha. E me recuso a dar a ele qualquer motivo para não precisar de mim. Homens inúteis acabam mortos e enterrados no deserto. Meu pai não mostra favoritismo, nem mesmo com os próprios filhos. Você quer matar ou morrer. É o jeito Bianchi.

O homem puxa a corrente que prende a armadilha para ursos na terra. Ele não será capaz de tirar ela. Eu mesmo coloquei todas as vinte armadilhas aqui. Nós invadimos sua cabana de toras uma hora atrás, entrando pela frente para empurrar os filhos da puta para fora, sabendo que eles tentariam escapar por esta floresta.

E estávamos preparados. Passamos toda a noite passada colocando as coisas em ordem.

Me abaixando, pego a faca da minha bota preta e a levanto no ar. Bernard levanta as mãos para se proteger, pensando que vou jogar na cara

dele. Como se eu fosse dar a ele esse tipo de misericórdia. Em vez disso, a lâmina pousa no chão ao lado de sua perna ensanguentada. —Comece a cortar, — ordeno.

—O qu... o quê? — Ele chora e a arranca do chão. — Isso não vai cortar a corrente. — Ele ferve, sacudindo ela para mim.

—Não vai. — Concordo com ele.

Seus olhos se arregalam quando ele entende o que estou dizendo. —Eu não vou cortar minha perna! — Ele grita.

Olho de volta para Oliver Nite. O homem é membro da família Bianchi há quinze anos. Meu pai o encontrou lutando contra um grupo de bandidos que tentava roubar o pouco que tinha. Ele acolheu Nite porque viu uma oportunidade. Um: ele poderia lutar. E dois: ele era uma criança que não tinha ninguém. Meu pai poderia usar o menino a seu favor. —O que você acha? — Pergunto.

Ele dá um passo em direção ao homem.

—Para trás! — Bernard ordena, levantando a faca que dei a ele para cortar sua perna. Sua única chance de se livrar da armadilha. Sua única chance de liberdade.

Jogo minha cabeça para trás, rindo.

—Falo sério! — Ele grita. —Já cortei você uma vez. Vou fazer de novo.  
— Ele balança a faca sem rumo no ar.

Nite vai até ele, segurando o pulso de Bernard e apertando com tanta força que ele solta a faca com um grito.

—Patético, — cuspo.

Como membro da Máfia, você é treinado para situações como essa. E esse cara aparentemente esqueceu todas as suas surras. Eu nunca vou.

—Luca?

Me viro para encarar o braço direito de meu pai, Diaz. Ele fez parecer que eu precisava de proteção, mas todos nós sabíamos que Diaz foi enviado para espionar. Para relatar ao meu pai como me saí e se passei no teste.

Ele leva o dedo ao fone de ouvido. —Nós temos outro. Poço da cobra, senhor.

Sorrio. O poço da cobra é outra armadilha que armei para esses desgraçados. Um buraco de três metros de profundidade que fiz meus homens cavarem ontem à noite e colocar cinco cobras. Nenhuma delas venenosa. Eu os queria capturados e com medo, não mortos. —Diga a eles para levar ele de volta a cabana. — Então volto para o homem. —Nós vamos encerrar isso.

Diaz me entrega um alicate Lineman e uma lâmina de barbear. —Nite, você pode fazer as honras. — Passo a lâmina de barbear para ele. Ele olha para baixo, seus olhos vidrados de excitação. E vejo a veia em seu pescoço latejar com antecipação.

*Vingança é doce. E sangrenta.*

Caminhando até Bernard, agarro seus braços e o puxo para mim. Ele grita quando a corrente da armadilha do urso se estica, esticando seu corpo. Caindo de joelhos entre sua cabeça, ordeno: — Abra sua boca.

Ele a fecha, olhos castanhos me encarando. Eles prometem retribuição. Ele sabe que suas horas estão contadas, mas também sabe que seus homens vão retaliar. É só uma questão de quando, então vou fazer valer a pena.

— Nite, — chamo.

Ele pisa na perna presa de Bernard e o homem grita em agonia. Aproveito a oportunidade para alcançar sua boca e agarrar sua língua com o alicate. Ele murmura algumas palavras bem escolhidas e tenta balançar a cabeça. Sua língua instantaneamente começa a sangrar quando aperto, garantindo o aperto. Seus braços se agitam, tentando me empurrar, mas ele não tem sucesso.

Olho para Nite quando ele se abaixa ao meu lado. E sem pensar duas vezes, ele pega a lâmina de barbear e afunda através da língua de Bernard, cortando ela.

Me levanto, o alicate ainda na minha mão e sua língua pendurada na ponta. Bernard se debate no chão enquanto o sangue jorra de sua boca. Seguem sons de gorgolejo e vômito.

Entrego o alicate para Nite, e ele o encara como se fosse seu primogênito. O bem mais valioso que ele já possuirá.

— Nós poderíamos fazer ele engolir, — ofereço.

Nite balança a cabeça e entrega a Diaz para segurar.



— Boa ideia. Guarde ela como uma lembrança. — Pego a faca do chão. — Você teve sua chance de liberdade. Você deveria ter pego. — Coloco ela de volta na minha bota. Bernard está deitado lá. Ele está virado para onde está com as mãos, a boca escancarada enquanto o sangue continua a escorrer pelo queixo e cobrir sua camisa junto com o chão. Seu corpo treme, sua perna puxando a armadilha de urso e fazendo a corrente tilintar. A pele dele está tão dilacerada que dá para ver o tendão e os músculos. — Diaz? — Estalo meus dedos e ele me entrega o baú de gelo.

Me curvo, abrindo o pequeno refrigerador vermelho. A maior parte do gelo derreteu, deixando ele cheio de água e uma toalha branca. Me certifico de mergulhar na água gelada e me dirijo a Bernard. Chuto seu ombro, empurrando ele de costas e montando em seu peito. Ele luta comigo, mas, novamente, ele não tem sucesso quando enfio a toalha em sua boca ensanguentada.

— Precisamos aplicar pressão, — digo a ele enquanto ele tenta respirar. O sangue jorra pelos cantos de sua boca enquanto ele tosse e engasga com a água. Seu corpo convulsiona enquanto tenta respirar. — Para fazer o sangramento parar.

Suas mãos batem em meu corpo sem rumo. Me levanto e me afasto dele. Suas mãos trêmulas puxam a toalha e jogam no chão antes que ele agarre seu peito e pescoço coberto de sangue.

Bufo, observando sua bunda triste balançar como um peixe fora da água. Me viro, dando-lhe minhas costas, porque cansei de brincar com ele. Fico entediado facilmente. — Meninos, vamos?

Nós saímos, deixando o homem atrás de nós com a perna na armadilha e sangrando pela boca. Um animal sentirá o cheiro de sangue e ele será comido vivo ou acabará morrendo de perda de sangue ou desidratação. De qualquer maneira, será doloroso.

Nite me dá um tapa nas costas.

— Você está bem? — Pergunto, dando a ele um rápido olhar.

Esta semana foi difícil para ele e odeio isso. Sempre o admirei como um irmão mais velho. E ele é a razão de estarmos a quinhentos quilômetros de casa, para começar.

Ele balança a cabeça porque, bem, isso é tudo o que ele pode fazer. Aquele desgraçado que acabamos de largar cortou a língua de Nite sete dias atrás porque ele não desistiu de informações sobre minha família.

Somos os Bianchis, a máfia ítalo-americana que comanda a maior parte de Las Vegas. Todos nós temos recompensas por nossas cabeças e sempre somos um alvo. Se você não derrotar seus inimigos, eles irão te derrotar primeiro.

O Máfia é o clube masculino mais exclusivo do mundo e, assim que você entrar, estará comprometido para o resto da vida. Nite e eu usamos o anel na mão direita. É ouro e grande. Pesado. A coisa é cafona, mas representa poder. Nite é o único Bianchi que usa o anel que não nasceu na família. Meus pais o adotaram logo depois que meu pai o encontrou, tornando ele Oliver Nite Bianchi para o resto da vida. Então, como eu, a morte é sua única saída.

Não tive uma escolha. Vinte e dois anos atrás, nasci nisso e tenho provado meu valor e lealdade a meu pai e seus homens desde então. Essa viagem não será diferente. Fiz essa viagem para mostrar minha lealdade a Nite, como ele demonstrou a mim e à minha família. Cabeças vão rolar. Literalmente. E será pelas minhas mãos manchadas de sangue.



*Haven*

Caminho pelo corredor, meus livros em uma mão e meu celular na outra. Luca não me envia uma mensagem há dias. Odeio quando ele faz isso, sai da grade e ele tem feito isso cada vez mais ultimamente. E não quero dizer apenas comigo. Ele evitou suas aulas também. É o pai dele. Eu sei isso. Sua família é... diferente. Eles são as figuras sombrias que se escondem nos becos, apenas esperando você passar. Se você tem algo que eles querem, eles pegam, sem fazer perguntas. Ele está tratando seu último ano de faculdade da mesma forma que qualquer outra coisa, como um inconveniente. E todos os funcionários e professores fecham os olhos. Eles não se importam. Eles são pagos para ensinar nossas bundas ingratas e

mimadas. Por que eles deveriam se importar com quem aparece e quem não vem?

—Ei, vocês meninas querem me ajudar com algo esta noite? — Jasmine pergunta. Pulando ao meu lado, ela passa a mão ao longo da parede azul escura onde *Wildcats* está pintado de branco. Ela está de bom humor hoje por causa de uma garota que foi largada na noite passada via mensagem de texto.

—Não, obrigada. — Emilee ri do meu outro lado. —Não estou com vontade de passar a noite na prisão. Tenho planos para este fim de semana com meus pais.

Jasmine revira os olhos. —É inofensivo.

—Eu vou ajudar, — digo. Não é como se tivesse algo mais para fazer. Eu normalmente passaria minha noite com Luca, mas é óbvio que estarei disponível esta noite. E as próximas duas noites até que ele decida pegar seu maldito telefone e me enviar uma mensagem.

—Veja... — Ela joga o braço sobre meus ombros e olha para Emilee. — Essa era a resposta correta quando uma amiga lhe faz uma pergunta dessas. Nós deveríamos correr ou morrer vadias. Eu cuido das suas costas e você das minhas.

Emilee bufa. —Da última vez que cuidei de você, acabamos todas na parte de trás de uma viatura.

Jasmine se afasta de mim. —Eu falei que não seríamos presas. — Ela acena para ela.

—Não, seu pai fez isso porque ele é amigo do prefeito, — retruca Emilee.

—Você tem que admitir que essas algemas te excitaram. — Jasmine mexe suas sobrancelhas escuras.

—Você tem grandes problemas. — Emilee suspira.

Verifico meu telefone novamente. *Nada ainda.* Agarro ele com mais força, meu aborrecimento crescendo a cada segundo que passa. Por que ele não respondeu às minhas mensagens? Não leva mais de um segundo para enviar a porra de uma mensagem. Preciso de algo para tirar minha mente disso.

—O que você tem planejado? — Coloco a conversa com Jasmine de volta a atenção. Emilee está certa, ela tem problemas e não temos tempo para analisar eles.

—Vou cortar os pneus de Trenton, — ela responde, enrolando o cabelo loiro oxigenado em torno do dedo indicador. —Talvez arrebentar algumas janelas. Depende de quanto eu beber antes de irmos.

Bufo. —Por que perder seu tempo? Você sabe que ele vai consertar tudo o que você fizer com seu precioso carro amanhã.

Ela levanta o dedo indicador. —Duvidoso. O menino bonito não tem emprego e já está encrocado com o pai por ter sido expulso do time de futebol. — Ela pressiona o polegar contra o nariz e funga. —Por eles terem encontrado aquele estoque de coca no armário dele.



—E quem alertou o treinador sobre seu estoque? — Emilee pergunta, levantando uma sobrancelha.

Jasmine dá a ela um sorriso inocente, exibindo seus dentes brancos perolados. —Era anônimo.

—Claro que foi. — Ela bufa.

—Estou dentro. — O bastardo merece passar alguns dias preso em casa pelo modo como tratou ela. Sujo. Estou com vontade de distribuir um pouco de carma e, uma vez que não posso dar ao menino que merece, Trenton é uma boa segunda escolha. Ambas olhamos para Emilee.

Ela suspira, cedendo. —Sim, sim.

—Excelente. — Jasmine começa a andar para trás, mas quando ela passa pelo banheiro masculino, a porta se abre, jogando ela para frente.

Cross, um membro dos Dark Kings, sai andando com as mãos enfiadas nos bolsos da calça jeans rasgada. Ele usa um boné preto voltado para trás e um agasalho dos Wildcats. Todos os jogadores do time de beisebol Wildcats têm um.

—Com licença, — Jasmine chama.

Ele nos ignora e continua a andar pelo corredor em direção à porta dos fundos que leva aos campos de beisebol. O treino começa em trinta minutos. Seu rosto esculpido era uma máscara mista de aborrecimento e raiva.

—Filho da puta, — ela grita, mostrando o dedo para suas costas.

Emilee suspira. — Você está apenas tentando se meter em encrenca hoje?

— O que? Aquele idiota me bateu com a porta. — Ela esfrega sua bunda.

— Ele é um membro dos Dark Kings, — sussurra Emilee, seus olhos percorrendo o corredor agora vazio.

Jasmine zomba. — Eu não me curvo a ninguém. E só porque você chupa o pau de um King não significa que tenho que beijar a bunda dele.

Balanço minha cabeça. — Podemos voltar aos trilhos...

— Eu tenho que ir, — Jasmine me interrompe. — Mas sim, vou te buscar um pouco depois das dez. Esteja pronta e vista tudo preto. Não quero ser vista. E não se preocupe com os suprimentos. Eu cuido disso. — Em seguida, ela caminha pelo corredor e sai pelas portas duplas, indo para casa passar o dia.

— Por que estamos perdendo nosso tempo? Você sabe que ela estará de volta com ele amanhã, quando ele ligar para xingar ela pelo que faremos esta noite. — Emilee suspira.

— Tem algo melhor para fazer? — Pergunto.

Ela vai responder, mas um telefone toca.

Meu coração dispara quando olho para a minha mão, esperando que seja Luca.

— Urgh. — Ela bate o pé quando percebe que é dela.

Meus dentes rangem. *Por que faço isso?* Por que permito que ele me deixe assim? Por que me importo tanto quando está muito claro que ele não se importa?

*Ping. Ping.*

—Quem diabos está explodindo seu telefone? — Pergunto frustrada. — Sua mãe?

Seus pais são muito rígidos. Eles não sabem o quão selvagem é sua garotinha. Ela sempre fingiu ser a inocente em nosso círculo fechado. Mesmo agora, no segundo ano da faculdade, ela espera até que eles vão para a cama e então foge para todas as festas. Não sei como ela ainda não foi pega. Até minha mãe esteve mentindo para acobertar ela antes. Jasmine também. Eventualmente, a mãe dela vai perceber e proibir ela de sair com a gente.

*Ping. Ping.*

Paramos e ela enfia os livros no meu peito. Soltei uma lufada de ar, tentando não deixar eles caírem junto com os meus.

—Quem diabos sabe. — Ela rosna, largando a mochila no chão e tirando o telefone do bolso lateral.

*Ping.*

—É Bones. — Ela suspira enquanto seus olhos azuis percorrem a tela.

—Claro que é. — Reviro o meu. Ela pode fazer esse filho da puta mandar uma mensagem para ela, mas eu não consigo que o cara que eu amo me reconheça.

Ela joga a mochila no ombro e digita. —Ele quer que eu vá encontra-lo antes do início do treino de beisebol.

—Para uma rapidinha? — Questiono. —E, você tem que parar de pular nele. Você está à sua disposição a cada minuto do dia. — Nunca vi uma garota chicoteada com pau. É realmente patético. E a verdade é que ela nem ama o cara. Ela é simplesmente obcecada por seu pau. E ele com sua boceta.

Seus olhos azuis me encaram com um desafio, e endureço, sabendo o que está por vir. —Você quer ser a panela ou a chaleira?

Suas palavras me fazem odiar Luca Bianchi ainda mais. Maldito seja. — É diferente.

—Me explique. — Ela arqueia uma sobrancelha perfeitamente escura enquanto empurra o quadril para fora.

*Eu não posso.*

A única diferença é que amo o cara que me usa.

Suspirando, ela acrescenta: —Sinto muito, eu...

—Está bem. — Aceno para ela. Não é culpa dela que eu esteja irritada. Ou que Luca se esqueceu de mim.

Ela morde o lábio inferior pintado de rosa. Seus olhos azuis caem de volta para olhar para seu telefone, e a vejo lutando na batalha de dizer a ele para ir para o inferno ou encontrá-lo para foder com seus miolos.

—O pau dele não pode ser tão bom, — argumento.

Ela arranca os livros dos meus braços. —Ele está passando por muita coisa agora.

Bones é... por falta de uma palavra melhor, um idiota do caralho! Todo mundo conhece ele e seus três amigos como os Dark Kings, e todos eles são merdas arrogantes. Titan, Cross e Bones estão todos no último ano com Luca. Grave, o irmão mais novo de Bones, é um júnior. Os Kings são como Luca, assumirão o lugar de seus pais e governarão o mundo. Emiliee, Jasmine e eu escolhemos ficar porque não queríamos nos deixar para trás. Sabíamos que esse dia chegaria eventualmente, mas estamos tentando adiar o máximo que podemos.

—E sua boceta é a terapeuta dele? — Pergunto.

*Ping.*

—Eu tenho que ir. — Ela corre pelo corredor, decidida. O *ping* desaparece quando ela me deixa para ir encontrá-lo no vestiário masculino para chupar seu pau.

Com um suspiro, pego a alça de couro preta da minha mochila Louis Vuitton Discovery branca e viro a esquina, indo para a biblioteca. A maioria dos alunos já terminou o dia, mas fico até tarde nas sextas-feiras para dar uma aula de reforço de uma hora. Sempre tirei A. E quando o ano

letivo começou, descobri que algumas crianças em minhas aulas não estavam totalmente prontas para o currículo, então me ofereci para ser tutora delas.

Subo o primeiro lance de escadas, meu Louboutin Mary Janes de couro preto batendo forte no ladrilho branco. Virando a esquina, sigo para a próxima, quando um livro escorrega de minhas mãos. Ele desce os degraus, fazendo um barulho alto de tapa que ricocheteia nos corredores abandonados. — Merda. — Corro atrás dele. E me curvo para pegar, mas alguém se adianta. Olho para cima da minha posição agachada para o homem que está diante de mim. Ele segura meu livro em uma mão e seu celular na outra.

Me levanto e arranco meu livro de suas mãos. — É bom ver que você não perdeu seu telefone. — Então me viro e começo a me afastar dele, pisando forte no segundo lance de escadas.

— Haven... — Ele agarra meu braço, me puxando para uma parada.

Me viro para encarar ele, puxando para fora de seu aperto. — Não comece.

— Eu não tinha nenhum serviço de celular onde estava, — explica ele, seus grandes olhos escuros implorando para que o perdoasse.

Eu não perdoo.

Mas agora sei que ele estava no deserto ou na floresta em algum lugar. Provavelmente ajudando seu pai a enterrar um corpo. Ou dois. Seu pai



considera isso o mais próximo possível de um vínculo. Mas o que você espera quando seu pai é um Don, o líder da máfia ítalo-americana?

Gostaria que isso tivesse me impedido de me apaixonar por ele. Infelizmente, quando descobri, já estava muito adiantada. Essa é a coisa assustadora sobre o amor; ele confunde as linhas do certo e do errado. Você opta por ignorar o que deve questionar porque é perigoso e emocionante ao mesmo tempo.

— Há quanto tempo você está de volta? — Exijo.

Subindo os três degraus, ele diminui a distância entre nós, me forçando a olhar para ele, embora ele esteja no degrau abaixo de mim. Ele odeia as pessoas olhando para ele por qualquer motivo. Estendendo a mão, ele puxa a alça da minha mochila do meu ombro.

Vou pegar. — Luca...

Mas ele agarra meu braço, me impedindo de me curvar. — Uma hora. — Ele responde minha pergunta anterior e segura meu rosto com sua mão quente. Minha respiração começa a acelerar. A sensação em meu peito faz minhas coxas apertarem.

*Não! Não vou permitir que ele faça isso comigo.*

— Eu sabia que você tinha aulas particulares, então vim direto aqui para ver você.

Quando olho para seu rosto recém-barbeado, sei que ele tomou banho recentemente. Ainda posso sentir o cheiro cítrico persistente de sua lavagem corporal em sua pele perfeita. O cara é lindo demais para ser real.

É realmente injusto. Ele tem o cabelo preto azeviche de seu pai. Normalmente, ele o usa alto e solto no meio e mais curto nas laterais, mas agora ele está penteado para trás. E ele tem olhos escuros, mas não tão escuros quanto os de seu pai ou irmão. Eles são emoldurados com longos cílios escuros. Uma mandíbula cinzelada. Vestido com uma camiseta preta justa e jeans escuros, ele parece absolutamente delicioso.

Seu falecido avô era italiano, mas seu pai nasceu em Nova York e viveu lá até se mudar para Las Vegas, quando tinha quatorze anos. Onde o Sr. Bianchi conheceu a mãe de Luca. Seu pai era dono de uma empresa de concreto muito grande, e o concreto é útil quando você tem corpos que podem ser escondidos sob as novas fundações sendo despejadas diariamente. Ninguém nunca veio e me disse, mas conectei os pontos. Seu pai queria acesso às propriedades para esconder evidências e corpos, e ele conseguiu quando se casou com a mãe de Luca. Fiz minha pesquisa sobre a Máfia, eles se casam pelo poder. Em alguns casos, isso significa até mesmo se casar com parentes consanguíneos. Mas seu pai voltou para Nova York quando Luca tinha dez anos, deixando Luca e seus irmãos aqui. Ele sabia que eles cuidariam de suas ordens em Vegas enquanto ele era capaz de controlar Nova York. Ele foi capaz de cobrir mais terreno dessa forma. Tudo parte de seu plano para dominar o mundo.

Ele envolve sua mão livre em volta da minha cintura e me puxa para ele. Não me afasto. Porra, estou tão ruim quanto Emilee.

*Chicoteada por pau.*

O bom pau vai deixar uma garota estúpida. Deveria me tornar uma lésbica.

— Eu tenho que ir, — digo a ele, mas não faço nenhum movimento para me afastar.

— Cancele, — ele sussurra, seus lábios a centímetros dos meus. Meu coração começa a bater mais rápido, sabendo que ele quer passar um tempo comigo.

*Sua vadia estúpida.* — Eu não posso...

— Sim você pode. — Sua cabeça mergulha no meu pescoço e ele beija o ponto sensível atrás da minha orelha. Minha cabeça cai para trás e gemo, mas interrompo para o caso de algum colega estar por perto. — Eu tenho saudade de você. — Ele lambe meu pescoço até a concha da minha orelha. — Pensei em você o tempo todo em que estive fora. — Sua voz cai para um grunhido e sinto seu pau duro contra a minha barriga quando ele esfrega seus quadris contra mim.

— Mentira... — Respiro fundo, mas queria tanto que fosse verdade.

Sua mão viaja pelas minhas costas e segura meu cabelo. Usei solto hoje na esperança de vê-lo. — Peguei aquela foto travessa que tirei de você na semana passada. — *Ah Merda.* — Aquela em que você está deitada na minha cama, nua, com a mão entre as pernas. Acariciei meu pau pensando em você.

— *Luca.* — *Ofego. Por favor, não pare.*

— Eu imaginei você de joelhos enquanto eu fodia sua boca ...

Choramingo. Esse é o seu favorito. Ele adora quando dou uma chupada nele. Ele diz que sou a melhor, mas chamo isso de besteira. Não é tão difícil abrir a boca e deixar um cara foder. Não é preciso nenhum talento real. Mas, novamente, nunca tive um pau, então acho que nem todas as garotas são iguais. Eu tinha uma amiga que não conseguia lambar um pirulito mais de cinco vezes antes de apenas mordê-lo em pedaços. Me pergunto se é assim que ela dá boquete?

Sua mão livre passa do meu lado até meu peito. Mergulhando na minha camisa carmesim com decote em V, ele aperta meus seios sobre o sutiã. Quero que ele arranque o tecido restritivo. —E imaginei você em suas mãos e joelhos enquanto fodia aquela bocetinha bonita por trás.

Minhas mãos seguram sua camiseta preta justa. Minhas coxas apertam quando ele fala assim comigo. Ele tem uma boca suja dentro e fora do quarto. É uma coisa que sempre gostei nele. Não sou tão metida e tensa quanto as pessoas desta faculdade pensam.

*Sua boca está na minha. Minhas costas estão pressionadas contra a parede de rocha. O anoitecer nos cobre de trevas. Não me importo. Só consigo pensar nele. Tudo o que posso sentir é ele. E tudo que quero é ele.*

— Por favor, Luca? — Me afasto, ofegante.

*Suas mãos percorrem minha camisa e vão até minhas costelas. Elas queimam como minhas entranhas. Meu corpo inteiro está pegando fogo. — Tem certeza que está pronta? — Ele pergunta enquanto seus lábios beijam meu pescoço.*

— Sim. — Minhas mãos agarram sua camisa, puxando ele para perto de mim. Não consigo levar ele perto o suficiente.

Ele pega a bainha da minha camisa e puxa pela minha cabeça. Quase choro quando o ar quente atinge minha pele nua. Não estou usando sutiã e meus mamilos doem ao esfregar contra o tecido de sua camisa.

— Porra, queria você há tanto tempo... — Ele para, e então sinto seus lábios nos meus mamilos.

Suspiro e coloco minhas mãos em seu cabelo. Jogando minha cabeça para trás, bato minha cabeça na rocha e fecho os olhos. Suas mãos vão para o meu short jeans e o ajudo a empurrá-lo junto com a minha calcinha pelas minhas pernas.

Suas mãos vão para minhas coxas nuas e minhas pernas tremem. — Nervosa, querida?

Posso ouvir a diversão em sua pergunta. Sou virgem e estou muito ciente de que ele não é. Eu poderia matar aquela vadia da Lucy Bellinger por transar com ele. Ela pegou o que eu queria. Ele nunca realmente saiu com ela, mas eles ficaram. Uma e outra vez. O pai dela é amigo dele e eles estão sempre na casa dele, então isso estava prestes a acontecer. História típica, ele a usou e ela se apaixonou por ele. Mas isso foi há dois anos. Ela se afastou e, de alguma forma, ele me notou. Estamos nos vendo há um mês e, embora não seja muito tempo, eu o conheço desde sempre. Eu o queria há anos. Agora é minha chance e não vou desistir.

— Não, — rosno e abro seu jeans.

— Vou te foder bem aqui, — ele me avisa. Como se eu devesse estar com medo.

— Sim. — Eu não estou.

*Ele encontra minhas mãos e as empurra acima da minha cabeça, prendendo na rocha com uma das suas. Choramigo, empurrando meus quadris nos dele.*

*Sua mão livre alcança nossos corpos e se move entre minhas pernas. Ele segura minha boceta antes de deslizar um dedo dentro de mim.*

*— Luca... — Engasgo seu nome, a sensação fazendo o calor subir pela minha espinha.*

*— Porra, você está molhada, Haven, — ele rosna, abaixando a cabeça no meu pescoço. — E tão apertada pra caralho. Sua boceta vai me fazer sentir tão bem.*

*Bombeio meus quadris, sem realmente saber o que estou fazendo, mas preciso de mais. — Por favor? — Imploro.*

*Ele remove o dedo, e então sinto a cabeça de seu pau esfregar contra mim. Bem quando acho que não aguento mais, ele empurra em mim.*

*Grito na noite escura enquanto ele me estica, e uma sensação de queimação me rasga.*

*Ele bate com a mão agora livre na minha boca, pressionando meu corpo contra a parede de pedra. É a única coisa que nos protege da casa dos meus pais. Minhas mãos lutam com as dele para me libertar, mas ele as mantém prisioneiras acima da minha cabeça.*

*— Shh, — ele sussurra, seu hálito quente atingindo meu rosto. A lua brilha sobre nós, fazendo seus olhos escuros brilharem. Eles perfuraram os meus intensamente, avidamente, fazendo minha boceta apertar. — Você queria isso. Agora pegue.*

De boa vontade dei a ele minha virgindade. Nossa primeira vez não foi lenta e doce porque não era ele. Não sou eu. Gosto quando ele me machuca. Quando ele me sufoca. Ou quando ele rasga minha camisa, me joga na cama e me fode até eu não conseguir mais andar. Ele tem grande prazer em tornar meu corpo fraco.

Minha boceta aperta com o pensamento, sabendo o quão duro ele será, já que se passaram alguns dias. Ele é sempre o mais bárbaro depois que volta do trabalho com seu pai. Costumava tentar fazer com que ele me contasse o que fez, mas ele nunca divulgou essa informação, então desisti de perguntar.

— Imaginei suas unhas arranhando minhas costas. Seus saltos cravando em minha bunda. Falando em bunda... — Sua mão a segura e me levanta do chão.

Grito de surpresa quando ele bate minhas costas na parede ao lado da janela que dá para o pátio. Envolver minhas pernas em torno de seus quadris estreitos e engancho meus pés juntos. Então seus lábios estão nos meus. Sua língua força o seu caminho em minha boca, e acolho isso. Meus quadris se esfregam nos dele e minhas mãos vão para seu cabelo escuro e sedutor, agarrando e puxando. Ele rosna em minha boca antes de se afastar rapidamente, deixando meus lábios inchados e machucados. Minha calcinha encharcou instantaneamente.

Seus olhos escuros olham para os meus e ele lambe os lábios molhados. — Cancele, — ele repete, agora ofegante. — Me diga que posso passar o resto do dia me afogando nessa sua boceta.



# CAPÍTULO UM

*Haven*

*Quatro anos depois*

O sol da manhã em Las Vegas bate em mim. O suor cobre meu rosto, pescoço e peito, junto com o resto do meu corpo. 'Garden' de Halsey toca nos meus ouvidos com os fones de ouvido sem fio. Meu telefone preso ao meu braço.

Meus pés batem no chão enquanto me empurro, sabendo que não tenho muito mais para ir. Este é meu ritual matinal, acordar, beber uma xícara de café e correr até sentir que estou morrendo. Ajuda a limpar minha mente e me mantém em forma.

Vejo a velha mansão de pedra e estuque aparecendo no final da estrada de mão dupla no bairro exclusivo. Estou prendendo respiração após respiração e meus lados queimam, mas empurro com mais força. Mais rápido. Minhas coxas gritam e meus pés doem, mas não desisto. Estou muito perto. Meu rabo de cavalo antes apertado se soltou e alguns fios caíram ao redor do meu rosto, grudando no meu pescoço e peito coberto de suor. Isso faz minha pele coçar.

Minha mente vagueia, pensando em onde estou na minha vida agora e por que ainda estou presa aqui na cidade do pecado. Aos vinte e quatro anos, atualmente estou morando com meus pais e tentando colocar minha vida destruída como um trem de volta aos trilhos. Sou o que muitos chamariam de uma bagunça do caralho. Mas devo ter minha vida planejada na minha idade? Já ouvi histórias de outras pessoas que se espera que você enlouqueça aos vinte anos, para festejar e dormir com alguém. Se você perguntar às pessoas certas, elas dirão que estou no caminho certo.

Perto do fim da estrada, viro à direita no portão aberto e a visão de um Bugatti La Voiture Noire preto me faz tropeçar.

Como se minhas pernas tropeçassem em uma corda imaginária, caio na garagem, meus joelhos batendo no concreto quente primeiro. Então caio de lado, rolando algumas vezes com o impulso. — Filho da puta! — Assobio, puxando os malditos fones de ouvido dos meus ouvidos.

Olhando para o carro parado na garagem dos meus pais, sinto que um furacão está prestes a destruir tudo na minha vida sem qualquer aviso. Não há tempo para reprimir meus sentimentos e me esconder do que sei que será catastrófico para minha psique.

Nada envolvendo aquele carro é bom. E o Cadillac SUV preto com janelas à prova de balas estacionado ao lado só pode pertencer a uma pessoa.

Me levantando, nem mesmo me preocupo em escovar meus joelhos ou cotovelos ensanguentados. Em vez disso, subo os degraus até as duas

portas de vidro e as abro. —Pai? — O som ricocheteia nos tetos altos e no grande foyer. Não posso dizer se meu coração está batendo forte devido à minha queda ou ao fato de que ele está aqui.

*Que diabos?*

—Pai! — Grito desta vez, avançando pelo longo corredor e, em seguida, subindo correndo a escada em espiral para seu escritório no segundo andar. Chego à porta fechada e nem me preocupo em bater. Em vez disso, a atravesso, respirando fundo.

Meu sutiã esportivo cinza está encharcado de suor e minhas calças capri ioga brancas grudam na minha bunda e nas pernas como resultado da minha corrida de cinco quilômetros. Não dou a mínima por não estar apresentável e fedendo.

—Haven, — meu pai anuncia para a sala, pulando de sua cadeira atrás de sua mesa. Limpando a garganta, ele me olha de cima a baixo, a desaprovação clara em seus olhos azuis.

—O que está acontecendo? — Exijo, nem mesmo me preocupando com as apresentações.

Meus olhos passam lentamente para o homem que está à minha direita. Ele se eleva sobre mim em cada pedaço de um metro e noventa. Seu cabelo preto azeviche está repartido à direita e penteado. Seu impressionante terno carvão com botões pretos combinam com seus sapatos brilhantes. Sei que custa a ele mais do que a maioria dos homens que trabalham duro ganham em um ano.

Ele parece o mesmo que me lembro dele. Intimidante. Olhos tão escuros que parecem dois buracos negros sem fim. Ele está com os braços cruzados sobre o peito, e o anel de ouro em sua mão direita parece que pode ser usado como uma arma. Por que ele está aqui? Ele mora em Nova York e muito raramente faz aparições em Las Vegas. Bem, ou assim pensei.

Meu pai pigarreou. — Venha aqui, Haven.

Procuro pela sala o par de olhos que me assombra cada vez que fecho os meus, mas não o vejo.

—O que está acontecendo? — Pergunto novamente, mantendo minha posição.

— Você foi vendida.

Me viro para encarar o homem que falou. Ele se inclina contra a parede ao lado da porta que acabei de entrar. Ele está com um jeans escuros e uma camisa branca justa. Um cigarro está colocado atrás de sua orelha e seus braços tatuados estão cruzados sobre o peito. Seus olhos pretos combinando caem para minhas calças de ioga cobertas de suor. Matteo nunca foi tão engraçado quanto pensava que era.

Estreito meus olhos para ele, e ele passa a língua sobre o lábio superior. Me voltando para o meu pai, ignoro sua bunda, sabendo que ele só quer me dar corda. —O que realmente está acontecendo?

Ele encara o irmão mais novo de Luca, depois olha para mim, mas não diz nada. Meu coração salta uma batida quando suas feições duras suavizam, e ele solta um suspiro, arrependimento piscando em seu rosto.

—Papai... — Ando até a mesa dele e coloco minhas mãos suadas na superfície fria. —O que está acontecendo? — Pergunto pela terceira vez.

Olhando para baixo, vou pegar os papéis que estão em cima da madeira escura, mas ele se adianta e os pega.

—Você é surda? — Matteo late. —Eu já te disse. Você foi vendida.

Me viro mais uma vez para encará-lo enquanto ele empurra a parede. —Besteira! — Estalo. Não acredito nele por um segundo. —Não estou à venda e meu pai nunca faria isso.

*Onde diabos está Luca?*

Os cantos de seus lábios se erguem e ele para diante de mim. —As pessoas farão muito por dinheiro, — diz ele simplesmente.

Meu estômago embrulha, mas balanço a cabeça. Vendida? Não é nem uma opção. O pensamento é insondável e, para não falar, ilegal. —Não, — sussurro.

—Sim, — ele responde, levantando a mão direita para tocar minha barriga nua. —Estamos aqui para cobrar. Você vai se casar...

—Eu não vou casar com você! — Interrompo, empurrando ele para longe.

*Ele é louco?*

Matteo era um filho da puta doente enquanto crescia. Os rumores sobre ele na escola faziam com que um garoto com menos riqueza fosse condenado à prisão perpétua, mas as garotas que ele escolheu nunca

dariam um passo à frente, e eu odiava isso. A maneira como ele as observou passar pelos corredores. A maneira como ele as tocava sem a permissão delas, e elas se encolhiam fisicamente em si mesmas.

— Você tem razão. Você não vai. — Seus olhos passam rapidamente pelo meu peito arfante, torso nu e coxas vestidas com calças de ioga. — Mas você será uma Bianchi, no entanto. — Ele se inclina mais perto, seus lábios quase tocando os meus, e tenho que engolir a bile que quer subir com sua proximidade. Ele cheira a cigarros e prostitutas. Do tipo barato. — E os Bianchis compartilham tudo o que têm.

*Ele está falando sobre seu irmão?*

Quase rio. Luca não me queria naquela época e não vai me querer agora. Não como sua esposa. Se ele estivesse aqui, deitado na minha cama nu e duro, então seu carro estar do lado de fora talvez fizesse sentido. Mas isso não acontece.

Me viro para encarar meu pai mais uma vez, meu cabelo solto me batendo no rosto. — O que diabos está acontecendo? — Pergunto, quase histérica.

Seu rosto endurece. — Jovem, cuidado com a sua linguagem.

O ignoro. — Me diga que isso é algum tipo de piada. Por que eles estão realmente aqui? — Estalo.

Sei que meu pai fez negócios com eles no passado. Mas para o carro de Luca estar na frente é... inquietante, para dizer o mínimo. Ele se foi pelo

que parece uma eternidade. Se levantou e me deixou sozinha. Ele não voltaria agora. Não por mim.

Meu pai não me olha nos olhos. Ele olha para os papéis em suas mãos, mantendo-os fora do meu campo de visão. Meu coração bate forte no meu peito e minha voz falha. — Papai...

— Haven.

Meu peito aperta com a suavidade em seu tom e as lágrimas ardem em meus olhos. — Não vou, — digo, embora tenha certeza de que Matteo está mentindo. Isso deve ser um engano. Um mal-entendido.

Ele bate na beirada da mesa com os papéis. Meu pai é um cara alto com um metro e noventa. Eu tenho apenas um metro e setenta e cinco. Mas, novamente, não sou sua filha biológica. Seus olhos azuis escuros me encaram e recuo. — Está feito, — ele rosna. — Não quero ouvir mais nenhuma palavra sua!

O que foi feito? Me pergunto, balançando a cabeça, mas não consigo perguntar as palavras. Uma parte de mim sabe, mas simplesmente não entendo por quê. Meu pai nunca faria isso. Já tive problemas no passado com a polícia, tive alguns anos turbulentos e sei que ainda moro na casa dele aos vinte e quatro anos, mas não sou um grande problema. Ele não faria isso para se livrar de mim. Ele iria? — Não.

*Casada?*

Com Luca Bianchi?

Porque agora? Por que ele?

Olho para o pai dele. — Ele não vai concordar com isso.

Ele me olha de cima a baixo da mesma maneira que Matteo e me dá um sorriso que assustaria qualquer homem adulto. — Foi ideia dele.

Dou um passo para trás da mesa, depois outro. Me viro, abro a porta e corro para fora de seu escritório. Desço as escadas, atravesso a casa e saio pela porta dos fundos. Lágrimas correm pelo meu rosto, mas não paro enquanto corro pelo caminho de pedra. Então meus sapatos bateram no pedaço de grama sintética que minha mãe mandou meu pai colocar anos atrás. Contorno a piscina subterrânea e chego à parede de pedra. Estendo a mão, segurando um aperto e coloco meus sapatos em uma fenda aberta. Olhando para cima, começo a escalar, mas grito, me soltando e caindo de bunda. Adicionando outro hematoma ao meu corpo já preto e azul. Recuo enquanto o homem que tentei tanto esquecer pula de onde ele estava sentado no topo. Ele estava sentado no meu lugar favorito, esperando por mim.

— Para trás! — Grito.

Luca Bianchi está diante de mim com as mãos enfiadas na calça jeans. É maio, e ele está usando uma jaqueta de couro preta por cima da camiseta branca, mas não abriu o zíper. Ele sempre o usa. Alguns pensariam que é porque ele é frio, mas sei que é para esconder a arma e o coldre que usa. A última vez que o vi foi há quase dois anos, neste mesmo lugar. Ele mentiu para mim e depois me deixou. Nenhum texto. Nenhuma carta. Nenhuma coisa. Era uma ocorrência comum.

*Há muito tempo que jogo este jogo de gato e rato.*



Ele não se parece mais com o garoto por quem um dia me apaixonei. Ele sempre foi magro naquela época, mas está preenchido em todos os lugares certos. Pelo que posso ver, seus braços estão maiores e ele não faz mais a barba. Ele a mantém cortada curta, dando-lhe uma barba cuidada. E odeio o quanto gosto disso. O quanto isso o faz parecer um homem.

Seus olhos escuros varrem meus joelhos machucados, minha queda anterior deixando um buraco em minhas calças de ioga. Agora, o material de spandex branco está coberto de sangue e sujeira. Em seguida, eles percorrem minha barriga nua e meu sutiã esportivo, e meus mamilos endurecem quando ele lambe seus lábios deliciosos.

Cruzo meus braços sobre o peito para tentar cobri-los.

Ele agarra suas coxas vestidas com jeans, puxando o material para permitir que ele se ajoelhe diante de mim. —Olá, Haven.

O medo toma conta de mim. Como uma onda me empurrando para baixo da água, me mantendo como refém. —Por que você está aqui, Luca? E não me venha com conversa fiada.

Ele inclina a cabeça para o lado, seus olhos nunca deixando os meus, e isso me deixa nervosa. Como se ele estivesse procurando por algo. Sempre fui um livro aberto quando se tratava dele. Ele não só poderia ler meus pensamentos, mas também usaria meu corpo. Eu abriria minhas pernas para ele como um leitor ávido viraria as páginas de um livro.

Meu coração bate forte e minha respiração aumenta. Acho que vou hiperventilar. Desmaiar.

—O que você quer dizer com besteira? — Ele pergunta.

Ele ainda me considera uma mulher ingênua que vai acreditar em tudo que ele diz. Mudei tanto por dentro quanto ele por fora. Meus olhos se estreitam sobre ele. —Corta essa merda.

Ele suspira. —Estou aqui para lhe dar o que você sempre quis.

Olho para ele com ceticismo. Os homens Bianchi não são gênios do caralho. Eles não concedem a ninguém um desejo que eles desejam, a menos que seja algo que eles saibam que pode beneficiá-los. —O que eu sempre quis? — Ele enfia a mão no bolso de sua jaqueta de couro. Minha boca fica seca ao ver uma caixa de veludo preto. —Luca...

—Eu.

A única palavra tem lágrimas ardendo em meus olhos e meu peito aperta. Queria isso por tanto tempo. Para ele me amar e me querer. Mas é uma mentira, e não vou viver uma vida baseada em uma mentira. Não com ele. Para ninguém.

—Este é o seu lugar favorito. — Ele aponta para a parede de pedra. Adorava escalar antes de pular na piscina. —Foi aqui que beijei você pela primeira vez. Onde eu disse que te amava pela primeira vez. — Vacilo com essas palavras. Apenas mais mentiras. —Onde te fodi pela primeira vez...

—Entendo! — Estalo, me levantando e dou um passo para trás. Ele também se levanta e agarra a caixa na mão. Meu rosto diz a ele tudo o que ele precisa saber, e ele não está satisfeito. —Eu não vou casar com você. — Balanço minha cabeça, forçando meus lábios a dizer as palavras em voz

alta, não importa o quanto isso machuque meu coração. Ele é tudo que eu sempre quis.

— Isso não é motivo de debate, — ele rosna.

Minha cabeça está girando. Não consigo entender porque ele está aqui. Por que ele de repente me quer. E para ser sua esposa de todas as coisas. — Luca...

— Você sabe o que eu tive que fazer para que isso acontecesse?

Meu medo rapidamente se transforma em raiva. *O que ele teve que fazer?*

— Não tente fazer isso soar como se você me quisesse, — estalo. — Isso é apenas para beneficiá-lo de alguma forma.

— Haven...

— Ou você teria se casado comigo há dois anos. — Lágrimas ardem em meus olhos.

— Isso foi há muito tempo, — diz ele com os dentes cerrados.

— Ainda aconteceu. — Abro meus braços. — Bem aqui neste mesmo lugar.

— Sim, e me arrependo, — ele diz.

Meu peito aperta com suas palavras, e a primeira lágrima cai. Seus olhos estreitos suavizam, e ele passa a mão pelo cabelo escuro, a ação abrindo sua jaqueta de couro e me mostrando o punho preto de sua arma. Meus olhos vão para os dele quando ele solta um suspiro.

— Eu não quis dizer isso.

Engulo o nó enorme na minha garganta e tento controlar minha respiração e acalmar meu coração acelerado. Não quero mostrar a ele o quanto suas palavras me machucam. Desisti de nós há muito tempo. Mas toda vez que finalmente me sentia pronta para seguir em frente, ele entrava novamente em minha vida e eu caía de volta em sua armadilha como a mulher fraca que sou.

Eu odeio isso.

Eu me odeio.

— Não, pela primeira vez, você disse exatamente como se sente. — Fungo, passando minhas mãos pelo rosto para apagar as lágrimas, e então endireito os ombros. — Você não precisa fingir que quer ficar comigo. Não me faça nenhum favor. — Me viro, dando as costas para ele, e volto para a casa. Ele me segue, mas permanece em silêncio.

Entrando pela porta dos fundos, me certifico de batê-la na cara dele. O ouço soltar uma maldição antes que seja aberta. Eu não paro. Em vez disso, acelero o passo até correr pelo corredor até a frente da casa e viro à direita. Passo pelo banheiro de hóspedes e sala de jogos antes de entrar no meu quarto e ofegar.

Todo o meu conjunto de malas Louis Vuitton está no chão ao pé da minha cama, junto com minha bolsa e mochila. — O que...? — Me viro para ver Luca encostado no batente da minha porta com os braços cruzados sobre o peito e os olhos nos meus. Ele me olha com uma expressão de aborrecimento. Como se ele tivesse que estar em algum lugar e eu o estou mantendo contra sua vontade. Esse aperto volta ao meu peito, e balanço

minha cabeça enquanto aquelas malditas lágrimas começam a arder em meus olhos mais uma vez. — Não. — Isso é tudo o que posso dizer.

Ele empurra o batente da porta e caminha até mim. Quero recuar, mas estou congelada onde estou. Segurando minha bochecha manchada de lágrimas, ele sussurra: — Você pertence a mim agora, Haven. E é hora de voltar para casa.



*Luca*

### ***Dois anos atrás***

*Sento na parede de pedra, esperando que ela me encontre. Ela me disse que estaria aqui às oito, e agora são quase nove. Aperto a jaqueta de couro em volta do meu peito, tentando bloquear o frio. Por algum motivo esquecido por Deus, começou a nevar em Las Vegas vinte minutos atrás. E o fato de o sol ter se posto não ajuda.*

*Onde diabos ela está?*

*No começo, fiquei preocupado. Explodi seu telefone com chamadas e mensagens, mas ela ignorou todos eles.*

*Meus dentes rangem e meus punhos cerram. Sou Luca Bianchi e não espero por mulher nenhuma.*

*Me decidindo, pulo da parede. Assim que dou meu primeiro passo, vejo seus cabelos castanhos voando ao vento. Ela está com a jaqueta de esqui branca que comprei no ano passado para o Natal, antes de ir com ela e sua família para os Alpes.*

*Enfio as mãos nos bolsos da minha jaqueta de couro e começo a caminhar até ela. – Onde diabos você esteve? – Exijo.*

*Ela está de cabeça baixa, olhando para o chão. A neve cai em seu cabelo, mas derrete instantaneamente.*

*– Haven? – Estalo, indo até ela. – Estive aqui congelando minha bunda. – Agarrando seu queixo, a forço a olhar para mim, e seus olhos castanhos cheios de lágrimas encontram os meus.*

*– Eu sinto muito. – Seus dentes perfeitamente brancos batem.*

*– Ei. – Abro minha jaqueta e puxo seu corpo para o meu imediatamente. – O que aconteceu? – Esfrego minhas mãos ao longo de suas costas, tentando aquecê-la. Seu corpo treme contra o meu. – Aconteceu alguma coisa na escola? – Pergunto.*

*Ela está no último ano da faculdade. E esse pensamento me apavora. Não discutimos o que ela fará após a formatura. Eu nunca tive escolha. Vivo para os negócios da família. É para isso que fui feito. Mas ela? Ela poderia fazer qualquer*

*coisa. Ir a qualquer lugar. A ideia de ela seguir em frente e se afastar de mim é paralisante, mas inevitável. Especialmente porque não tenho escolha a não ser deixá-la.*

*Ela balança a cabeça e agarra minha camisa. – Eu apenas preciso de você.*

*Meu peito incha com suas palavras. Amo o quanto ela me ama, o quanto ela precisa de mim, mas sei que ela está mentindo. – Me conte. O que está errado? Eu cuidarei disso.*

*Sei que o pai dela trabalha com o meu. Ele está com a máfia, e isso me assusta pra caralho. Eu vi o que eles podem fazer. Inferno, eu fiz. Gostaria de poder protegê-la do que sei que está por vir, porque ela não merece esta vida. Os corpos ensanguentados e a chantagem. Talvez a saída de Nevada pudesse ser a melhor coisa para ela. Talvez eu deixar ela seja a melhor coisa para ela.*

*Ela se afasta, seus olhos escuros olham nos meus e uma única lágrima escorre por seu rosto. – Eu te amo, – ela sussurra entrecortada.*

*Alcançando ela, seguro sua bochecha fria. – Eu te amo, Haven.*

*– Fuja comigo.*

*– O que?*

*Ela se afasta dos meus braços, e permito, muito chocado com suas palavras. – Fuja comigo. – Ela pega minhas mãos e um sorriso enfeita seu lindo rosto. – Por favor, Luca? Sei onde meu pai tem muito dinheiro escondido. Posso pegá-lo e podemos fugir. Podemos mudar nossos nomes e nos mudar para uma ilha onde ninguém jamais nos encontrará. Só você e eu. – Ela me solta e coloca as mãos espalmadas no meu peito.*

*Removo elas e dou um passo para trás. Seu rosto cai e meu estômago também quando eu digo: – Eu não posso.*

*– Você tem que ir. Eu ouvi... – Ela se interrompe. Seus olhos se arregalaram por um breve segundo, e ela lambeu os lábios, envolvendo os braços ao redor de si mesma.*

*Minha mandíbula aperta. – O que você ouviu?*

*Ela morde o lábio inferior nervosamente.*

*– Haven? – Exijo, segurando seus ombros. – O que você ouviu?*

*Ela funga. – Seu pai estava aqui. E o ouvi dizendo aos meus que ele está enviando você em um trabalho.*

*Porra!*

*– Você está indo para a Itália, – ela chora, quebrando o silêncio. – Ele está mandando você embora, Luca. Ele vai fazer você... – Ela para de falar, olhando para mim. Seu rosto muda de pânico para dor e depois para raiva. – Você sabe, – ela sussurra. – O que quando...? – Ela balança a cabeça.*

*Passo a mão pelo meu rosto. – Eu...*

*– Você ia me contar? – Ela grita, empurrando meu peito.*

*Não queria que ela descobrisse dessa forma. – Haven...*

*– Ele vai fazer você morrer! – Ela grita, seus punhos batendo no meu peito.  
– Você não vê isso? Você não é como eles, Luca.*



*Mas eu sou. Ela não sabe sobre metade das merdas que fiz ou sobre as pessoas que matei. Quando ela está por perto, sempre escondo o lado sombrio e maligno que vem tão naturalmente para mim. Ela me faz pensar que posso ser melhor. Que talvez, apenas talvez, não precise ser um monstro.*

*— Por favor. — Ela agarra minha jaqueta. — Por favor, não vá.*

*— Haven...*

*— Me escolha, — ela chora, e meu peito aperta. Se fosse assim tão fácil. — Por favor, fuja comigo. Vou desistir de tudo por você, Luca. Estou pedindo que você faça o mesmo. — Ela cai de joelhos como se suas pernas não pudessem mais segurá-la. Caio nos meus também e puxo seu pequeno corpo no meu colo. Fecho meus olhos e a seguro. Eles se abrem no momento em que ela mexe para sentar em cima de mim. Suas mãos congeladas vão para os lados do meu rosto, mas nem mesmo recuo. O desespero em seus olhos me arrepia até os ossos. — Eu amo você. Nós podemos fazer isso. Sei que podemos. Nós merecemos essa chance, Luca. Para sermos livres e vivermos nossas vidas juntos. Como já discutimos tantas vezes.*

*Pensei isso um milhão de vezes.*

*— Se não for por você, faça isso por mim. Eu preciso de você. — Ela lambe os lábios tagarelas. — Por favor, não me deixe. Fuja e se case comigo.*

*Seguro seu rosto e solto um longo suspiro, sabendo que tenho uma escolha a fazer. E sei que é a certa. — Falei sério quando disse que te amava, Haven. Mais do que tudo neste mundo. — Seus olhos se iluminam com uma esperança renovada. — E claro. Vou fazer isso por você. Para nós.*



## *Presente*

Menti para ela.

É fácil alimentar alguém com mentiras quando você sabe que ele está morrendo de fome.

Na mesma hora, disse a ela que voltaria no dia seguinte para buscá-la. Que tinha alguns contatos para quem pudesse ligar e que precisávamos de vinte e quatro horas para reunir nossas coisas e sair do país. Para passar o resto de nossas vidas juntos, precisaríamos passar a noite separados.

Três horas depois, embarquei em um jato particular com o coração pesado. Foi a melhor coisa a fazer na época. Não teríamos sido capazes de correr e viver a vida que eu queria que tivéssemos. Fui chamado para servir e ninguém foge da Máfia. Nem mesmo Luca Bianchi. Eles teriam me esfolado vivo por minha traição. Teria sido doloroso. Já vi isso ser feito e teria acabado em uma cova rasa depois de uma semana sofrendo a tortura.

Mas Haven? Meu pai poderia ter feito dela sua prostituta pessoal. Ou a vender para seu melhor amigo. Ou pior ainda, entregar ela aos meus irmãos. Não poderia ter feito isso com ela. Então menti. A machuquei, sabendo que teria que reconquistá-la quando voltasse. As coisas não são as mesmas desde que fui para a Itália. Não sou mais um menino tentando

lutar contra o inevitável. Sou um Bianchi, e os Bianchis vivem e morrem de acordo com o código.

Ficar aqui em seu quarto, observando ela me encarar com ódio e medo não impedirá meus planos. Sabia que esse dia chegaria. Mesmo se eu tivesse que rasgar o chão sob seus pés e carregar ela chutando e gritando, ela seria minha.

# CAPÍTULO DOIS

*Haven*

Ele pega minha mão. Vou puxá-la, mas ele é mais rápido. Ele me puxa para fora do meu quarto e sobe as escadas. Sinto meu peito apertar enquanto caminhamos pelo corredor. Sei para onde estamos indo, e empurro meus tênis de corrida no chão para tentar nos parar.

Não funciona.

Se aproximando da porta que atravesssei mais cedo, ele coloca sua grande mão firmemente nas minhas costas nuas. Abrindo a porta, ele me empurra para dentro. Paro rapidamente quando três pares de olhos olham para mim.

— Essa é a noiva. — Seu pai sorri para mim.

Meu estômago embrulha com suas palavras. Como uma âncora em um oceano sem fundo, me puxando cada vez mais fundo na água escura, incapaz de respirar. A luz do céu fica mais fraca a cada segundo.

— Haven, — meu pai diz meu nome.

Meus olhos lacrimejantes vão para os dele, e ele não parece nem um pouco arrependido. Ou preocupado. — Por que? — Resmungo. Minha

família sabe o quanto a partida de Luca me destruiu. Minha mãe tentou me distrair com coisas caras, mas meu pai apenas evitou completamente.

Ele inclina a cabeça para o lado, olhando para mim com preocupação, como se eu estivesse prestes a ter um colapso nervoso. Acho que a situação o justifica. Me pergunto se ele me colocaria em um hospital psiquiátrico se me recusar a fazer isso? Um pai pode fazer isso com uma filha quando ela é legalmente uma adulta? Tenho certeza que ele poderia. Mas uma camisa de força e uma sala acolchoada seriam melhores do que ser uma Bianchi. Melhor do que cumprir uma sentença de prisão perpétua com um homem que odeio porque ele me fez de idiota.

— Eu já te disse. Dinheiro.

Me viro e vejo que Matteo ainda está encostado na parede perto da porta. Seus olhos negros, que combinam com os de seu pai, caem no meu peito novamente e depois no meu estômago. Envolver meus braços em volta de mim, odiando o quão exposta estou. Deveria ter me trocado enquanto estava no meu quarto.

Uma mão firme agarra meu braço, me girando. Olho para cima para ver Luca olhando para mim. Ele tira sua jaqueta de couro e a coloca sobre meus ombros. Rapidamente enfio meus braços nas mangas quentes, grata pela capa, mesmo que ela me engula. Meus olhos caem para o coldre da arma que está em seus ombros e a arma .380 preta que está em seu lugar. Não tenho medo de armas porque fui criada em torno delas. Meu pai está sempre carregando e minha mãe também. Além disso, por estarem tão perto dos Bianchis, eles sempre tinham guarda-costas armados por perto.

Tenho a ideia de tirar dele para atirar em seu pai, mas aonde isso me levaria? Luca não me ama. Ele provou uma e outra vez que sua lealdade não é minha. E por mais que o odeie agora, não quero morrer.

—Vamos começar a trabalhar, vamos? — Meu pai bate palmas e pulo com o som.

—Sim, devo voltar para Nova York, — concorda o pai de Luca. Por mais que John Bianchi faça negócios aqui, ele odeia estar em Las Vegas. Ele tem homens aqui, como Luca, que cuidam das merdas dele para ele. Luca comanda o show, e Matteo desempenha um segundo lugar próximo. — A festa de divulgação do noivado será nesta sexta-feira. Na casa de Luca.

*Isso é em dois dias.*

—E o casamento será em duas semanas, — acrescenta. —Será realizado na Catedral de Santa Maria, e a recepção será aqui.

—Ninguém vai acreditar, — sussurro, minha garganta apertando.

—Oh, eles vão. — Seu pai acena com a cabeça uma vez. —Porque senão haverá consequências.

Meus joelhos ameaçam ceder com sua ameaça. Foi entregue com tanta calma, até doce, mas sei que ele está falando sério. O homem é conhecido por matar pessoas. Sua família sempre esteve na mídia. Ele foi preso por assassinato, mas nunca condenado. Ele paga por isso ou mantém as mãos limpas. De qualquer forma, ele não é para ser fodido.

Luca me conduz até uma cadeira de couro preto na frente da mesa do meu pai.

— Eu admito, isso é incomum. Na maioria dos casamentos mafiosos, a noiva é sempre virgem. — John me dá um sorriso malicioso. — Mas todos nós temos plena consciência de que meu filho estourou aquela cereja anos atrás.

*Acho que vou ficar doente.*

Meu pai abre uma gaveta e meu coração bate forte quando o vejo remover a papelada anterior e colocá-la na superfície.

— Não. — Pulo de pé. — Não vou fazer isso.

— Haven... — Luca começa.

Seu pai o interrompe, cuspiendo um italiano que não entendo. Quatro anos em duas línguas estrangeiras diferentes e nunca estudei italiano. Luca e eu sempre brincamos que ele iria me ensinar, mas nunca chegamos a isso.

Luca fala algo de volta, e seu pai endireita os ombros. Então seus olhos pousam nos meus. Dou um passo para trás.

— Eu já assinei, — meu pai rosna. — E os Bianchis também.

Um tornio aperta meu peito e balanço minha cabeça. Ele dá a volta na mesa, pegando os papéis, e quando vou me virar e sair, ele agarra minha mão, apertando meus dedos.

— Ai, papai, — grito. — Você está me machucando.

Ele me puxa para a mesa e tropeço em meus próprios pés, caindo nela. Ele agarra minha nuca e me segura sobre ela. Minhas palmas atingem a superfície e estou ofegante. As lágrimas ardendo em meus olhos me

impedem de ler as palavras no papel branco diante de mim. — Assine! — Meu pai grita.

Balancei minha cabeça. As lágrimas que nublavam minha visão voam, mas novas imediatamente as substituem. — Eu não vou...

Ele coloca uma caneta na minha mão esquerda e, em seguida, envolve a minha mão, esmagando meus dedos dolorosamente. Puxo para longe, e sua grande aliança de casamento corta meu dedo. Tropeço para trás, segurando minha mão no meu peito.

Meu pai se endireita e seus olhos azuis me olham com desapontamento. Nunca o vi assim. Ele nunca me tratou nem remotamente perto disso. Porque agora? Por que eles?

— Tudo bem, — ele rosna, então se inclina sobre a mesa e assina meu nome para mim.

— Isso nunca vai se sustentar no tribunal, — cuspo para ele, meu peito apertando com sua traição.

— Nós somos o tribunal, — diz o pai de Luca com um sorriso sinistro.

Aperto minhas mãos, minhas unhas cravando na minha pele. Com raiva e quebrada, estou aqui indefesa. O que fiz para ele me vender tão facilmente? Ele havia planejado isso o tempo todo?

Olho para Luca, e ele está olhando para o sorriso presunçoso do meu pai. Ele não me quer. Isso é obra de seu pai. Ele me deixou e não planejava voltar. Mas nossos pais se reuniram e elaboraram este plano insano para



conectar nossas famílias. A única pergunta é por quê? Não somos a máfia. Meu pai não é um chefe da máfia. Que eu saiba.

— Nite. — Luca grita um nome e salta para trás quando um homem sai do canto escuro.

Oliver Nite. Eles o chamam de Silent Nite. Ele não fala, não mais, e não sei por que ele fez um voto de silêncio. Há quanto tempo ele está aí? Ele olha para Luca, seus braços grandes e musculosos caídos ao lado do corpo. Ele seria muito atraente se não fosse por sua expressão de raiva e atitude de matar todos.

— Remova Haven da sala, — ele ordena.

Tenho um momento de pânico quando minha garganta fecha. Não quero estar aqui, mas também não quero estar com Nite. Nunca fomos próximos. Ele é um Bianchi. Um assassino.

Quando vou protestar, os olhos de Luca pousam nos meus, e há um desafio neles. Para desafiá-lo. Para forçar sua mão. Para dar a ele a chance de provar aos outros homens nesta sala que ele é meu dono. Minha mãe me ensinou a escolher minhas batalhas, e enquanto estou em uma sala com cinco homens muito poderosos, sei que as batalhas ainda nem começaram.



Luca

A porta fecha quando Nite remove Haven da sala.

Giro para seu pai, minha mão envolvendo em torno de sua garganta. Praticamente o jogo na mesa. — Luca...

Aperto, tirando seu ar, e me inclino sobre ele. — Nunca mais toque nela de novo. Você entende?

Seus olhos azuis se estreitam para mim. Suas mãos agarrando meu pulso que o mantém cativo.

— Você entende? — Estendendo minha mão livre, pego a caneta que ele usou para assinar o nome dela e o esfaqueio no braço com ela e solto seu pescoço.

— Seu filho da puta... — Ele rosna enquanto rola para fora da mesa. Tossindo, ele se endireita e puxa a caneta do braço, jogando ela sobre a mesa. Não foi muito, mas vai ser um lembrete. — Seu merdinha!

Fecho minha mão direita e ataco, o golpe o joga na estante atrás de sua mesa. Seus olhos reviram para a parte de trás de sua cabeça, e ele fica mole por tempo suficiente para cair no chão. Ele acorda segundos depois, e agarro seu paletó, puxando sua bunda para cima. Ficando em seu rosto, eu rosno. — Você a entregou. Ela não pertence mais a você e não responde mais a você. Ela agora é minha. Farei com ela o que achar adequado e a

punirei como eu achar conveniente. Você me entende? — Estou gritando. Posso sentir meu pulso pulando no meu pescoço. Meu corpo treme fisicamente de raiva.

Queria arrancar a porra da mão dele quando ela gritou que ele a estava machucando. Mas tive que mostrar alguma contenção na frente dela. Meu pai está presente, e este é apenas mais um teste. Não vou tratar Haven como ele trata minha mãe. Vou defender minha esposa. Mas vou garantir que todo filho da puta saiba que eu a controlo. Eu a possuo.

— Sim, — ele finalmente rosna, e o empurro para trás.

Ignoro o sorriso presunçoso do meu pai e a sobrancelha levantada do meu irmão e saio do escritório.

# CAPÍTULO TRÊS

*Haven*

*Dois anos atrás*

*Deito na minha cama, enrolada em uma bola. Não me movo há horas. Não sei que horas são, mas o sol se pôs.*

*Não fiz nada além de chorar. Não consigo comer, não consigo dormir. Meu coração dói muito.*

*Luca me deixou. Ele me disse que me amava e que fugiríamos juntos, e então ele... puft... se foi. Tenho ligado para ele, mas vai direto para o correio de voz. Meus textos ficam sem resposta. Continuo dizendo a mim mesma que preciso seguir em frente e chegar a um acordo com isso, mas não posso. Me recuso a acreditar que todo esse tempo foi uma mentira.*

*— Haven? — Minha mãe sussurra meu nome, entrando em meu quarto. — Querida, você precisa comer alguma coisa.*

*— Não estou com fome. — Minha voz está rouca de tanto chorar.*

*A cama afunda atrás de mim e sinto sua mão nas minhas costas. — O que você quer comer? Você se sentirá melhor se...*

*— Ele nunca me amou, — a interrompo e aperto meus olhos fechados.*

*– Eu não acredito nisso, e nem você.*

*Me viro e olho para ela. – Então por que ele me deixaria?*

*Ela suspira, passando a mão no meu ombro. – Algumas coisas não podem ser explicadas, Haven. O mundo em que Luca vive é diferente da maioria. Talvez, de certa forma, ele pensasse que estava fazendo o que era melhor para você.*

*– Não, – choro. – Ele ir embora não é o melhor para mim.*

*– Venha aqui. – Ela abre bem os braços e me levanto e rastejo para eles.*

*Abraçando ela com força, choro em seu ombro. Não sei o que dói mais. O fato de que ele disse adeus tão facilmente, ou o fato de que não posso evitar, mas ainda o amo.*



### ***Presente***

De onde estou sentada no banco do passageiro do carro de Luca, olho para vê-lo sair pela porta da frente da casa dos meus pais. Ele desce correndo os degraus de pedra. Assim que chega ao fim, ele para e fala com Nite, que apenas concorda algumas vezes com o que quer que Luca esteja dizendo antes de caminhar em direção ao carro.

Rapidamente enxugo as lágrimas do meu rosto, não querendo que ele me veja assim. Tão quebrada. Tão derrotada. Acabei de assinar um contrato. Bem, meu pai assinou por mim, mas o pai de Luca estava certo. Eles são o tribunal. Eles são donos desta cidade. Eles não chamam isso de cidade do pecado à toa. A pior parte é que não tenho ideia do que havia naquele contrato. E isso me apavora.

Ele entra no carro, batendo a porta, e sai, fazendo os pneus guincharem na garagem.

Me acomodo no banco do passageiro de seu carro de edição limitada. Ele aprecia isso. Gostaria de ter tomado o café da manhã para poder vomitar aqui e agora, mas meu estômago está vazio. Meu coração se partiu.

*É hora de ir para casa.*

Sonhei com ele me dizendo isso antes, mas não foi porque ele me comprou. Era porque ele não poderia viver sem mim. Meus pais me jogaram para os lobos, sabendo que ele poderia me rasgar em pedaços.

Há quanto tempo ele está pensando nisso? Há quanto tempo ele sabia que iria aparecer na casa do meu pai hoje e pedir à minha mãe para arrumar minhas coisas e me tirar de casa?

Um tempo.

Luca nunca faz nada sem pensar primeiro. Ele foi treinado para pensar em todos os resultados possíveis. Cada opção. Ele foi projetado para tirar o máximo proveito de cada situação. Uma parte de mim sabe que não posso

culpá-lo. Não é culpa dele que seu pai seja um Don. E ele deve seguir seus passos.

Ficamos em silêncio no carro, exceto por seu rádio. 'Devil's in the Backseat' de Lostboycrow toca, e a cada segundo que passa, meu coração fica mais pesado.

Ele para, pressionando um botão em seu painel, e o portão de ferro forjado preto se abre. Nós avançamos e vejo a mansão que ele chama de lar diante de nós.

É tudo que sempre quis e tudo que desprezo ao mesmo tempo. Ele dirige sob a passagem aberta que conecta a casa à garagem individual para cinco carros, em seguida, contorna a garagem circular nos fundos. Uma piscina fica à esquerda em frente a uma casa com piscina.

Ele sai e dá a volta para abrir minha porta, mas saio antes que ele possa chegar lá. Não há necessidade de fingir ser um cavalheiro.

Ele pega minha mão. Vou puxar, mas ele é mais rápido. Seu aperto aumenta e recuo. Ele me puxa para baixo da varanda dos fundos e olho para os móveis de jardim que ocupam o grande espaço. É uma cor creme com almofadas laranjas queimadas. Uma rede está no canto amarrada a duas grandes palmeiras. Tem uma cozinha completa de última geração com lareira de tijolos. Só o melhor quando se trata de um Bianchi.

Ele empurra a porta de vidro e entramos na casa. Dou uma olhada rápida em volta. Estive aqui mil vezes. Seu pai comprou esta casa para ele depois que ele se formou no colégio, o que foi conveniente para nós. Não é

como se tivéssemos que esconder nosso relacionamento antes. Seu pai não se importou e minha mãe fez vista grossa para minha vida sexual. Ela gostava de pensar que não existia, e meu pai nunca parecia desaprovar. Agora estou me perguntando se é por isso. Ele e o pai de Luca planejaram isso o tempo todo?

Eu ficaria e, quando acordasse, ele já teria ido embora. Fingia que era sua esposa e corria pela casa com sua camiseta. Era um sonho que queria desesperadamente que se tornasse realidade.

*Cuidado com o que você deseja.* Seu sonho pode rapidamente se tornar seu pior pesadelo.

Ele abre a porta do quarto e, no momento em que solta minha mão, paro.

—Suas coisas serão entregues em breve. — Suas palavras são vazias, mas me cortam como uma faca. Ele é tão frio. E posso sentir sua raiva. — Você tem seu próprio armário...

—Eu não estou colocando minhas coisas aqui. — Finalmente encontro minha voz.

Ele se vira para me encarar. —Sim. Você está.

Balancei minha cabeça. —Me recuso...

—Você vai parar? — Ele explode, me fazendo estremecer com a nitidez de seu tom. Ele nunca falou comigo assim no passado. O que ele fez na Itália que o mudou tanto? —Pare de agir como esse gatinho assustado,



Haven. — Ele vem de volta para mim. — Esta não é uma sentença de morte. Esta é a nossa casa agora.

Bufo, encontrando aquele fogo também. — Você acha que vou deitar e dormir com você em uma cama em que fodeu suas prostitutas? — Pergunto com força.

Odeio o fato de não ter estado com um único homem desde que ele me deixou. Agora gostaria de ter fodido qualquer um que olhasse na minha direção. Sei que ele fez.

Ele se inclina, seus lábios roçando suavemente minha orelha. O cheiro dele com o qual queria me cobrir agora está com um cheiro azedo. — Isso nunca te parou antes.

Aperto minhas mãos e o empurro para longe de mim. Ele não se move. Em vez disso, suas mãos agarram minha cabeça e ele a inclina para trás. Seus lábios devoram os meus um segundo depois. Seu beijo é como a dor, exige ser sentido. Tanto que me deixa com os joelhos fracos.

Ele tem gosto de tudo que odeio e amo ao mesmo tempo. Sua língua entra na minha boca e tento me afastar, mas ele morde meu lábio e choramingo. O beijo de volta. Agressivamente. Pego todo o meu ódio e coloco neste beijo. Esperando que ele engasgue com isso.

Mordo seu lábio com força e suas mãos passam em meu cabelo, agarrando-o. Meu couro cabeludo parece mil alfinetadas. Ele morde meu lábio desta vez, e sinto o gosto de sangue.

Ele se afasta e respiro fundo, tentando limpar meus pensamentos. Minha mente. Este é o seu plano. É assim que ele vai me prender em uma luxuosa mansão e me fazer nunca mais querer ir embora. E não tenho certeza se serei capaz de lutar contra isso.

Seus olhos escuros vagam pelo meu rosto. Ele levanta a mão e recuo. Seu rosto fica duro como pedra. — Eu já bati em você? — Ele questiona com um grunhido.

— Não, — respondo suavemente.

— Eu não vou bater em você, Haven. — Ele solta um suspiro e inclina a cabeça para frente, descansando sua testa na minha.

Prendo minha respiração.

— Mas preciso que você entenda isso quando digo que você será minha esposa. — Ele se afasta e olhos duros me encaram. — Eu serei seu marido. E vamos compartilhar esta cama.

Então ele dá um passo para trás e sai do quarto, fechando a porta atrás de si.



*Luca*

Sento no meu Bugatti La Voiture Noire no meio da noite. As luzes estão apagadas e o rádio também. Felizmente, a fileira de arbustos atrás dos quais estou me escondendo é baixa o suficiente para nos cobrir, enquanto ainda me dá uma visão clara da capela para casamentos do outro lado da rua. Há 20 anos era uma casa funerária, mas depois Alberto Rossi a transformou em capela para casamentos. Acho que ele sentiu que os vivos lhe trariam mais dinheiro do que os mortos. E ele só precisava de uma cobertura.

Meu irmão está sentado no banco do passageiro, me deixando maluco, soprando bolas com seu chiclete. — Se você estourar mais uma bola, vou esfaqueá-lo no pescoço com minha faca. — Finalmente falo com ele.

Ele bufa. — Alguém não está conseguindo boceta suficiente. O que está errado? A futura Sra. Bianchi não abre as pernas para você?

Ignoro ele. Minha vida sexual não é da conta dele. Não importa o quão certo ele possa estar.

Deixei Haven em nosso quarto hoje cedo e não a vi desde então. Tinha trabalho a fazer. Honestamente, estou muito chateado com ela. Achei que ela ficaria feliz. Ela sempre quis casamento, um lar e filhos, e vou dar isso a ela. Acho que ela ficou mais chateada por ter sido vendida do que pelo fato de ter que se casar comigo. Não ia dizer a ela que a comprei. Tinha planejado manter isso em segredo, mas meu irmão estragou tudo. Assim como ele faz tudo.

—Só uma dica, não comeria o que ela cozinha para você. Veneno não é tão difícil de encontrar.

Faróis brilham à nossa frente e uma limusine para na rotatória. Um cara vestido com uma calça jeans rasgada e uma camiseta amassada sai da parte de trás. Ele ajuda uma ruiva muito bêbada sair atrás dele. Eles entram na capela de mãos dadas.

—Não tenho certeza do que você esperava, — ele continua. —Você a deixou. Ela sempre vai odiar você por isso.

—Eu não tive escolha.

Ele bufa. —Ela pode acreditar nas suas besteiras, mas nós dois sabemos que você teve uma escolha. — Ele olha para mim. —Você escolheu a garota errada.

Minhas mãos agarram o volante. —O que está feito está feito. — Tomei uma decisão e vivi com ela por quase dois anos. Ela vai superar isso ou não vai. Neste ponto, realmente não importa. O mundo saberá que ela é minha esposa.

Ele acena com a cabeça. —Papai é...

—Eu não me importo em falar sobre papai e o que ele é, — o interrompo. Ele não me quer com Haven. Ele tinha outros planos para mim, mas não vou permitir que ele comande minha vida. Ele tem três outros filhos com quem pode fazer isso.

Cruzo os braços sobre o peito e o casal sai correndo pela porta de vidro. Ela carrega um buquê preto na mão direita. Ele a pega, jogando-a por cima

do ombro, e dá um tapa na bunda dela antes de colocá-la de volta na limusine, e ela sai.

Meu irmão suspira. — Estamos aqui há mais de duas horas. Talvez você tenha entendido errado.

— Eu não fiz, — rosno.

— O que exatamente Titan disse a você?

Inclino minha cabeça para trás contra o encosto de cabeça. Já disse isso a ele uma centena de vezes. — A Rainha disse que ouviu o cliente ao telefone. Ele disse que haveria uma queda esta noite. Sem tempo. Mas ela tinha certeza de que Rossi foi mencionado.

— Claro, ela fez. — Ele bufa. O silêncio cai sobre o carro mais uma vez, mas dura apenas alguns segundos antes que ele fale. — O que você acha que Rossi está tramando? Por que ele não veio atrás de nós?

Tenho me feito essa mesma pergunta todos os dias nos últimos quatro anos. Nite e eu matamos seis de seus homens na montanha naquele dia. Por que não fazer seu movimento? Rossi não é conhecido por sua paciência. Se eles querem que você morra, eles irão até sua casa, escola dos seus filhos ou até mesmo sua igreja e atirarão em você bem no meio dos seus olhos e então irão embora.

— E se isto for uma armação? — Ele continua. — Eles poderiam ter pago à prostituta uma grande quantia em troca dela para divulgar esta queda falsa. Nós entramos correndo. Eles nos matam. Acabou. Tudo mentira.

Passo a mão pelo meu rosto. — Acho que só teremos que esperar para ver. — Vejo faróis vindo em nossa direção e uma van branca logo atrás dele. — Não teremos que esperar muito. — Estendo a mão e bato no dele ombro.

Ele se endireita, pega a arma em seu colo e confere o carregador em sua .380. Todas as piadas de lado por enquanto.

Faço o mesmo e olho para ele. — Fique comigo.

Ele concorda.

— Eu falo sério, — rosno. Da última vez que fizemos um trabalho, ele saiu de perto de mim e acabou levando um tiro no braço. Você teria pensado que o filho da puta estava morrendo. Até tive que carregar ele.

— Eu sei...

— Não, você não sabe, — o interrompo. — Fique comigo, ou eu mesmo atiro em você.

— Sim. Sim. — Ele empurra a porta do passageiro e salta.

Saio também e ele me segue pela rua escura até a capela. Correndo, venho para o lado e empurro minhas costas contra o prédio de tijolos. Seguro a arma na minha frente e miro, pronto para atirar a qualquer segundo.

— Isso é tudo isso? — Um homem pergunta. Reconheço a voz. É o braço direito de Rossi, Donatello. Ele substituiu Bernard, o cara que deixei como morto na encosta da montanha quatro anos atrás.

Rossi e meu pai já foram amigos e trabalharam juntos até se separarem. Ninguém sabe o que aconteceu, exceto eles. Honestamente, estou surpreso que ambos ainda estejam vivos. Na maior parte do tempo, ficamos do nosso lado de Vegas e ele fica do lado dele. Então ele veio atrás de minha família e todas as apostas foram canceladas.

Mas, mais uma vez, esta noite, vamos até ele. Vamos tirar dele novamente. Porque não me importo com o que tenho que fazer depois de entrar pelas portas dos fundos, mas cada um de seus homens que ver esta noite estará morrendo. Vou inclinar a balança a favor de Bianchi. E meu casamento com minha namorada da faculdade vai empurrar minha família para a frente dessa guerra. Não importa se ela sempre me amou ou se agora me odeia. É um negócio. Minha vida sempre foi assim e não estou prestes a mudar agora. Não quando minha família precisa de mim, além disso, isso me dá o que quero. Ela.

— Não. Há mais uma mala no carro, — uma voz desconhecida responde a ele.

— Vá e pegue, — Donatello exige. — É tarde e quero ir para casa, porra.

— Sim senhor.

Ando pela lateral do prédio de tijolos até chegar nos fundos. Espreito minha cabeça ao virar da esquina para ver um homem vestido com jeans escuros e uma camiseta preta caminhando até a van branca. As portas duplas nas traseiras estão abertas. Ele se inclina e pega um saco de lixo.

Enfio a arma no cós da calça jeans, tiro a faca da bota preta e corro até ele. Venho por trás, bato minha mão sobre sua boca e puxo sua cabeça para trás. Então corto seu pescoço de orelha a orelha, me certificando de enfiar a faca fundo o suficiente para fazer o trabalho.

O sangue espirra no saco e na traseira da van. Seu corpo fica mole e removo minha mão de sua boca. Ele cai de joelhos, depois para a frente, a cabeça batendo no para-choque traseiro antes de cair no chão e sangrar.

Dou um passo para trás e corro o lado da lâmina em meu jeans preto antes de colocá-la de volta na minha bota. Pegando o saco, jogo para meu irmão mais novo. — Leve isso para o carro.

Ele arqueia uma sobrancelha. — A respeito...?

— Agora, Matteo, — estalo, sabendo que disse a ele antes para ficar ao meu lado o tempo todo. Não estou com vontade de ouvir suas merdas agora. Tenho bolas azuis e preciso acabar com isso.

Ele solta um suspiro, mas se vira e corre de volta para o meu carro para guardar o saco.

Um para baixo.

Pegando o cadáver, jogo seu traseiro gordo na parte de trás da van e fecho as portas. Não posso fazer muito quanto ao sangue no solo, mas a equipe de limpeza cuidará disso assim que eu ligar.

Puxando minha arma de volta, abro a porta dos fundos do prédio e me arrasto para dentro da capela. É tranquilo, me avisando que o que quer que



esteja acontecendo está lá em cima. Rossi nunca faria isso no primeiro andar.

Subo as escadas em silêncio, minha arma firme em minhas mãos. Assim que chego ao patamar, olho para a esquerda e para a direita. Está frio. Não importa há quanto tempo a funerária está fora de uso, o cheiro de cadáveres perdura. Está nas paredes. Nenhuma quantidade de alvejante ou tinta poderia cobrir isso. É por isso que estou tão surpreso que alguém queira se casar abaixo disso.

Faço meu caminho pelo longo corredor, e uma única luz zumbe acima da minha cabeça. O velho papel de parede florido rasgado em alguns pontos. O tapete marrom manchado e alguns pedaços faltando. Chego a uma porta à minha esquerda e a abro. Está vazio, exceto os dois grandes crematórios revestidos de metal lado a lado.

*Hmm, podemos fazer uso disso.*

Fechando a porta, continuo abrindo a próxima. O piso de concreto está coberto de sangue seco e a parede dos fundos tem três portas de metal. É aqui que eles armazenam os corpos. São duas placas de metal com pias na extremidade, onde são lavados antes de colocá-los no sistema de refrigeração.

Entrando na sala, fechei a porta atrás de mim suavemente. Caminhando até as portas, abro uma, mas está vazio. Fecho e abro o próximo. Para minha surpresa, ele tem um corpo. Pensei que estava fora de serviço. Mas sempre suspeitamos que a capela fosse uma fachada. Uma etiqueta em seu

dedo do pé me diz que seu nome era Jacob Miller. Trinta anos e era doador de órgãos.

*Aposto que sim.*

Isso é o que eles fizeram no passado. Eles roubavam corpos do hospital, removiam todos os órgãos e, em seguida, enchiam seus corpos de drogas ou dinheiro. Em seguida, eles os enviam. É difícil para os cães de busca reconhecer o cheiro de drogas quando você tem um cadáver apodrecendo na frente deles.

— Ele está aqui, — uma voz grita.

*Merda!*

Fechando a porta, abro aquela que sei que estava vazia e rastejo para dentro. Deito e olho para a escuridão total. Isso assustaria qualquer pessoa, exceto eu, pela minha família. Vi meu primeiro cadáver aos dez anos de idade, quando meu pai matou meu tio. Na época, estava com medo do que ele era capaz, mas não demorei muito para entender. Um mês após o assassinato de meu tio, minha tia Ava foi morta a tiros em sua própria casa. Meu pai não me fez testemunhar isso.

A Máfia leva seu código de silêncio muito a sério. Você não fala, porra. Para qualquer um, sobre qualquer coisa.

— Quando eles vão embarcar? — Uma voz familiar pergunta, e minha mandíbula aperta. Davis Ricardo é o seguidor mais leal de Rossi, mas ele quer ser o número um. Ele quer ser o único por cima e no comando, e para

conseguir isso, ele terá que foder com ele. É só uma questão de tempo. Ele vai se cansar de esperar. Eventualmente.

— Amanhã. Não quero que eles fiquem parados por muito tempo. Vamos colocá-los no avião e levá-los para fora. Eles chegarão ao seu destino na sexta-feira.

*Não, eles não vão.*

— Tudo bem, coloque a mulher neste aqui. — Ouço ele bater na porta daquela em que estou.

*Merda!*

Bato na lateral do meu relógio Apple para iluminar a pequena quantidade de espaço que posso ver. Felizmente, é aberto. Normalmente, eles teriam gavetas individuais para cada corpo, mas esses bastardos podem ser baratos, e eles optaram por comprar o tipo em que cada nível é aberto, então custa menos para esfriar.

Agradeço a Deus por isso.

Rapidamente rastejo, tentando ficar quieto, e seguro minha arma para não a deixar cair nas mesas de metal. O espaço é apertado e frio. Assim que chego ao próximo que está disponível, me deito e fecho os olhos, apagando a luz.

*Onde diabos está meu irmão?*

— Quanto tempo vai demorar? — Donatello pergunta.

— Não devo demorar mais do que trinta minutos para embalar o corpo.

—Faça isso, — ele ordena.

Sorrio para mim mesma, pronto para começar esse show. Posso enfrentar todos de uma vez, mas prefiro um de cada vez.

Ouçõ a porta da sala se abrir. —Senhor? Gabe está morto.

*Porra!*

—O que? — Donatello explode.

—Encontrei ele na parte de trás da van, — um homem fala. —Garganta cortada.

—Encontre quem fez isso, — ele late. —Eu quero o lugar cercado. Agora!

—Sim senhor.

Então a sala fica em silêncio. Prendo a respiração para ouvir qualquer tipo de ruído, mas não ouço nada. Abro a porta e pulo para fora, procurando meu irmão. Nenhuma pista.

—Quero tudo enviado esta noite, — ordena Donatello do corredor, mas não consigo ver ele. — Alguém, em algum lugar abriu a boca.

—Mas senhor, a caminhonete não estará aqui até amanhã.

—Então faça um fodido telefonema e me assegure que ela partirá hoje à noite, — ele late. —Se você não fizer isso acontecer, vou encher o seu corpo com essas drogas eu mesmo.

Andando pelo corredor com minhas costas pressionadas contra a parede, seguro minha arma e viro a esquina. Vejo Donatello parado no final de outro corredor com dois caras flanqueando cada lado. Seus guarda-costas. Ele usa um terno preto com uma camisa de botões vermelha e uma gravata preta e branca, cortando seu queixo duplo. Seu cabelo antes escuro agora está raspado perto de sua cabeça. Ele segura um charuto em uma das mãos e uma arma na outra.

— Acho que devemos evacuar, senhor, — sugere um deles.

Ele bufa. — Rossi vai matar cada um de nós se não movermos essa merda.

Ricardo aparece. — Vou ficar para trás e cuidar disso. Você precisa sair. Vou ligar para Rossi e informar do que está acontecendo, — diz ele, passando a mão pela barba por fazer. Ele está nervoso. Bom.

Rossi vai questionar sua lealdade. Não porque ele vai pensar que falou, mas porque ele vai pensar que foi descuidado e de alguma forma avisou alguém e foi seguido.

Levanto minha arma e aponto direto para Donatello, esperando Ricardo sair do meu caminho para me dar um tiro certo.

— Tudo bem, — ele rosna. — Eu vou. — Ricardo dá um passo à frente, me dando um tiro certo, e aproveito. Mas, no último minuto, ele se move novamente e a bala passa zunindo por ele. Ricardo pula em cima dele, jogando ele no chão de ladrilhos. Com as armas levantadas, eles apontam na minha direção, e pulo para fora do caminho, caindo para o meu lado e

deslizando pelo chão enquanto o tiroteio irrompe no pequeno espaço. Puxo o gatilho, repetidamente, até que não haja mais nada. Pedacos da parede e do teto caem ao meu redor. Saltando, corro para uma sala adjacente, fechando a porta atrás de mim. Largo o pente agora vazio e substituo por outro que tiro do bolso antes de apontar para a porta. Ela abre, e vou atirar, mas vejo que é meu irmão.

Abaixo minha arma. —Onde diabos você esteve? — Sussurro asperamente.

Ele também se vira para a porta. Sua camisa está coberta de sangue junto com suas mãos. Ele está limpando nas calças. —Estava voltando do carro e vi dois homens andando na frente.

—E? — Rosnei em sua imprecisão.

—Matei Isaac. O outro escapou, — ele explica com um grunhido. Meu irmão odeia perder.

Fomos criados para ser competitivos. Certa vez que ele jogou beisebol no nosso colégio. Ele foi retirado da equipe depois de dar um soco no rosto do treinador quando ele foi obrigado a correr uma volta após bater no treino. Essa foi sua única semana como Tigers.

—E você? Matou mais?

Balanço minha cabeça e caminho até a porta. —Não. Mas precisamos acabar com isso.

Ele acena com a cabeça uma vez.

Respiro fundo e chuto abrindo a porta, uma arma em ambas as mãos. Segurando elas, estou pronto para atirar em qualquer coisa, mas nos deparamos com o silêncio. Quando olho em volta, meus olhos se estreitam. O que eles estão fazendo? Para onde eles foram?

Pneus cantam, e desço as escadas correndo até a porta dos fundos, abrindo ela. As luzes traseiras da van estão diminuindo ao longe. Miro e dou mais tiros, mas nenhum deles faz contato. — Porra!

Meu irmão ri atrás de mim. — Cara, ela fodeu com a sua mente? Não se passaram nem vinte e quatro horas completas ainda. Desde quando você erra?

Me viro, apontando a arma para sua cabeça. — Aposto que não vou errar daqui. — Arqueio uma sobrancelha.

Ele apenas sorri para mim. — Você está sem balas.

— Estou? — Questiono. Abaixando a arma, eu puxo o gatilho, enviando uma bala para o chão. Bem entre seus pés.

Ele salta para trás. — Que se foda, cara. Que porra é essa?

— Não brinque comigo, Matteo. Não estou com humor, — advirto.

Seus olhos se estreitam nos meus, mas ele não diz nada. Libero o pente e puxo o último do meu coldre. — Vamos, estou pronto para acabar com essa merda.

Entro na sala novamente com todos os corpos para encontrar um homem de pé de costas para nós. Ele está empurrando um pacote de

drogas no cadáver. Venho por trás dele e pressiono a arma na parte de trás de sua cabeça.

Ele choraminga e joga as mãos para cima.

— Vou levar este. — Meu irmão fala, puxando a arma de seu quadril e aponta junto com a minha para ele.

— Isso é tudo? — Exijo.

Ele não diz nada.

— Vou lhe dar mais uma chance de me responder.

— Não estou te contando nada. — Ele se vira para me encarar.

E para minha surpresa, conheço o cara. Ele é filho do braço direito de meu pai. — Anthony. — Sorrio. — Quais são as chances de encontrar você aqui?

— Vai se foder Luca! — Ele grita na minha cara.

— Vou foder sua boca. — Meu irmão balança as sobrancelhas. — É tudo igual para mim, baby.

A mandíbula de Anthony se afia e ele se vira para atacar meu irmão, mas ele acerta a coronha da arma em sua cabeça, nocauteando ele. Anthony cai no chão, e meu irmão e eu ouvimos se há outros ruídos.

— Acho que eles foram embora.

— Eles vão voltar, — digo.



Rossi achou que fez uma operação infalível porque ninguém jamais ousou atacar em seu território. Isso o deixou vulnerável. Fraco. Ele tinha menos homens do que o normal. Nunca fizemos um movimento tão ousado. Meu pai sempre foi o responsável pelas operações, mas esta noite era minha responsabilidade. Dei as ordens e precisávamos ser muito claros. Meu casamento com Haven vai solidificar isso. Seu pai vai nos tornar intocáveis. Mais do que já somos.

— Levante ele, — ordeno.

— O que estamos fazendo com ele? — Ele pergunta.

— Vi um crematório no final do corredor. — Aceno para a porta. — Vamos colocá-lo lá e ligar. Vamos deixar suas cinzas para eles encontrarem quando retornarem.

# CAPÍTULO QUATRO

*Luca*

Percebo que o relógio no meu painel mostra um pouco depois das três da manhã. Paramos na parte de trás do Kingdom, o hotel e cassino mais prestigioso aqui em Las Vegas. Isso dá a todos eles uma corrida pelo seu dinheiro.

Depois de sair do carro, subimos os quinze degraus até as portas duplas pretas com uma mala rolando atrás de mim. Abro uma enquanto meu irmão escolhe usar a porta giratória. Ao entrar no hotel, meus sapatos batem no chão de mármore branco. Um grande K dourado fica no meio de um círculo preto. O interior parece tão requintado quanto o exterior. Um lustre de ouro pende do teto alto espelhado. Detalhes em preto e dourado estão pendurados nas paredes e tem o cheiro dos sonhos de qualquer pessoa. Dinheiro. Gratificação instantânea. A maioria entra em um hotel na Strip para ganhar muito. Para pegar aquele barato que só um cassino pode dar. Onde os dias parecem horas e a esperança cheira a cigarros. Mas esta é uma entrada privada. Ninguém tem permissão para entrar por aqui, a menos que seja liberado. Não há caça-níqueis. Não há mesas de Black Jack.

—Luca. — Um homem chamado Nigel me cumprimenta, acenando com a cabeça quando me vê por trás da mesa de mármore preto. —Como está indo sua manhã, senhor? — Seus olhos castanhos olham para o meu jeans manchado de sangue. Tinha uma camisa extra no carro, mas não tive a chance de trocar de calça. Mas ele não está surpreso. Ele vê todo tipo de merda aqui. Seus chefes também não se importam de sujar as mãos.

—Bastante boa. E a sua? — Meu irmão bufa com a minha escolha de palavras.

—Excelente, senhor. Minha também. — Ele caminha até um elevador privativo que tem o mesmo círculo preto com o K dourado no meio. Ele escaneia um cartão-chave para acesso. A porta se abre e nós três entramos na caixa espelhada. O piso é de mármore preto com manchas douradas que parecem confetes.

Ele escaneia seu cartão-chave mais uma vez e as portas se fecham.

Este elevador para apenas em alguns andares selecionados. Um deles é o décimo terceiro. A maioria dos edifícios opta por deixar este andar sem uso devido a superstições, mas os Kings não acreditam em besteiras, como contos de velhas. Eles fazem seu trabalho mais exclusivo naquele andar.

A porta se abre e Nigel gesticula para que saíamos. —Depois de você, senhor.

Saímos do elevador, passamos por outro conjunto de portas duplas e imediatamente entramos na sala de conferências. Quatro homens estão sentados em uma mesa de pedra preta personalizada que poderia caber

facilmente vinte. Tem um grande crânio esculpido no meio com Kingdom escrito em letras douradas em cada extremidade. As grossas cortinas pretas estão fechadas, cobrindo a parede oposta das janelas para nos esconder do mundo, mesmo que seja no meio da noite. Você nunca pode ser muito cuidadoso.

Meu irmão se joga em uma das cadeiras de couro preto e se recosta nela, mastigando um palito. Jogo a mala na superfície e me sento.

—Obrigado Nigel, — Bones diz da cabeceira da mesa, dispensando ele.

—O prazer é meu, senhor. — Ele cruza os braços atrás das costas e acena com a cabeça antes de sair da sala, fechando as portas duplas pretas atrás dele.

Puxo meu celular do bolso da frente e o coloco na mesa na minha frente, me certificando de que está à vista, embora saiba que no momento em que saímos do elevador os bloqueadores tiraram qualquer sinal. Esses caras não brincam. É por isso que fazemos negócios com eles.

Os Dark Kings são conhecidos por muitas coisas e a tolerância não é uma delas. Você os trai, eles matam sua bunda. Sem perguntas. Assim como nós.

Lembro de uma vez, quando criança, sentado na igreja e o pregador discutindo a Bíblia satânica e os quatro príncipes coroados do inferno satânicos, Lúcifer, Leviatã, Satã e Belial.

Belial é o mais próximo de Bones, pelo que posso ver. Veja, na bíblia satânica, Belial era associado à independência, a terra, e ao norte, a direção

das trevas. Ele também era frequentemente associado a sexo, luxúria, confusão e escuridão. Todas as coisas pelas quais Bones vive.

Leviatã, que associa a Titan, é o grande monstro marinho, desejo sexual das profundezas desconhecidas e temidas. Ele é uma força imparável de dentro de um homem. E associado à água e ao oeste.

Lúcifer seria Grave, portador de luz, iluminação. Ele é a luz interior de uma pessoa que a sociedade tenta arrastar para a escuridão da conformidade.

Então há Satanás. Também conhecido como Cross. O adversário da mundanidade, mediocridade, caminho da mão direita, estupidez. Autodestruição, religião e deuses. Ele está associado ao elemento fogo e sul. E seu pai também era o pregador. Mas acredite em mim quando digo, Cross era exatamente como o pai.

Nosso arranjo foi solidificado muito antes de qualquer um de nós nascer. Os Dark Kings não começaram a aliança. Não, seus pais sim, os Três Sábios fizeram um acordo com meu pai no final dos anos oitenta. Foi também quando os Três Sábios começaram o Kingdom. Agora, aos vinte e seis anos, seus filhos o dirigem como uma máquina bem oleada. Todos foram criados como eu e meus irmãos, estávamos sujando as mãos antes de conhecermos de algo diferente. Então, continuamos aquela aliança e fechamos um novo acordo. Cobrimos as ruas e eles cobrem os lençóis. Eles têm olhos e ouvidos em todos os lugares. Eles prosperam com os vícios de outras pessoas. Drogas, jogos de azar e álcool, para citar apenas alguns. E sexo, pode ser muito poderoso quando usado corretamente.

Titan se senta ao meu lado com os braços pintados de tinta cruzados sobre o peito. O cara pensa que é um presente de Deus para as mulheres. Daí o apelido de Titan. Ele governa as rainhas, as damas da noite e também é o chefe da segurança aqui no Kingdom.

Grave está sentado à minha frente. O cara tem um desejo de morte. Desde que era criança. Nunca vou esquecer a vez em que ele matou aula no colégio, roubou uma motocicleta de um showroom e a jogou em um lago. O que se dizia na rua era que foi seu pai quem o colocou em coma de uma semana, não o acidente em si.

Cross está sentado à minha esquerda, seu Zippo na mão. Ele continua abrindo e fechando a tampa. Não é um tique, apenas algo que ele fez desde a escola primária. O cara é obcecado por fogo. Ele acende as coisas apenas para vê-las queimar e obtém um prazer doentio com isso. Lembro do nosso último ano. As coisas mudaram quando...

— Acho que correu bem, — Bones interrompe meus pensamentos.

Olho para ele sentado na cabeceira da mesa. Seus antebraços tatuados, cobrindo parte do Kingdom escrito em ouro. Bones ganhou seu nome no ensino médio. Um garoto mais velho importunou seu irmão mais novo, Grave. Bones deu uma surra nele ali mesmo no corredor. Quebrou vinte ossos com as mãos. Eu gosto dele desde então.

— Sim, — respondo, estendendo a mão e abrindo o zíper da mala. Empurrando a tampa aberta, bate na mesa de conferência. Pego um bloco de notas de cem dólares.

Titan arqueia uma sobrancelha. — É melhor que seja a metade.

Pego outro e jogo ao lado do outro. — Dois tijolos, — os informo. Um tijolo de notas de cem dólares equivale a cem mil dólares, e acabei de lhes dar dois. Deixando-os com cinquenta mil cada. — Obrigado pela dica.

Então alcanço a mala e pego dois saquinhos de dez gramas e os atiro para Grave. Ele os pega no ar. — Um pouco mais.

Ele me dá um sorriso antes de colocar sua guloseima no bolso de sua calça jeans furada. Cuido do Grave e ele cuida de mim.

Bones limpa a garganta, me deixando saber que ele desaprova que apenas dei a seu irmão mais novo algumas drogas, mas não dou a mínima. Somos todos adultos aqui e todos temos nossos vícios.

Ele coloca as palmas das mãos na superfície lisa e se levanta. — Terminamos aqui.

Aceno e fecho a mala. — Como sempre, foi um prazer fazer negócios com vocês, Kings.

Grave sorri e meu irmão ri.

Aceno e viro para Titan. — Diga a sua rainha que agradei pela informação.

Ele concorda. — A qualquer momento.

Pego a mala quando Grave fala. — Como está indo o casamento?

Sorrio para ele. Eles conhecem meu plano. Já sei há alguns meses. Os informei porque eles também podem se beneficiar com isso. —Tão bem quanto o previsto.

— Ah, vamos lá, cara, ela não pode odiar você tanto, — ele brinca, mas não rio porque a verdade é que minha futura esposa me odeia com uma paixão, e se me importasse, desistiria.

Só para esclarecer as coisas, não me importo, e o casamento ainda está acontecendo.

— Nem todos os casamentos são assim? — Cross pergunta.

Titan bufa. — Que se foda essa merda.

— Não é como se ela tivesse escolha, — meu irmão interrompe, ainda mastigando aquele maldito palito.

Os Kings conhecem nossa vida e como as coisas funcionam. A deles não são executados de maneira muito diferente. Mas onde o casamento nos dá poder, todos veem isso como uma desvantagem. Estar amarrado a uma mulher por toda a vida seria um horror. Para mim, isso significa milhões no meu bolso. E não deixo passar dinheiro. Nunca.

— Estou ansioso para a festa de noivado. — Grave ri.





Puxo meu carro para a garagem e desligo, em seguida, pego as flores do banco do passageiro que peguei no caminho para casa. Felizmente, minha floricultura favorita estava aberta.

Saio do meu carro e entro em casa. Está quieto e sei que ela não está aqui. Ela está em sua corrida matinal. O sol está começando a nascer. Ela gosta de começar o dia cedo com uma corrida para liberar sua mente. Pelo menos ela costumava fazer. Ela não me pediu permissão, mas esta casa não é uma prisão. Ela pode ir e vir quando quiser. Tenho guardas por toda parte. Câmeras em cada esquina. Se ela decidir me deixar, ela não irá longe. E não acho que ela arriscaria sua liberdade. Se o fizesse, não gostaria das consequências que se seguiriam.

Entrando em uma das muitas cozinhas, pego um vaso debaixo da pia e o encho com água antes de colocar as flores nele. Já faz muito tempo que não o uso. A última vez foi antes de deixar ela. Quando ela costumava ficar aqui, ela sempre fez a casa parecer um lar. Tem estado silencioso e vazio desde então.

Fazendo meu caminho até nossa suíte máster, fecho a porta depois de entrar. A cama foi feita recentemente e o cheiro de seu perfume me atingiu. Costumava sentir o cheiro dela em mim por dias. A forma como o shampoo dela passava na minha camisa quando ela se aninhava contra mim. Ou a forma como meu moletom cheiraria a sabonete líquido. Isso sempre me deixou duro. Desesperado.

Ela não sabe, mas forcei seu pai a entregar ela a mim. Não sou o tipo de cara que mostra fraqueza. Meu pai ensinou a meus irmãos e a mim que

nada é mais importante do que dinheiro. E embora concorde, também sinto que ter uma mulher ao seu lado pode ser benéfico para o homem. Os homens respeitam um homem que sabe como controlar uma cadela. Eu precisava dela e precisava de um motivo para fazer isso acontecer. Meu pai não concordou, mas ele vai mudar de ideia. Ele vai ver o que vejo no final. E se não, bem, então esse é o problema dele.

No momento em que pisei naquele avião para deixar ela e ir para a Itália, comecei a traçar um plano. Foi a primeira coisa que fiz há três meses, quando voltei para os Estados Unidos. O pai dela é dono de uma rede de bancos aqui em Las Vegas, e poderia usar suas instalações para lavar dinheiro. Tudo que tive que fazer foi lhe fazer uma oferta que ele não poderia recusar.

*Ele está sentado atrás de sua mesa em seu escritório em casa, as mãos cerradas enquanto me encara. – O que você está me pedindo é ilegal.*

*– E o que você está fazendo é ilegal.*

*Seu rosto fica branco e o suor goteja em sua testa. – Eu não sei...*

*– Você está administrando dinheiro falso em seu banco. Marcando ele com números de série da moeda real. Fazendo com que pareça que está sendo colocado no cofre, mas em vez disso, você o está usando para manter sua cabeça acima da água.*

*Sua mandíbula fica mais afiada. – Você não tem ideia...*

*– Eu tenho, – o interrompo. – Você tem ratos por toda parte. – Sorrio para ele. – Especialmente quando eles são bem pagos. – Mentira. Tenho essa*

*informação de graça. Mas prometi não delatar minha fonte. E os Bianchis não são ratos.*

*Ele bate a mão na mesa e se levanta.*

*Fico sentado porque estou prestes a cortá-lo pelos joelhos. – Vou fazer uma oferta. E só ficará sobre a mesa por vinte e quatro horas.*

*Sua mandíbula aperta, mas ele não me atira no chão imediatamente. – O conselho nunca vai permitir.*

*– Me deixe me preocupar com o conselho. – De pé, abotoo meu paletó. – Você vai me permitir controlar todos os quinze locais em troca de vinte por cento de minhas finanças recebidas. E, enquanto isso, não vou delatar você para os federais.*

*Ele cai em sua cadeira e solta um suspiro. Ele está pensando sobre isso. Bom. É uma oferta justa. Não vou censurar ele porque também quero outra coisa dele.*

*Ele admite, soltando um longo suspiro. – Verei o que posso fazer.*

*– E quero Haven.*

*– O que? – Ele se move, pulando de pé. – Absolutamente não!*

*Estalo meus dedos. – Nite. – Ele se aproxima e deixa cair a bolsa preta em cima da mesa. – Abra, – ordeno a Jimmy.*

*Ele arqueia uma sobrancelha, olhando para baixo, mas, eventualmente, sua curiosidade leva o melhor sobre ele, e ele abre o zíper. Ele puxa pilhas de centenas. – O que...?*

*– Em troca de sua mão em casamento, lhe darei cinco milhões de dólares.*

*– Casamento? – Ele sussurra baixinho como se não pudesse dizer em voz alta, mas a maneira como seus olhos se iluminam com o dinheiro que ele segura em suas mãos me diz que já ganhei. Ele está em dívida profunda. E daí se ele vender sua única filha? Sua filha adotiva? Ela não significa nada para ele. Não como ela faz para mim.*

*– Vou deixar você pensar sobre isso. – Me viro, deixando-o ficar com o pouco dinheiro que está lá agora enquanto ele pensa sobre isso. Quando coloco minha mão na maçaneta da porta, ele fala.*

*– Espera.*

*Mordo um sorriso, virando para encará-lo.*

*Ele fica lá, as duas mãos segurando uma pilha de dinheiro, e seu peito arfa em sua camisa de botão apertada. Mas seus olhos me dizem tudo que preciso saber. Ela é minha.*

Isso foi há três meses atrás. Eu precisava que as coisas fossem colocadas no lugar porque não poderia simplesmente ir e agarrá-la. Os papéis precisavam ser assinados e eu precisava ter acesso a todos os locais antes de intervir e removê-la de sua casa. E precisava dos meus objetivos alinhados em uma fila. Ela foi a última porque sabia que ela seria a única a lutar comigo.

Mas no final, ela perderia.

E não demorou mais do que alguns dias para ele voltar. Ele estava praticamente babando quando lhe entreguei o dinheiro e não consegui que ele assinasse rápido o suficiente.

Desligo o chuveiro e saio. Envolvendo a toalha em volta dos meus quadris, volto para o quarto no momento em que ouço comoção no andar de baixo.

Fazendo meu caminho para o primeiro nível, entro no quarto de hóspedes, ouvindo o chuveiro ligar no banheiro adjacente. Entro e a vejo removendo seu sutiã esportivo e, em seguida, empurrando as calças de ioga suadas por suas pernas finas. E tenho que lutar contra o desejo de empurrá-la de joelhos e foder sua boca. Ela sempre deu um grande boquete. A mulher sabia usar essa boca. Mesmo que às vezes quisesse colocar fita adesiva na maldita coisa.

Não tenho certeza por que ela está sendo uma vadia agora. Paguei por ela. Seu pai foi quem a jogou para o lado. Quero fazer dela minha rainha e dar a ela tudo o que ela quiser. Ela só precisa pedir, mas estou começando a perder a paciência. E isso não é bom para ela. Ela vai me empurrar ao ponto que não vou mais me importar, e então ela vai me odiar ainda mais.

Ela enrijece quando seus olhos encontram os meus no grande espelho do banheiro.

Empurro a parede e ando atrás dela. Colocando minhas mãos em seus quadris estreitos, me inclino e beijo seu ombro nu. Ela me encara no espelho.

— Bom dia, Haven, — sussurro, e sinto seu corpo estremecer.

Ela me quer. Ela sempre fez isso. Fui capaz de pressioná-la de uma forma que nenhum outro cara poderia. Desde que a vi na escola primária,

eu a queria. Ela não era como todas as outras garotas que queriam ser vistas comigo. Ela não se importou nem um pouco.

— Eu comprei flores para você. — Pego sua bagunça de cabelo em meu punho. E corro meus lábios em cima de suas costas para o outro ombro, beijando suavemente sua pele úmida.

— As flores morrem, — ela rosna.

Sorrio contra sua pele. — Você prefere diamantes?

— Os diamantes uma vez foram apenas carvão, — diz ela.

— Que tal orgasmos? — Pergunto, apertando meu punho em seu cabelo e puxando sua cabeça para trás. Minha mão livre passa em torno de sua cintura fina e mergulha entre suas pernas.

Ela me empurra e se vira para me encarar. — Luca...

Bato meus lábios nos dela, interrompendo, e aperto meus quadris nos dela. O movimento fez com que o nó segurando minha toalha se soltasse e caísse no chão aos nossos pés.

Ela se abre para mim, um gemido escapando de seus lábios antes de engolir ele. Minha mão livre sobe e agarra seu queixo, arqueando seu pescoço para mim. Aprofundo o beijo, assim que as palmas de suas mãos atingem meu peito.

Ela se afasta de mim, respirando pesadamente, e grita: — Eu disse não. — Tem aquele fogo que gosto. Mas é desnecessário no momento. Não sou aquele com quem ela deveria estar brava.

— Eu nunca ouvi essas palavras.

Ela me dá um tapa no rosto. — Não estou à venda, Luca. Não vou te dar meu corpo porque você preencheu um cheque.

— Na verdade, era dinheiro...

Ela me dá um tapa novamente.

Desta vez, agarro seu rosto, giro ela e bato com as costas na parede. Seus olhos se arregalam e ela engasga. Suas mãos sobem e agarram meus pulsos. — Luca...

— Vamos deixar uma coisa bem clara, Haven, — rosno na cara dela. — Podemos fazer isso de duas maneiras. Um, você coopera e vou tratá-la bem. Ou dois, você é uma vadia, e te trato como uma. Você me entende?

Seus lindos olhos escuros se enchem de lágrimas. Vejo uma delas cair em sua bochecha corada por causa da corrida. Ela é tão bonita. Ela sempre foi. Quando outras garotas passavam horas maquiando-se, ela colocava rímel e brilho labial e dizia que estava bom. Ela tem uma pequena sarda no lado direito do lábio superior, e adorava passar meu polegar sobre ela. Seus olhos cor de âmbar e cabelo castanho a deixam deslumbrante. Ela é o que um homem sonha. Sei que sempre amei. É por isso que nunca a deixei ir muito longe. Muitas vezes ela tentou terminar comigo, mas não deixei. Sou Luca Bianchi e sempre consigo o que quero. Mesmo se eu tiver que mentir, trapacear ou roubar por isso. Ela será minha esposa e mãe de meus filhos.

— Luca, — ela choraminga.

— Você entende? — Grito, perdendo minha paciência. Não sei por que ela está lutando comigo nisso. Ela deveria estar me agradecendo. Eu salvei o pai dela. Seu futuro. Ela estaria nas ruas com eles dentro de um ano no ritmo que ele estava indo. Ele está em dívida profunda e estava prestes a perder tudo antes de eu entrar em ação. Eles estavam a dias de sua mansão vitoriana estar em execução hipotecária. Seu pai tinha vários de seus carros escondidos em um estacionamento não revelado, pelo amor de Deus. O que ela teria feito? Para onde ela teria ido?

— Sim, — ela sussurra enquanto as lágrimas escorrem pelo seu rosto.

Solto ela e dou um passo para trás. Sem me preocupar em pegar minha toalha, saio do banheiro e bato a porta atrás de mim. Passo pela cozinha, pego as flores e as jogo no lixo, sabendo que preciso mostrar a Haven que tipo de cara posso ser.



*Haven*

Fico no banheiro, chorando silenciosamente, tentando colocar minhas emoções sob controle. Minha corrida não ajudou nem um pouco. E nem



ontem à noite. Eu não conseguia dormir. Ele havia saído de seu quarto e nunca mais voltou.

Para onde diabos ele foi? Quem ele foi encontrar? Era uma mulher? Odeio o quanto me preocupo em saber a resposta a essa pergunta. E ele havia recentemente tomado banho. Seu cabelo estava molhado e sua toalha estava aos meus pés. Me inclino para pegá-la. Ele havia tomado banho para tirar o cheiro de uma mulher? Ele usou proteção?

Nós dois sabemos que não vamos nos casar por amor, então não me surpreenderia saber que ele passou a noite com outra pessoa.

Abro a porta do chuveiro e ligo o chuveiro. Entro e permito que a água escaldante queime minha pele. Para cobrir minhas lágrimas. Qual será a minha vida agora? Quanto tempo até ele ficar entediado comigo? Antes que ele me jogue fora? Não consegui ler o contrato. Tinha uma cláusula onde devemos permanecer casados por tantos anos? E se sim, quantos? Não sei muito sobre a Máfia, mas tenho certeza de que a única maneira de você ser livre é se morrerem. E mesmo depois disso, sua vida ainda é dedicada à máfia.

Levo meu tempo no chuveiro, me certificando de esfregar cada centímetro do meu corpo. Em um ponto, sento e balanço para frente e para trás, tentando bolar um plano. Mas não encontro nada.

Meu nome foi assinado. O negócio está feito.

Saindo, enrolo a toalha em volta de mim e entro no quarto de hóspedes. Grito quando vejo um homem parado perto da porta.

Aperto a toalha em volta de mim. —O que você está fazendo? Saia! — Grito. Ele não se move, nem mesmo olha para mim. É Nite, parado ali como uma estátua de merda. —Dê o fora! — Grito.

Ele me ignora como sempre. Bufando, corro para a porta e a abro. Subo as escadas correndo e entro no quarto de Luca. Ouço água correndo no banheiro e o abro. Ele está em uma das pias, curvado, as mãos respingando água no rosto.

Ele se endireita, agarrando a toalha e puxando do cabide ao lado dele, e enxuga o rosto. Seus olhos encontram os meus no espelho. —O que você quer, Haven? — Ele pergunta com um rosnado.

Minha mandíbula aperta. —Quero que tire Nite da porra do meu quarto.

—Não.

—Não? — Suspiro. — Isso é uma piada?

Ele se vira para mim, e mantenho minha posição enquanto seus olhos perfuram os meus. — Isso é muito real, Haven. Nite irá acompanhá-la em todos os momentos de agora em diante.

—Luca...

—E sem mais corridas matinais.

—Você não pode estar falando sério? — Rosno. Ele vai me fazer uma prisioneira. Seu brinquedo que só servirá para satisfazê-lo no quarto. Nos

outros noventa e cinco por cento do tempo, ele vai pelas minhas costas com quem ele quiser, sempre que quiser. Seremos como seus pais.

Ele passa por mim e volta para o quarto, mas não me responde.

—Luca? — Estalo quando ele entra em seu closet.

Ele está de costas para mim em nada além de uma cueca boxer preta. Ele remove uma camisa preta de botão de um cabide e a veste.

—Estou falando com você, — fervo.

Ele tira uma calça preta de outro cabide e vai colocá-la.

Arranco ela de suas mãos. —Me escute.

—Eu não dou ouvidos a bobagens, — ele diz calmamente e pega a calça antes de colocar elas.

Fico diante dele, atordoada. Meu coração batia forte de raiva e minha mandíbula apertou. O vejo enfiar a camisa para dentro e abotoá-la junto com o zíper. E me pergunto o que ele está fazendo. Para onde ele está indo. Eu tinha saído apenas para uma corrida de trinta minutos e ele não estava aqui quando saí. Chafurdei como o pedaço de merda de mulher que sou. Um milhão de cenários diferentes passaram por minha mente. Todos eles envolviam uma mulher e ele na cama juntos.

—Já está indo embora? — Pergunto, cruzando os braços sobre o peito. Ele quer que eu seja sua esposa? Posso ser a esposa mais irritante, intrusiva e exigente possível. Ele vai querer pagar a alguém para me tirar de suas mãos.

Ele olha para mim. Sua testa franze com a minha pergunta. Depois de uma longa pausa, ele responde: — Tenho um trabalho a fazer.

*Claro.* Nenhuma surpresa nisso. — Trabalho ou alguém?

Os cantos de seus lábios se erguem e minha respiração engata. *Por que perguntei isso?*

Ele dá os cinco passos, fechando a curta distância entre nós. Alcançando, ele empurra meu cabelo molhado do meu rosto e o coloca atrás da minha orelha. — Você está com ciúmes, Haven?

Bufo com a pergunta, mas meu coração agora está acelerado porque é verdade. Pensar nele com outras mulheres me assombra desde que ele me deixou pela Itália. Agora ele vai fazer isso abertamente na minha frente. — Não.

— Mentirosa. — Ele envolve seu braço em volta da minha toalha, me puxando para ele. Sua outra mão se enrosca no meu cabelo molhado. — Eu te direi uma coisa. — Ele abaixa seus lábios no meu ouvido e prendo minha respiração. — Que tal você cair de joelhos e chupar meu pau para tentar me manter fiel?

Tento recuar, mas ele me mantém cativa. — Seu filho da...

— Você se lembra como eu gosto? — Ele me interrompe, sua mão puxando minha cabeça para trás e me forçando a olhar para ele com lágrimas nos olhos. Me recuso a deixá-las cair. Soltando minha cintura, ele passa a ponta do polegar sobre meu lábio inferior. Seus olhos fixos nos meus. Vejo a diversão nele. Ele está gostando disso e isso está quebrando

meu coração. — Você sempre foi tão boa em abrir essa boca para mim quando eu queria.

Minhas mãos apertam sua camisa de botão recém passado, esperando que enrugue essa porra. — Você não é o único por quem me ajoelhei, — digo, na esperança de destruir qualquer pensamento que ele tenha de mim. Quero que esse filho da puta me odeie tanto quanto o odeio. Mesmo se tiver que mentir.

Seu rosto fica duro como pedra e seus olhos se estreitam em mim. Posso sentir seu corpo enrijecer enquanto ele me segura com mais força. Mais perto. Não ousa me mover. Ou respirar. Nós nos encaramos. Espero para ver o que ele fará a seguir, porque sei que ele pensa em quebrar meu pescoço.

Felizmente, a porta se abre e ele me empurra para longe. Levanto os olhos e vejo Nite entrar no enorme closet. Ele estende a mão direita para Luca.

Meus olhos se arregalam. — Esse é o meu telefone? — Pergunto. Aquele filho da puta vasculhou minha bolsa para pegar? Ele teve que vasculhar. Estava na cama lá embaixo...

— Obrigado, Nite, — diz Luca com firmeza e, em seguida, coloca o telefone no bolso da calça.

— Ei, isso é meu.

Nite balança a cabeça e sai da sala, fechando a porta atrás de si.

Luca se vira para mim. — Nada aqui é seu. Tudo me pertence. Até você.  
— Então ele também se vira e sai do quarto, batendo a porta atrás de si.

# CAPÍTULO CINCO

Luca

Sento no banco do motorista do meu carro, percorrendo o telefone dela. Ela não colocou senha, então ficou mais fácil. Examino todas as suas mensagens de texto, ligações indo e vindo, e nada mostra qualquer sinal de um cara que possa ver. Tudo consiste em suas amigas, Emilee e Jasmine.

Examino as fotos dela. Ela não tem muitas. Elas são principalmente dela e Jasmine. Alguns dela e Emilee.

Desligando o telefone, jogo no banco do passageiro e passo a mão pelo rosto. Nunca me senti tão ciumento, tão furioso com ela em minha vida. Queria estrangular ela. O pensamento dela tocando outro cara, quanto mais de joelhos por outro, me deixa com raiva. Vou descobrir quem é e vou quebrar suas malditas pernas.

Puxando meu próprio celular do bolso, mando uma mensagem para Nite.

***Eu:** Não a perca de vista.*

Ele responde imediatamente.

***Nite:** Sim senhor.*

Sua pequena façanha no banheiro mais cedo lhe rendeu uma babá. Ela quer agir como uma criança, então vou tratá-la como uma.

Trinta minutos depois, estou parando em um estacionamento na saída da Strip. The Glass está escrito em letras pretas na lateral do prédio de dois andares. Faço o meu caminho para trás e estaciono ao lado de um Lamborghini Reventón estacionado. Apenas trinta e cinco foram feitos no mundo, e meu parceiro de negócios possui um deles.

Saindo do meu carro, subo a escada de metal até o segundo andar e digito o código no teclado para destrancar a porta. Entro e caminho pelo corredor, entrando na primeira porta à direita.

Ando até a mesa e coloco o celular de Haven em cima dela, bem na frente do meu parceiro de negócios.

Suas sobrancelhas franzem quando ele olha para a foto de Haven e Emilee de quando ela foi visitá-la três meses atrás em Chicago. Ela não sabe que sei. Mas ela não fez absolutamente nada sem meu conhecimento. É por isso que não entendo como ela pode ter saído com alguém e perdi isso. Ela devia estar mentindo. E quando descobrir que é esse o caso, ela vai se arrepender de ter inventado uma merda só para me irritar.

— Isso é sobre o quê? — Bones pergunta, recostando em seu assento.

— O telefone de Haven.

Ele arqueia uma sobrancelha. — E?

— E nada. — Sento na cadeira.



Ele estende a mão e empurra o telefone para longe. Sorrio para mim mesmo. Ele nunca fala de Emilee, mas isso não significa que ele se esqueceu dela. Você nunca se esqueça de quem fugiu. Ou mais parecido com aquela que você largou.

—O que não podia esperar até mais tarde? — Pergunto. O desgraçado me ligou há uma hora e disse para encontrá-lo aqui. Tinha planejado ir para casa e dormir algumas horas, mas ele não se importa com coisas assim. Ele e Titan raramente dormem. Eles só se arrastam para a cama se for para foder uma mulher.

—Marco está a caminho, — ele responde.

—Ah. — Concordo. —O que planejamos fazer com ele?

—Não tenho certeza ainda.

Então podemos enterrar um corpo no deserto na próxima hora ou não. Nunca sei com Bones. Depende apenas do tipo de humor em que você o pega.

Nesse momento, a porta se abre e o homem do momento entra. Ele não parece que já foi para a cama também. Ele veste uma calça jeans preta e uma camisa vermelha de colarinho. É o código de vestimenta aqui na Glass para os funcionários do sexo masculino.

Ele olha de mim para Bones e para. —Bones? — Ele pergunta.

Todos em Las Vegas conhecem os Dark Kings. Cada um deles é temido por algo diferente. Bones é conhecido como o executor, mas ninguém sabe que ele possui uma parte da Glass. Ele é um parceiro de negócios

silencioso. Marco provavelmente acha que o contratei para trabalhar nele. Sujar as mãos por mim.

—Sente-se. — Aponto para a cadeira que desocupeí.

—Não, tudo bem...

Pego sua camisa e o empurro nela.

Bones pega o controle remoto, apontando para o grande monitor que está pendurado na parede, e então aperta o *play*.

A data no canto inferior direito mostra três semanas atrás. Você vê Marco trabalhando atrás do bar, correndo para preparar bebidas. Então você vê o cliente lhe dando dinheiro. Ele guarda um pouco no bolso de trás e só passa metade dos coquetéis que acabou de receber.

Bones faz uma pausa. —Tenho mais quinze assim.

—Eu posso explicar...

—Não precisamos de uma explicação, — diz Bones. —Veja... — Ele coloca suas mãos tatuadas espalmadas sobre a mesa —A única coisa que me importa é dinheiro. E você nos deve cinco mil.

—Eu... eu posso... eu vou...

—Você vai nos pagar de volta, — digo.

Ele acena com a cabeça rapidamente e começa a procurar no bolso. Ele joga algumas notas de vinte na mesa. —Isso é tudo o que tenho comigo. — Ele rapidamente dá um tapinha em seus outros bolsos para verificar novamente.

Bones ignora o dinheiro e pega um pedaço de papel em branco da impressora. Ele o coloca na mesa junto com uma caneta. — Assine isto.

—O que? — Marco pisca.

—Eu disse para assinar.

—Mas não há nada lá. — Seus olhos redondos examinam.

Há um tique na mandíbula de Bones. —Se você não assinar seu nome nisso, vou quebrar suas duas mãos. Você entende?

O cara pega a caneta e rabisca seu nome.

—Você tem cinco dias para arranjar o dinheiro, — diz ele, recostando na cadeira.

Marco acena com a cabeça, pula e sai furioso sem dizer uma palavra. Ele não precisa ouvir duas vezes.

A porta bate e Bones inclina a cabeça para trás, fechando os olhos.

—Vá para casa. Descanse um pouco, — digo a ele. —Você parece uma merda.

Ele passa a mão pelo rosto com a barba por fazer. —Estou indo para o Kingdom.

Ninguém sabe sobre nosso negócio aqui. Dois anos atrás, fui para Bones com um plano. Queria começar um negócio que não envolvesse meu pai. Queria algo que fosse completamente meu. Algo sobre o qual eu tinha controle. Tinha o lugar perfeito e o dinheiro. Só precisava de alguém para me ajudar enquanto estive na Itália. Um parceiro.

Bones era o candidato perfeito.

Então, abrimos negócios juntos e compramos o Glass, um clube de strip bem no coração da cidade do pecado. Uma vez foi uma capela para casamentos em ruínas, por isso parecia adequada.

As garotas são a elite das strippers de Las Vegas. Elas devem ter pelo menos vinte e um e fazer o teste, mas fora isso, elas podem fazer praticamente o que quiserem. Temos salas VIP. Os homens pagam pelo serviço de dança e as meninas decidem até onde querem chegar. Garantimos que as meninas sejam bem cuidadas e protegidas. Sempre temos guardas armados na propriedade. Além disso, a maioria delas também trabalha como rainha no Kingdom. Elas estão literalmente ganhando dinheiro.

Seu telefone toca e ele o tira do bolso. Acertando a resposta, ele se recosta na cadeira. — Alô? — Ele faz uma pausa. — Sim, estou prestes a ir nessa direção. — Ele passa a mão pelo rosto novamente. — Eu cuidarei disso. — Então ele desliga e se levanta. — Eu tenho que ir. Se certifique de que Marco pague. Se não, me avise e irei cumprir a ameaça.



*Haven*

Sento em uma espreguiçadeira na grande varanda do nosso quarto. Nite fica ao lado da porta de vidro deslizante. Fiel à palavra de Luca, o desgraçado está respirando no meu pescoço desde esta manhã. Olho por cima da grade preta no coração da cidade. Você pode ver a Strip de onde fica a casa. Sempre achei Las Vegas feia e suja durante o dia, mas à noite ela ganha vida e brilha mais forte do que todas as estrelas no céu.

Destacando-se mais, o Kingdom domina o céu com quatro torres, uma para cada rei. Na época em que seus pais o possuíam, ele só tinha duas. Eles construíram isso ao longo dos anos. Quando assumiram depois da faculdade, fizeram algumas mudanças. E essas alterações os tornaram ainda mais intocáveis. Mais realza nesta cidade. E deu-lhes ainda mais inimigos.

Dou uma tragada no cigarro. Inclinando minha cabeça para trás, solto lentamente e fecho meus olhos, pensando em Emilee e o quanto sinto sua falta. Visitei ela recentemente em Chicago.

*— Então, o que vamos fazer enquanto estou na cidade? — Pergunto, caindo em sua cama. Seu apartamento inteiro é quase tão grande quanto seu quarto em casa, mas ela não parece se importar. Emilee nunca precisou de coisas caras.*

*Ela sai do banheiro e me dá um grande sorriso. — Nós vamos sair hoje à noite.*

*— Para onde?*

*— Um clube.*

*— Isso é vago.*

*Ela pisca para mim.*

*Rio porque adoro vê-la assim. Tão livre. Bones sempre teve um controle sobre ela. Ela jurou que não o amava, e acreditei nela, mas os Kings eram dois anos mais velhos que nós. Então, quando Bones, Titan e Cross se formaram, eles começaram a dominar Kingdom, e isso deixou Emilee em paz. Ela nunca disse isso em voz alta, mas sei que isso a magoou. Eles se distanciaram e ela começou a sair com alguém da nossa classe. Após a formatura, ela decidiu se mudar para Chicago e foi isso. Ela se foi. Acho que ela estava fugindo de algo que sabia que não poderia ter. Nenhum dos Kings jamais se estabeleceria. Eles deveriam ser playboys implacáveis que governavam seu próprio mundo e não tinham espaço para mulheres ou famílias.*

*– Há um clube incrível aqui chamado Sete Pecados Capitais.*

*– Oh, já gosto disso.*

*Ela acena com a cabeça. – Eles têm essas salas privadas para cada pecado.*

*– Parece divertido.*

*– É de longe o melhor clube em que já estive.*

*Olho para ela com ceticismo enquanto ela alisa o vestido no espelho de corpo inteiro. Ela se vira e olha para sua bunda por cima do ombro. – Você está transando com alguém que trabalha lá. – Foi mais uma afirmação do que uma pergunta.*

*Ela ri – Eu estou. Vou mandar uma mensagem para ele antes de chegarmos lá, e ele vai nos deixar entrar.*

*– É sério? – Pergunto. Conheço Emilee toda a minha vida, e nunca a vi se apaixonar por um cara. Não sei se ela apenas esconde suas emoções tão bem, ou se ela realmente pode simplesmente usar um cara. Talvez Bones a tenha quebrado.*

*Odeio ter dormido apenas com Luca e não consigo superar o fato de que o amo tanto. Eu quero ser mais como ela. Desconectada.*

*Ela franze a testa. – Não, é só um pouco divertido.*

*– O que ele faz no clube? Qual o nome dele? Eu quero saber tudo sobre ele.*

O cara acabou se revelando um cara muito legal. Sem mencionar que pode chutar a bunda de qualquer um. Podia entender totalmente por que ele era o chefe da segurança. Tivemos que o ver em ação duas vezes naquela noite.

Ele nos hospedou em uma das salas com uma garçonete que manteve as bebidas fluindo a noite toda. Depois que o clube fechou, saímos e tomamos o café da manhã com ele. Em seguida, ele nos levou de volta ao apartamento de Emilee. Entrei enquanto ele se despedia dela com um beijo na varanda, devo ter olhado pela janela e então ele saiu. Ficamos acordadas mais algumas horas rindo e dividindo uma garrafa de Riesling que ela tinha até que descemos até o posto de gasolina mais próximo e compramos um maço de cigarros. Só havíamos fumado mais uma vez na faculdade. Por algum motivo, nós duas pensamos que seria uma ótima ideia tentar novamente.

Ela não ligou muito para isso, então os coloquei na minha mala. Os mesmos que foram embalados e trazidos aqui para a casa de Luca.

Estávamos bêbadas e realmente não sabíamos o que estávamos fazendo, mas acendo um de vez em quando.

Mantendo os olhos fechados, dou outra tragada no cigarro. Sinto muito a falta dela e gostaria que ela estivesse aqui. Inferno, gostaria de poder falar com ela. Luca pode ter levado meu celular embora, mas encontrei um telefone em seu escritório hoje cedo. Esperei que Nite me parasse, mas como ele não o fez, disquei o número dela. Ela não atendeu e não deixou mensagem de voz. O que eu diria? *Ei, E. Fui forçada a casar com Luca e gostaria que você estivesse aqui para me ajudar?* Apenas desliguei.

—O que diabos você está fazendo?

Meus olhos se abrem e salto ao som de sua voz. —Luca...

—Desde quando você começou a fumar, porra? — Ele exige, seus olhos azuis se estreitando no cigarro entre meus dedos.

Trago aos meus lábios. —Faço muitas coisas que você não sabe.

Ele arranca dos meus dedos e joga no parapeito.

—Ei!

Ele agarra meu braço, me puxando da varanda e pela porta aberta de seu quarto. Meus olhos caem para a cama enorme encostada na parede com seu edredom branco e lençóis cor de vinho. E penso em quantas mulheres ele teve lá, e odeio isso. Odeio que ele me deixe com ciúmes e que ele me trouxe aqui em primeiro lugar.



— Me solte. — Tento soltar meu braço de seu aperto, mas ele apenas me agarra com mais força.

Ele caminha até uma porta, a abre e me empurra para dentro. Me viro para encarar ele assim que ele a empurra na cara de Nite.

Apertando minhas mãos, me viro para ver que estamos em um armário. Ele passa de ombros por mim, descendo a estrutura curta e estreita, então ele vira à esquerda e desaparece. Esfregando meu braço, o sigo. Sempre sonhei que minhas coisas estivessem aqui. Agora quero queimar minha merda para não ter que ver aqui. Fazemos a curva e ela se abre para uma grande sala. O lado esquerdo está cheio de prateleiras brancas do chão ao teto. À minha frente estão cubículos de tamanhos diferentes com varas para pendurar roupas em vários tamanhos. Parece o mesmo, mas diferente.

No meio está uma cômoda prateada com tampo de vidro. Correndo minhas mãos sobre ela, borro o vidro com meus dedos. Fizemos sexo nela uma vez. Possui três gavetas grandes. Andando pelo outro lado, abro a gaveta de cima. É longo, mas não muito profundo. É coberto com veludo preto, e os recortes me informam que é para joias. Paro quando vejo a esmeralda de três quilates Harry Winston em um aro de platina na quinta fileira. Parece fora do lugar.

Minha boca fica seca instantaneamente, e dou um passo para trás, balançando a cabeça lentamente. Luca estende a mão, pega o anel e se vira para mim. Lágrimas ardem em meus olhos quando ele agarra minha mão esquerda. Quero dar um soco nele. Lutar com ele. Quero dizer a ele que é feio e exagerado, mas é realmente tudo que sempre quis.

Ele empurra no meu dedo e uma lágrima desliza pelo meu rosto. Se encaixa perfeitamente, é claro. Ele passa o dedo sobre ele antes de soltar minha mão. Ele cai para o meu lado como uma âncora, o peso puxando minha mão para baixo.

Me viro para correr, mas outra coisa me impede. Meu estômago embrulha quando vejo a sacola de roupas preta pendurada na prateleira. Dou um passo para trás, mas minha bunda bate na cômoda. — Aquilo é...? — Engulo o nó na minha garganta. É um lembrete do que isso realmente é.

Um contrato.

Isso não é amor.

O anel. O vestido. É tudo demais. Muito rápido. Tem que haver uma maneira de impedir isso.

Ele vem até mim e coloca as mãos em cada lado do meu quadril. Enrijeci.

—Se acalme, Haven, — ele ordena suavemente. —Posso ouvir seu coração batendo forte em seu peito.

Sinto que pode explodir.

—Este é o seu vestido para o nosso anúncio de noivado esta noite.

Isso não me ajuda. Só porque não é um vestido de noiva, não significa que não seja tão ameaçador.

Ele corre os nós dos dedos pelo lado do meu rosto, espalhando uma única lágrima pelo meu pescoço. Ele para no meu pulso acelerado e olho

para ele. — Nós podemos... você pode cancelar. — Tropeço em minhas palavras. — Nunca é tarde demais.

Ele arqueia uma sobrancelha.

Meu coração bate forte enquanto meu polegar percorre o aro de platina do meu anel de noivado. — Eles não governam nossas vidas. Eu sei...

— Eles? — Ele me interrompe.

Engolindo nervosamente, acrescento: — Nossos pais.

Ele me dá um sorriso que faz os cabelos da minha nuca se arrepiarem. Ele abre a mão e passa em meu cabelo, inclinando minha cabeça para trás no processo. Prendo minha respiração quando ele se abaixa e sussurra em meu ouvido: — Isso é tudo culpa minha, Haven. Não se engane sobre isso. Eu queria você e agora tenho você. Hoje, amanhã, para sempre. — Ele beija minha testa suavemente. Quando ele se afasta, sinto outra lágrima cair. Seus olhos escuros a observam sem qualquer remorso. — Vá para o chuveiro. Você cheira a fumaça de cigarro. E a Sra. Brown estará aqui em uma hora para te ajudar a se preparar. — Com isso, ele sai do armário.

O som da porta fechando atrás de mim me faz cair de joelhos.

# CAPÍTULO SEIS

*Haven*

Estou no meio do salão de baile da casa de Luca. Ele está à minha direita, meu pai à minha esquerda. Ambos têm sorrisos em seus rostos e riem das piadas estúpidas que os homens contam.

Me sinto entorpecida, completa e totalmente entorpecida. Já pensei em pegar uma das facas de manteiga que os garçons carregam nas bandejas e me esfaquear no peito só para ver se sinto. Me pergunto quanto tempo leva para uma pessoa sangrar? Talvez minha melhor opção seja tentar um pulso. Eles seriam rápidos o suficiente para me impedir? Eles seriam espertos o suficiente para parar o sangramento? Provavelmente. Todo mundo sabe como pressionar uma ferida. Mas se pudesse cortar fundo o suficiente...

Nunca pensei em suicídio até esta noite. Mas cheguei a um ponto da minha vida em que essa pode ser a única saída. A morte sempre foi uma nuvem negra pairando sobre todos nós, mas neste ponto, pode ser minha graça salvadora.

É nossa festa de noivado. O anúncio do nosso noivado. A mansão de Luca está cheia de repórteres, chefes da máfia, a máfia e os clientes de meu pai. Completamente estranhos para mim.

Jasmine não está aqui porque não falei com ela. E não tive a chance de tentar ligar para Emilee novamente. Estou sozinha.

—Haven? — Luca rosna meu nome no meu ouvido e aperta a mão no meu quadril. Ele me manteve colada ao seu lado a noite toda, me exibindo como um troféu que ele ganhou. —Sr. Ronald fez uma pergunta a você.

Eu pisco —Sinto muito. — E finjo um sorriso. Sinto que meu rosto pode rachar devido ao quão duro está.

O homem com a maior lacuna que já vi entre os dentes olha direto para meus seios. E não estou surpresa. A Sra. Brown fez meu cabelo e maquiagem, depois me vestiu com um vestido Chanel rosa que fecha as costas. Ele vem no alto do meu pescoço como um laço, mas tem uma abertura na frente, mergulhando baixo para mostrar meu decote.

O vestido que Luca comprou para mim. Não tenho mais nada a dizer sobre minha aparência ou o que visto.

Luca me controla. Sou sua marionete. Seu brinquedo. Algo para exibir em um vestido de quarenta mil dólares. Quando ele me viu, disse que eu estava absolutamente deslumbrante. De tirar o fôlego. Isso me faz parecer uma prostituta de merda. Não que as esteja julgando. Só queria tirar algo disso.

O Sr. Ronald limpa a garganta e o cara levanta os olhos do meu peito. — Sim, minha querida. Só queria te dar os parabéns. — Ele estende a mão direita.

Sem pensar, estendo a mão e a aperto. — Obrigada. — Minha voz está monótona. Ele diz mais algumas palavras para Luca e depois se afasta. Meus ombros cedem instantaneamente.

— Você pode ser mais... crível? — Meu pai bufa, endireitando o paletó.

Meu peito aperta com suas palavras. O que fiz para merecer isso? Deixei ele com vergonha? É esta a forma de me obrigar a fazer algo com a minha vida? Ou uma forma de promover sua carreira? Ele é muito bem-sucedido. Achei que ele e o Sr. Bianchi juntaram isso, mas Luca me disse hoje cedo que era tudo ele. Mas tem que ser mais do que isso. Meu pai não me jogaria fora como se não fosse nada, a menos que ele tivesse uma mão nisso.

— Eu preciso de uma bebida, — digo, me afastando deles.

— Não alcoólica, — avisa Luca.

Mantenho minha expressão em branco, mas estou gritando com ele por dentro. Levantando a bainha do meu vestido do chão, faço meu caminho pelo longo corredor até a área de jantar formal. Passo para trás e olho em volta antes de abrir a porta giratória da cozinha de tamanho comercial.

Os trabalhadores correm com bandejas nas mãos. Os cozinheiros estão de pé nas enormes churrasqueiras. E há uma linha de montagem de pessoas preparando pratos. Eu atravesso e ninguém me dá uma olhada, muito ocupados em atender às ordens exigentes de Luca. Empurrando a

porta traseira, caminho pelo longo e escuro corredor estreito, olhando por cima do ombro para ter certeza de que não estou sendo seguida. Chego ao fim e giro a maçaneta. Fechando suavemente atrás de mim, ligo o interruptor de luz que sei que está na parede, que ilumina a escada e o quarto abaixo.

Levanto meu vestido mais uma vez e desço as escadas, meus saltos clicando na madeira. Sorrio assim que chego ao patamar. Indo até as garrafas de vinho, pego a que quero e depois me volto para o armário que tem um abridor de vinho. Depois de abri-lo, nem me preocupo em procurar um copo. Inclino a garrafa para trás e tomo como se fosse uma dose, nem mesmo me importando que esteja quente.

Não sei quanto tempo passa antes de me levantar do chão, jogar a garrafa agora vazia no lixo e subir as escadas tateando. Tropeço duas vezes no meu vestido. Abrindo a porta, fico muito menos quieta enquanto caminho de volta pelo corredor e volto pela cozinha para a festa. Ninguém me dá atenção, no entanto. Não sou a razão pela qual eles estão aqui. Todas as quatrocentas pessoas estão aqui por Luca. Para seu futuro. Para o seu negócio. Não sou ninguém. Nenhuma coisa. Mas é assim que as mulheres são tratadas neste mundo. A Máfia é um clube masculino exclusivo. As mulheres ficam em casa e criam os filhos, na maioria das vezes em uma educação católica. Não sei nada sobre religião. Nunca entrei em uma igreja porque meus pais não são religiosos. Ele vai me obrigar a fazer pesquisas? Ou fazer sua mãe me ensinar? Isso estava mencionado no contrato que não li?

—Haven?

Paro no meio do caminho ao som de sua voz. *Minha mãe*. A mulher que me evitou com sucesso.

Me viro para vê-la se aproximando de mim com um vestido Burberry sem mangas cor champanhe. Seu cabelo loiro desbotado está preso em um coque apertado, mostrando seu pescoço delicado e as pérolas que meu pai lhe deu no Natal do ano passado. Ela está deslumbrante, como sempre, e pela primeira vez na minha vida, não sinto nada além de ódio por ela. Onde ela estava quando meu pai assinou meu nome no contrato? Onde ela estava quando Nite me tirou da casa dos meus pais? E onde ela esteve nos últimos dias, enquanto estive prisioneira aqui?

Ela leva as mãos ao rosto e engasga enquanto me olha de cima a baixo. —Você está linda. Absolutamente deslumbrante. — Ela estende a mão para pegar a minha mão, mas dou um passo trôpego para trás. E seu rosto perfeitamente pintado cai como se eu tivesse ferido seus sentimentos. — Haven, eu...

—Eu não me importo, — a interrompo, então soluço.

Seus olhos verdes caem para a minha mão esquerda e ela encara a pedra no meu dedo. Ela se encolhe como se doesse ver. Ela deveria se colocar no meu lugar, então talvez ela soubesse o quanto dói usar isso. —Haven, por favor, me deixe explicar.

—Como você deixou o papai me vender? — Ela estremece com a minha fala arrastada. — Não, obrigada.



Seus olhos correm ao redor da sala para ver se alguém me ouviu, mas duvido que os presentes acreditem que escolhi isso. — Haven, por favor...?

— Vá para casa, mãe. — Me viro, dando-lhe minhas costas. Saindo da sala de jantar formal, sigo pelo corredor até a parte de trás da casa, onde fica o quarto em que estou hospedada. Não tenho nada a dizer a ela. O meu pai me machucou, mas minha mãe nem mesmo tentou me salvar. Nenhuma vez ela tentou me ligar nos dois dias que estou aqui. Que eu saiba. Agora Luca está com meu telefone. Ela me deixou. E essa é uma pílula difícil de engolir. Ela deveria me proteger. Me amar. Em vez disso, ela o deixou me jogar fora.

— Haven. Bem, você não parece exatamente o papel de uma princesa.

Endureço quando fico cara a cara com Brad. Ele é o pai de Bones e Grave. Ele costumava governar o Kingdom até que seus filhos e amigos tivessem idade suficiente para assumir o império. Ele é o único membro vivo dos Três Sábios que criaram o Kingdom.

Seus olhos azuis me olham de cima a baixo de uma forma que me faz dar um passo para trás. Nunca gostei dele. Ele é sujo, mau como o resto deles. Ele usa mulheres. Ele só se importa com quanto dinheiro pode ganhar e quem vai cair de joelhos e chupar seu pau.

Ele se inclina, me dando um sorriso. — Não se preocupe, seu segredo está seguro comigo. Não direi a ninguém que este não é o conto de fadas que você queria.

Sem dizer uma palavra, estreito meus olhos e passo o ombro por ele. Só quero ficar sozinha. Trancada dentro do meu quarto, onde ninguém pode me incomodar. Continuando pelo corredor, paro quando a porta do escritório de Luca se abre e uma mulher sai. Antes que ela tenha a chance de me ver, entro em um lavabo próximo, observando ela pela fresta da porta, escondendo meu corpo atrás dela. Ela passa as mãos pelo vestido preto justo, empurrando-o pelas pernas longas. Mas não cobre muito. Ela está mais vestida para uma noite na cidade. Então ela se aproxima do grande espelho que está pendurado no corredor e arruma seu selvagem cabelo loiro desbotado. Está bagunçado em torno da têmpora. Como se alguém estivesse com o punho cerrado nele. Ela abre a bolsa e reaplica o batom carmesim, antes de estalar os lábios. Olho por cima de seus braços e vejo marcas vermelhas se formando em sua pele pálida. Impressões digitais. Ela se olha uma última vez e depois se vira.

Me afasto da porta, esperando que ela não me veja. Colocando minha mão sobre minha boca, prendo minha respiração para que ela não possa me ouvir enquanto ouço seus saltos na madeira quando ela passa por meu esconderijo.

Espero que ela vá embora e olho pela porta entreaberta. Assim que vejo que estou sozinha, abro, corro pelo corredor e quase chuto a porta do escritório para abrir.

Uma grande TV está pendurada na parede oposta acima de uma lareira. À direita está sua mesa. Ele tem alguns papéis espalhados pela superfície. Atravesso a sala, meus saltos cavando no tapete preto grosso. Me sento e

leio. Meus olhos estão um pouco embaçados com o álcool circulando em meu sistema, mas algo me chama a atenção na terceira página. A reconheço. É a papelada onde meu pai assinou meu nome. Há uma mancha de sangue no meio de Haven.

*Isso não é um casamento. É um contrato assinado com sangue.*

Li tudo, tentando compreender. Com a visão embaçada, é difícil entender, mas uma palavra chama minha atenção. Herdeiros.

Minhas mãos começam a tremer enquanto pisco para me concentrar.

*A esposa em questão produzirá três herdeiros vivos. Dois dos quais devem ser filhos.*

*Todos os casos depois disso ficarão a critério de Luca.*

O que diabos isso significa?

Coloco os papéis na mesa, minha cabeça caindo em minhas mãos. Meus olhos caem para a pequena lata de lixo preta sob sua mesa. Algo me chama a atenção e pego o pequeno recipiente. —Que porra é essa? — Sussurro.

Meu sangue começa a ferver e meu coração bate forte. Ouço o clique da fechadura do banheiro ao lado, e então Luca sai. Ele para quando me vê. Meus olhos caem imediatamente para sua calça preta. Seu cinto está aberto junto com sua calça e sua camisa de botão branca está para fora da calça. Sua gravata preta fica frouxa em volta do pescoço.

—O que você está fazendo aqui? — Ele pergunta, seus olhos estreitando quando eles caem para os papéis.

—O que você estava fazendo aqui? — Estalo, incapaz de segurar minha língua.

—Haven....

—Explique isso! — Grito, jogando a lata de lixo de cabeça para baixo e permitindo que o conteúdo se espalhe em sua mesa. Voltaremos à papelada mais tarde. No momento, não estamos nem fazendo sexo, muito menos tendo filhos, mas ele está transando com alguém. O preservativo usado recentemente cai sobre o contrato. É melhor misturar um pouco de porra com essa assinatura sangrenta. —Você estava apenas transando com ela aqui! — Grito.

É por isso que a loira estava em seu escritório. Ela se arrumou no espelho enquanto ele se refrescava no banheiro.

Minha respiração acelera, o coração dispara e minhas mãos se apertam. Não deveria estar brava. Ou com ciúme. Não quero ser dele, não assim. Mas, como meu pai disse, o negócio está fechado. A assinatura manchada de sangue que fica embaixo da camisinha usada prova isso.

Um sorriso malicioso cresce em seu rosto como se isso fosse algum tipo de piada. —Deixei um presente para você. — Ele vai enfiar a mão nas calças abertas. —Eu sei o quanto você gosta de me lambar e limpar.

Meu corpo inteiro enrijece com o que ele está insinuando. Quero esfaqueá-lo nos olhos, mas é assim que ele foi criado. Isso é o que sua vida lhe ensinou sobre como as mulheres devem ser tratadas, mas não farei isso. —Eu não sou uma prostituta da máfia, — cuspo. —Não serei a porra de

um troféu para você desfilar em público enquanto você fode nas minhas costas. — Pego um peso de papel de vidro e jogo em sua cabeça, xingando quando erro por um quilômetro. Mira maldita de bêbada. Teria acertado na mosca se estivesse sóbria.

Seus olhos escurecem, a mandíbula se afia e o peito se curva. Dou um passo para trás de sua mesa. Ele estende a mão, agarrando o tecido do meu vestido e me puxa para frente, fazendo meu peito bater no dele. — Você é minha, — ele rosna na minha cara.

Começo a tremer quando suas palavras penetram em meu cérebro nebuloso.

— Eu possuo cada centímetro de você agora.

— Eu te odeio, — resmungo.

Ele me solta e passa os nós dos dedos pelo lado do meu rosto. Choramigo com seu toque suave, esperando ele me bater. Fazer o que ele quiser comigo para me levar à submissão. Seus olhos perfuram os meus. — Você preferia que estivesse curvada sobre a mesa?

— Eu nunca vou me curvar voluntariamente por você novamente. — Levanto meu queixo, embora queira explodir em lágrimas. Seus dedos correm mais para baixo, traçando minha mandíbula e, em seguida, meu pescoço. Sei que ele pode sentir minha pulsação acelerada. Porra, estou ofegante de medo. Os mafiosos só se casam por um motivo, um bebê. Um herdeiro. Podemos ter falado sobre casamento no passado, mas nunca falamos sobre filhos. E essa papelada prova que ele pensou em tudo.

Deveria ter visto e percebido antes. Ele não me ama. Ele nunca fez isso. Ele só quer me usar. — Eu não vou te dar uma família.

Ele agarra meu cabelo e puxa minha cabeça para trás. Grito, mas sua outra mão se levanta, envolvendo em volta da minha garganta e cortando meu ar.

Começo a entrar em pânico e puxar sua camisa. Mas ele me gira em torno para onde minhas costas estão à sua frente, me segurando no lugar. Suspiro por uma única respiração, mas não consigo nada.

Ele abaixa os lábios no meu ouvido. — Você vai me dar quantos filhos eu quiser. Você nasceu para se reproduzir, e é exatamente isso que você vai fazer. Você vai me dar um exército de homens que vou treinar para comandar este mundo. Exatamente como eu fiz.

Ele me empurra para frente, meus saltos ficam presos na barra do meu vestido, e caio no tapete preto. Meus dedos cavam nas fibras grossas enquanto as lágrimas escorrem pelo meu rosto, e sufoco um soluço. Virando, olho para ele. Ele está fechando o zíper das calças quando consigo dizer: — Não vou fazer isso. — Balancei minha cabeça. — Não vou permitir que você faça isso com uma criança inocente. — Grito a última parte, mas minha voz falha. — E uma garota... — soluço. Querido Senhor, e se tiver uma menina? Ela teria o mesmo destino que eu? Nunca vou empacotar suas coisas e mandá-la embora para viver com um monstro. Não como minha mãe fez comigo.

Ele sorri, lendo meus pensamentos como se eles estivessem escritos no meu rosto. — Você sabe que minha mãe deu à luz uma menina antes de mim.

Meus olhos se arregalam. — Mas... você não tem irmãs.

— Meu pai a levou para fora e a jogou na piscina.

Suspiro, minha mão voando para minha boca. Espero que ele me diga que está brincando, mas não faz. E no fundo, sei que é verdade. Lágrimas escorrem de meus olhos e meu ódio pelo Sr. Bianchi cresce. Sempre soube que aquele homem estava doente. Como você pode machucar uma criança inocente?

— A palavra foi que minha mãe chorou por dias, semanas, até meses depois que ele matou sua primogênita. Nasci dez meses depois. Então ela foi presenteadada com Matteo. Em seguida, meus irmãos gêmeos. Mas isso não foi suficiente. Meu pai queria mais um filho. Bem, eu tinha seis anos quando outra garota apareceu. Eu fiquei do lado de fora da porta do quarto e ouvi o bebê chorar quando deu à luz. Minha mãe imediatamente começou a chorar. Ela sabia que o destino da criança seria o mesmo de sua primeira filha. Mas ela implorou ao meu pai para não a matar. — Ele se ajoelha na minha frente. — Você sabe o que ela disse?

Apenas fico olhando para ele com os olhos lacrimejantes.

— Ela disse: ‘me deixe ficar com ela. Vou treiná-la para ser uma dama, para que ela possa ser útil para você como mulher.’

Meu corpo começa a tremer e engulo o nó que se forma na minha garganta.

— Veja, Haven, todos nós desempenhamos um papel nesta vida, e uma mulher é muito útil se ela conhece seu lugar. — Então ele se levanta, se vira e sai de seu escritório.

Deixando a ameaça pairando no ar.



*Luca*

Caminho pelo corredor, acenando para os convidados e apertando as mãos com um sorriso no rosto.

Que se foda todos eles!

Convidei-os a exibir minha futura noiva, para que vissem como sou poderoso com ela. Meu pai olha para minha mãe como se ela não fosse nada, um brinquedo para usar, e não quero isso com Haven. Não importa o quão duro eu seja com ela, ou o que diga a ela, quero que ela governe esta cidade comigo. Quero que ela seja a esposa da máfia que meu pai sempre



quis, mas nunca teve, e sei que ela pode fazer isso. Não importa o quanto ela lute agora, ela será a melhor coisa que já fiz.

Caminhando para o terraço dos fundos, vejo os Kings parados à beira da piscina.

—Bela festa, — Bones diz, levantando sua taça de champanhe quando me aproximo.

—Obrigado por vir, Kings.

—Eu nunca deixo passar a bebida grátis, — responde Titan. —Ou uma bunda gostosa, — ele acrescenta, seus olhos grudados em uma morena passando por nós. Sem dizer outra palavra, ele a segue.

—Grave? Posso falar com você por um momento? — Pergunto.

Ele acena com a cabeça, se afastando dos caras, e fazemos o nosso caminho até a outra extremidade da piscina. As luzes brancas flutuando em cima da água calma emitem um brilho suave junto com o feixe de luzes brancas penduradas de uma extremidade à outra do pátio. Queria tornar este lugar o mais bonito possível para Haven, mas nem acho que ela veio aqui para ver.

—Funcionou? — Ele pergunta imediatamente assim que estamos fora do alcance da voz.

—Sim, — respondo, enfiando minha mão no bolso e puxando um saquinho. —Obrigado pela ajuda e certifique-se de compartilhar com Lucy.

Ele o coloca no bolso e ri. — A qualquer momento.



A festa começou a diminuir. Verificando meu relógio Rolex, vejo que é um pouco depois das onze da noite. Não vi Haven desde que ela me encontrou com minhas calças abertas no meu escritório. E ninguém se preocupou em me perguntar para onde foi minha futura esposa. Para a maioria desses homens, as mulheres são insignificantes. Para eles, a ausência dela é apenas uma forma de obedecer às minhas ordens. Como se eu tivesse ordenado que ela fosse e esperasse nua em nossa cama até que estivesse pronto para transar com ela.

— Boa jogada, Luca. — Meu pai me dá um tapa nas costas. Ele olha para a esquerda enquanto Bones passa por nós. Ele sorri para si mesmo, evocando um plano em sua mente. Ele deseja o Kingdom e sabe exatamente o que fazer para obtê-lo. — Estou ansioso por este seu plano de negócios. — Ele está se referindo ao meu casamento. E vou morrer antes de permitir que ele estrague tudo. — Mas ainda acho que Maria teria se encaixado bem na família Bianchi.

Aperto minhas mãos em suas palavras, mas dou a ele um sorriso. Fui treinado para ficar em silêncio quando você não concorda com ele. — Onde está a mãe? — Pergunto, mudando de assunto.

—Ela saiu mais cedo. — Ele vira sua taça de champanhe e olha para uma das garçonetes que trabalha para o serviço de bufê que contratei para a noite. Ela está atualmente conversando com Titan, que está fodendo ela com os olhos. — Não estava se sentindo bem.

Aposto que não. Ela não quer que me case com Haven. Ela está decepcionada comigo e sentiu que uma garota tão doce merecia coisa melhor. Não discordo dela.

—Recebi uma ligação ontem à noite, — diz ele. —Ouvi dizer que a capela de casamento de Rossi foi atingida. E Anthony está sumido. — Filho de Diaz.

Matteo bufa ao lado dele. — Eles não vão encontrar um corpo.

—Eu fiz o que precisava ser feito, — ofereço.

Espero que meu pai discuta, mas em vez disso, ele apenas toma outro gole.

—Vou para a cama, — digo a ele e me viro para Nite, que se aproxima de nós. —Expulse todo mundo e limpe tudo, — ordeno.

Ele me dá um breve aceno de cabeça.

Subo as escadas para a suíte máster. Entro, não surpreso quando não vejo Haven em nossa cama. Mas ela está enganada se acha que vou deixá-la me ignorar esta noite. Permiti que ela dormisse lá embaixo por duas noites agora. Isso é mais do que suficiente.

Solto minha gravata e puxo da gola da minha camisa branca. Colocando ela sobre a cadeira que fica em frente à janela saliente, abro minha camisa e a empurro dos meus ombros e, em seguida, vou para o nosso banheiro privativo.

Abrindo a porta, encontro ela de pé perto da banheira de hidromassagem no canto do banheiro. Ela solta um grunhido enquanto tenta estender a mão e abrir o zíper do vestido.

— Você gostaria de alguma ajuda? — Pergunto.

Ela se vira para me encarar. Seus olhos castanhos lacrimejantes se estreitam em mim, mas ela não diz nada.

— Estive procurando por você. — Mentira.

— Saia, — ela ordena, então volta a tentar alcançar o zíper novamente.

— Me deixe te ajudar. — Atravesso o banheiro, mas ela me empurra de volta quando chego perto.

— Não me toque, porra! — Ela grita, me olhando de cima a baixo com nojo. — Você acha que deixaria você chegar perto de mim depois que você fodeu aquela prostituta?

Ela está bêbada.

Sei isso. Ela sabe disso. Disse a ela sem álcool, mas sei que ela passou uma hora na adega. Nada acontece nesta casa que não saiba. Poderia ter impedido ela, mas optei por não fazer isso. Uma garrafa de vinho não iria machucá-la. E precisava de tempo para colocar meu plano em ação.

—Você realmente acha que fodi outra mulher no meu escritório na nossa festa de noivado?

—Sei o que vi. — Ela ferve, me dando um tapa no rosto antes de se dirigir para a porta. Pisando nos saltos de seus Jimmy Choos com tanta força que temo que eles quebrem.

—Você viu o que eu queria que você visse, — digo calmamente, sentindo minha bochecha latejar de sua mão. Não foi tão duro quanto poderia ter sido. O álcool a está deixando mais fraca, mas gosto da sensação. Isso me diz que ela se importa.

Ela lentamente se vira para me encarar. Ela pisca. Uma vez. Duas vezes. E posso ver as palavras girando em sua mente. O choque evidente em seu rosto. —Não, — ela diz asperamente e balança a cabeça.

Porra, quero dobrá-la sobre o balcão e transar com ela por trás. Faz muito tempo desde que a tive. Senti ela. Ouvi ela gritar meu nome. Quero lembrá-la do que faço com ela. Como a fiz sentir. Podemos superar isso, se ao menos ela deixasse passar.

—Eu a vi... a loira, sair do seu escritório, em seguida, arrumar seu cabelo e maquiagem. Então você saiu do banheiro com as calças abertas. — Ela engole. — A camisinha usada... você até confessou que a fodeu.

Balancei minha cabeça. —Eu não fiz tal coisa.

—Luca...

—Fiz você acreditar que a fodi porque isso é o que eu queria que você pensasse.

Seus ombros começam a tremer. — Por que? — Ela resmunga, e uma lágrima escorre por seu rosto.

— Por esta razão, aqui mesmo. Para provar que você ainda me ama. — Ando até ela, e ela não se afasta quando alcanço e seguro sua bochecha molhada.

— Eu não te amo, — ela sussurra, mordendo o lábio inferior.

— Mentira, — digo, deixando minha mão cair para agarrar seu quadril. No fundo, ela sabe que nunca a machucaria. Não gosto disso. Amo essa mulher desde que me lembro. Como ela pode pensar que isso simplesmente iria embora? Que eu poderia me afastar dela se não fosse por um bom motivo? Haven não é o tipo de mulher que você esquece. Ela é o tipo em que você nunca para de pensar. Ela está em seus pensamentos diários e até mesmo em seus sonhos.

Ela funga. — Por que você faria isso?

Suspiro. — Precisava saber que o que temos é real.

Ela me empurra para longe, seu rosto ficando duro. — Isso não é real, porra. Você está me forçando a casar com você. E essa porra de vestido... — Ela para de falar, suas mãos tentando alcançar o zíper, mas é muito alto.

Giro ela, agarro o tecido caro e o rasgo. A renda rosa suave cede junto com a costura. Ela engasga quando ele cai e se acumula a seus pés.

# CAPÍTULO SETE

*Haven*

Estou diante dele em uma tanga de renda branca e meus saltos altos rosa. É isso. O vestido rosa uma vez caro está rasgado no chão de mármore do banheiro. Assim como meu coração. Ele me enganou. Ele queria que eu pensasse que ele traiu. Por quê? Porque ele queria que eu ficasse com ciúme? Essa será minha vida de agora em diante? Jogo após jogo? Teste após teste? Vou falhar com todos eles.

Ele tem razão. Estava com ciúmes. Mas não posso perdoá-lo pelo que ele fez. Ou o que ele me fez pensar que ele fez.

Meus lábios se fecham e minhas mãos se fecham. Me inclino em seu rosto. — Eu não vou desempenhar um papel na porra da sua vida, Luca. — Então me viro e vou sair do banheiro.

Sua mão agarra meu cabelo e me puxa de volta. Grito quando ele me coloca na frente do espelho do banheiro, empurrando meus quadris na bancada de mármore branco e cinza. Sua mão fica no meu cabelo enquanto a outra vem e agarra meu queixo.

— Luca, o que você...

—Olhe para você, — ele me interrompe, sacudindo meu queixo. Choramingo. —Me diga que não sou o único que te amou.

Engulo o nó que instantaneamente se forma na minha garganta. Meus olhos lacrimejantes encontram seu olhar frio no espelho, implorando para que ele pare, implorando para que ele não faça isso, mas ele não mostra nenhum sinal de misericórdia. —Não...

Ele me vira e segura meu rosto. Seus olhos escuros me encaram. —Sua mãe biológica não queria você.

—Pare. — Meu corpo treme.

—Seus pais adotivos não queriam você. — Sua voz se eleva.

—Por favor, — choro.

—Eles venderam você para a Máfia, um mundo que eles sabem que você pode não ser capaz de sobreviver, por cinco milhões de dólares! — Ele grita.

—Pare! — Grito de volta.

—Onde eles estão, Haven? — Ele exige, suas mãos segurando meus braços dolorosamente. —Onde diabos estão as pessoas que deveriam amar você?

Soco seu peito. Meus punhos simplesmente escorregam e meu corpo treme. Odeio que ele esteja certo. Que ele é tudo que me resta. Não era para ser assim. Minha vida. Nosso amor. —Seu filho da puta, — engasgo. — Te odeio...



— Pare de mentir, — ele rosna. — Pare de agir como se isso não fosse o que você sempre quis.

— Você não é meu salvador, — choro, odiando que ele sinta que está me fazendo um favor. Como se ele não me amasse, então ninguém mais iria amar.

Ele sorri. — Você não pode fazer o inferno com um santo, querida.

— O que isto quer dizer?

— Isso significa que você não é inocente e que tenho um trabalho a fazer, — ele rosna.

— Agora sou um trabalho? — Grito. — Eu pensei que você estava me fazendo um favor.

— O que estou fazendo não é da sua conta, — ele retruca.

— Isto é minha vida! — Olho para ele. — E eu não quero você perto disso!

Ele me puxa para ele, e antes que possa abrir minha boca para protestar, ele bate seus lábios nos meus, me beijando agressivamente. Abro para ele como sempre, e odeio tê-lo puxado para mais perto de mim. Que preciso do contato. Preciso sentir algo.

Luca sempre foi minha casa. Meu protetor. Mas isso mudou quando ele me deixou sozinha. Vulnerável.

Me afasto e dou um tapa no rosto dele. O som rebate nas paredes creme.  
— Vai se foder.

Sem perder o ritmo, ele agarra minhas coxas, me levanta e bate minha bunda na bancada. A superfície fria me faz choramingar.

Ele abre minhas pernas, ficando entre elas.

Tento empurrá-lo para longe, mas ele facilmente empurra minhas mãos nas minhas costas e as mantém no lugar pelos meus pulsos. Seus lábios caem no meu pescoço. —Lute comigo, Haven, — ele rosna, seus dentes beliscando minha pele sensível, e arrepios aparecem em todo o meu corpo. —Finja que não quer que eu te foda.

—Luca... — Murmuro seu nome.

—Me diga que você não quer isso. Que você não me quer. — Pegando meus dois pulsos em uma de suas mãos, sua mão agora livre agarra meu cabelo e puxa minha cabeça para trás.

O som de uma respiração pesada enche o banheiro grande. Meu peito subindo e descendo rapidamente. Meus mamilos estão duros e minha boca está seca. Adicione o álcool à minha falta de vida sexual e estou completamente ferrada.

Soltando meu cabelo, ele se endireita e passa a mão em minhas costelas e segura meu seio. Ele lambe os lábios enquanto seu polegar passa pelo meu mamilo duro antes de beliscá-lo.

Gemo e ele libera meus pulsos. Meus dedos correm por seu cabelo, minhas unhas cravando em seu couro cabeludo. Ele sibila em uma respiração antes de arrancar minha calcinha dos meus quadris. O tecido corta minha pele antes de ceder à sua força.

Sua mão cai entre minhas pernas separadas e ele enfia um dedo na minha boceta.

Jogo minha cabeça para trás e gemo.

— Me diga, — ele ordena.

— O que...? — Minha respiração fica presa na minha garganta quando ele adiciona outro.

Quase poderia chorar com a sensação de ter desejado por tanto tempo. Nenhuma memória ou sonho poderia se aproximar da coisa real. Para ele.

— Quantos caras você fodeu desde mim, Haven? — Ele rosna.

— O suficiente. — Ofego.

Um rosnado ressoa em seu peito. Sua mão livre sobe, agarra um punhado do meu cabelo e puxa minha cabeça para trás novamente.

Seus olhos escuros fixaram nos meus. E pela primeira vez, não recuo. Esqueci por que estou aqui e o vestido rasgado que jaz no chão de mármore. Meu coração bate forte e minha boceta lateja. Estou molhada para ele.

Preciso ser lembrada de que sou dele.

É patético e completamente errado, mas somos nós. Nada sobre nossas vidas nunca foi claro. Ou moralmente certo.

Lambo meus lábios entreabertos e sussurro: — Quantas mulheres você fodeu desde mim, Luca? — Não deveria perguntar, mas o álcool me deixa ousada. Até mesmo estúpida. Por que não me cortar e sangrar por ele?

Ele me dá um sorriso que faz meu coração bater mais rápido. — Você realmente quer saber, Haven? — Ele pergunta, passando o nariz pelo meu queixo.

— Sim, — rosno, tentando engolir. Ele ainda segura meu pescoço em um ângulo estranho e minha boceta lateja, implorando para que seus dedos voltem.

— Cinco, — ele responde. Seu nariz corre ao longo do meu queixo. — Cada uma melhor do que a anterior.

Fecho meus punhos e bato nos braços dele.

— Fique brava, baby, — ele sussurra asperamente. — Abra essas pernas macias e me deixe mostrar por que você sempre foi minha favorita.



*Luca*

Outra mentira. Não estive com mais ninguém desde ela. E vai continuar assim.

Ela tenta me afastar, mas não tem sucesso. Suas mãos dão um tapa no meu peito, mas depois caem na minha calça. Ela a abre rapidamente e a empurra pelas minhas coxas, junto com minha boxer. Ela agarra a base do meu pau duro e pulo quando ela o aperta.

Agarro seu queixo, forçando ela a olhar para mim. Quando nossos olhos se encontram, nós dois congelamos. Nós dois estamos ofegantes, meu coração bate forte e seus lindos olhos âmbar estão nadando em lágrimas. Eles se parecem com mel.

—Eu te odeio, — ela sussurra.

Quase acredito que deixá-la foi errado, mas não foi. Fiz o que precisava ser feito. Alguém precisava de mim mais do que ela, então não vou me desculpar por isso.

Minha mão livre corre ao longo de sua boceta lisa, sua umidade cobrindo meus dedos. —Então por que você está molhada?

Ela choraminga, balançando os quadris contra a minha mão, querendo mais.

Enfio um dedo nela, provocando ela mais uma vez. — Me diga que você quer que eu te foda.

—Não...

—Me implore para te foder, — a interrompo, inclinando meu rosto para o dela. Minha língua sai disparada, correndo ao longo de seus lábios entreabertos. Empurro um segundo dedo nela, e ela suga uma respiração irregular. Suas pernas apertam em meus quadris, me puxando para mais

perto dela. Meu pau ainda está em sua mão e ela o agarra como um torno. — Vamos lá, Haven, — murmuro. — Use essa boca bonita e me diga o que você quer.

Meus dedos puxam para fora dela e depois voltam, passando meu polegar sobre seu clitóris. Seu corpo estremece enquanto ela engasga. — Porraa.

— Isso mesmo, baby. — Sorrio, fazendo isso de novo. Com mais força.

Adiciono um terceiro dedo, e ela libera meu pau. Suas mãos chegam aos meus ombros e ela cava as unhas na minha pele. — Oh Deus...

— Diga, — sussurro enquanto meus olhos percorrem seu rosto. Seus olhos estão fechados, seus lábios separados e seu peito subindo e descendo rapidamente. Me pergunto quando um homem a tocou pela última vez. Sei que ela estava mentindo. Não encontrei nada no telefone dela, mas isso não significa que ela não tenha saído com alguém.

— Por favor, — ela implora. — Por favor, me fode.

Arrancando ela da bancada, a carrego para o quarto. Jogo ela na cama, seu corpo quicando algumas vezes antes de rastejar em cima dela. Espalhando suas pernas com as minhas, agarro meu pau e empurro dentro dela, sem esperar mais um segundo. Eu preciso dela.

Suas mãos sobem ao meu peito, mas as prendo contra a cama. Ela grita quando meus quadris começam a se mover. Não é lento. Não estou fazendo amor com ela. Estou transando com ela.

Ela arqueia as costas, gemendo, enquanto pego o que quero.

Ela nunca foi capaz de me dizer não, e amo isso nela. O quanto ela precisa de mim. As coisas não vão ser diferentes do que eram antes, exceto pelo fato de que temos um contrato. Um que afirma que ela nunca pode me deixar. Casamento na Máfia é como nascer na Máfia. Não há outra saída senão a morte.

# CAPÍTULO OITO

*Haven*

Abro meus olhos e giro. Um leve gemido sai dos meus lábios. Eu sofro. Em toda parte. Já fazia muito tempo e esqueci quanta resistência Luca tinha. Ele me fodeu duas vezes antes de eu desmaiar. Então, em um ponto, ele me acordou, me virou e me pegou por trás. Não protestei nem um pouco. Se bem me lembro, também implorei a ele.

Gozei em todo o seu pau e lençóis. Vou pagar por isso hoje. Levantando, pego uma camiseta que está jogada sobre uma cadeira e a visto. Ele rasgou minha calcinha ontem à noite, e não desempacotei minhas coisas ainda. Tentando ser teimosa, fico sem nada por baixo. Felizmente, a camiseta é longa o suficiente para chegar perto dos meus joelhos. Desço as escadas, ouvindo as vozes. Não tenho certeza de seu horário de trabalho ou se ele ainda está aqui. Quando meus pés descalços atingem o patamar, vejo dois homens parados na porta da frente no saguão, mas eles não prestam atenção em mim. E odeio como meu estômago aperta com o pensamento



dele precisando de tanta segurança. Nunca foi assim quando ele estava na escola. Ou talvez simplesmente não tenha percebido.

—Luca está aqui? — Pergunto a eles, alisando minha camiseta nas minhas pernas.

Nenhuma coisa. Sem olhar lateral. Nem vá se foder. Apenas silêncio.

—Obrigada, — murmuro e caminho pelo corredor. Estou prestes a sair para ver se o carro dele está aqui quando ouço vozes vindo de seu escritório. O mesmo onde pensei que ele fodia a loira. Respirando fundo, endireito meus ombros e abro a porta.

Faço uma pausa no momento em que entro. Luca está sentado atrás de sua mesa em um terno de três peças, com os braços cruzados sobre o peito. E Bones está andando para frente e para trás.

—Isto é...

—Haven, — Luca o interrompe, e Bones para. Sua cabeça se levanta e seus olhos se estreitam em mim.

Sei que Luca fez isso para que eu não recebesse nenhuma informação sobre a conversa deles, e isso me irrita.

—O que você está fazendo aqui? — Ele pergunta com um rosnado.

É a mesma pergunta que ele me fez ontem à noite quando me encontrou em sua mesa. Como se eu não tivesse permissão. Como se fosse proibido.

Ignorando ele, olho para Bones, e ele está olhando para mim. Ele mudou muito desde a faculdade. Ele não tinha tatuagens naquela época, e

agora ele está coberto por elas. Bem, isso não é verdade. Eu vi uma tatuagem nele. Uma vez.

*Tropeço pelo corredor, meu braço travado com o de Emilee. Ela ri enquanto sua Sprite e vodka derramam na borda de sua xícara. – Onde está... Jasmine? – Ela soluça.*

*Colocando minha mão livre na parede para ajudar a nos guiar, respondo. – Ela está com Trenton.*

*Ela bufa alto. – Pensei que o odiamos.*

*– Nós fizemos. Ontem. Ele se desculpou com ela depois que cortamos seus pneus. – Eu rio, entrando na sala e olhando ao redor sem rumo. – Onde estão os caras?*

*É sábado à noite. Os meninos tiveram um jogo de beisebol hoje. Eles ganharam, como sempre, e decidiram dar uma festa para comemorar na casa do pai de Bones e Grave. Até pelo fato de o lugar ser uma mansão, está lotado de alunos da faculdade.*

*– Eu estava na cozinha quando Luca veio e pegou Bones. – Ela soluça novamente. – Acho que ele o levou para a sala de jogos.*

*Estendo a mão, pego a bebida de sua mão e bebo. Apenas algumas gotas atingiram minha camisa. – Vamos dar uma olhada.*

*Levamos mais tempo do que o normal para subir as escadas e descer o longo corredor que leva à sala de jogos no final.*

*Giro a maçaneta e abro. Nós duas entramos cambaleando na sala. Ela ri, e digo alguns palavrões bem escolhidos, tentando fazer com que minhas pernas lentas me*

*mantenham de pé. Olhando para cima, vejo Bones encostado na mesa de sinuca, com os braços cruzados sobre o peito. Luca está diante dele, as mãos nos bolsos da frente da calça jeans escura.*

*Nossa entrada abrupta chama a atenção deles, e tudo o que eles estavam discutindo chega ao fim.*

*— O que vocês estão fazendo aqui? — Pergunto, fechando a porta com meu pé e desembaraçando meu braço de Emilee.*

*— Falando de negócios, — a resposta de Bones é cortada enquanto seus olhos se movem dos meus para os dela.*

*Franzo a testa. — Negócios?*

*— Bem, agora é hora de festa, — diz Emilee, tropeçando nele como Bambi. Ele descruzou os braços e a segurou quando ela caiu contra seu peito.*

*— Quer uma festa, não é? — Ele pergunta, olhando para ela, um sorriso puxando o canto de seus lábios.*

*Luca vem para ficar atrás de mim e envolve seus braços em volta da minha cintura. Me inclino para ele, deixando-o apoiar minha bunda bêbada.*

*— Sim. — Ela ri, se abaixando e agarrando a bainha de sua camisa. Ela levanta e passa por cima da cabeça.*

*Ohhh.*

*Assisto com fascínio completo, olhando para minha melhor amiga. Seu longo cabelo escuro se levanta com o tecido antes de cair para cobrir suas costas.*

*Seus olhos caem para o peito dela, e suas mãos agarram seus quadris. – Teremos uma audiência, Em.*

*Alcançando atrás dela, ela abre o sutiã antes de remover as alças de cada ombro. – Não seria a primeira vez, seria?*

*Meu corpo esquenta com o pensamento. Luca e eu não somos tímidos no quarto, mas ninguém nunca nos observou. E nunca vimos outra pessoa antes também. Além de alguns vídeos pornô.*

*Ele arqueia uma sobrancelha, apenas percebendo algo que os dois já sabiam, mas diz: – Não. Não seria.*

*A mão direita de Luca sobe e puxa meu cabelo para trás, expondo meu ombro nu para ele, já que estou em um top tube. Minha respiração para quando sinto seus lábios na minha pele nua.*

*– Você vai me impedir? – Ela pergunta a ele, abaixando as mãos para o botão de sua calça jeans.*

*– Não, – ele responde asperamente.*

*Ela abre o segundo botão, depois o terceiro. Ela fica de joelhos, puxando sua calça jeans por suas coxas. Ele não estava usando nada por baixo dela. Sei que não deveria olhar para ele, não com Luca parado atrás de mim, mas ele não está me parando. Ele não está me puxando. Em vez disso, ele enreda a mão no meu cabelo e puxa suavemente minha cabeça para o lado enquanto seus lábios percorrem meu pescoço para cima e para baixo.*

*Ofego quando Emilee estende a mão e pega o pau longo e duro de Bones em sua mão e começa a acariciá-lo.*

*Os lábios de Luca percorrem minha clavícula e sobem pelo meu pescoço mais uma vez. – Oh, Deus, – choramingo, minhas pernas apertando.*

*Bones e Emilee nos ignoram enquanto ele enfia as mãos em seus longos cabelos escuros. Seus olhos azuis são tão escuros que parecem quase pretos enquanto ele olha para ela. Nunca vi Bones em ação, mas ouvi sobre sua vida sexual. Nunca entendi sua necessidade de rastejar para ele sempre que ele ligava, mas vejo isso agora. A maneira como ele olha para ela como se ela governasse seu maldito mundo. Ela pode estar de joelhos, mas é ela quem está no comando.*

*– Chupe meu pau, Em. Mostre a eles como você é boa em ser suja, – ele ordena.*

*A mão de Luca desliza pela minha cintura e abre meu short. Minha respiração para quando ele puxa o zíper para baixo.*

*Deveria desviar o olhar, mas não consigo. Meus olhos estão grudados em Emilee de joelhos com o pau de Bones em suas mãos. Abrindo a boca, ela lambe seu eixo, girando a língua em torno da ponta antes de fechar os lábios sobre ele.*

*Bones a encara. Sua língua sai e percorre seus lábios lentamente.*

*– Veja ela agradar a ele, baby, – Luca sussurra em meu ouvido. – Porque você é a próxima. – Ele pressiona seus quadris na minha bunda e sinto seu pau duro.*

*Meu coração bate forte no meu peito enquanto ele empurra meu short pelas minhas pernas. – Oh, Deus, – choramingo quando ele puxa minha calcinha para o lado e passa o dedo sobre minha boceta.*

*Emilee acelera o passo. Sua cabeça balança para frente e para trás enquanto Bones começa a foder sua boca com mais força. Suas mãos ainda agarram seu cabelo, e ele observa seu pau deslizar para dentro e para fora, mordendo o lábio inferior. Seus bíceps esticados contra sua camisa. Ele solta um gemido em sua performance.*

*Minha boceta aperta quando o dedo de Luca entra em mim. E prendo a respiração quando ele empurra um segundo com força.*

*— Você gosta de vê-lo usá-la? — Luca sussurra roucamente em meu ouvido.*

*Aceno, incapaz de falar.*

*Ele ri. — Você está tão molhada, Haven. Assistir sua melhor amiga de joelhos enquanto eu masturbo você excita você.*

*Gemo quando ele esfrega meu clitóris com o polegar.*

*Emilee choraminga enquanto Bones violentamente fode sua boca. Seus quadris batem nela, e estou com ciúme. Não dele. Mas dela. Eu quero agradar Luca do jeito que ela agrada Bones. Excita-me saber que posso ser aquela garota para ele.*

*— Porra, você é boa, Em. — Bones geme, jogando a cabeça para trás, seu pomo de adão balançando enquanto ele engole. — Que se foda, sim. É isso.*

*Suas mãos agarram suas coxas nuas e tonificadas, e seu cabelo bate em suas costas nuas.*

*Gemo quando Luca coloca um terceiro dedo em mim.*

*— Shh. — Ele bate com a mão livre na minha boca, me silenciando, ainda segurando minhas costas em sua frente. — Você terá a chance de ser o centro das*

atenções, — ele rosna antes de morder meu pescoço. Um arrepio percorre meu corpo.

Bones empurra para frente uma última vez antes de soltar um gemido, segurando a cabeça dela no lugar enquanto ele goza em sua boca, forçando-a a engolir. Ele sai de seus lábios, e um rastro de esperma desce pelo queixo.

Ele não a deixa se recuperar. Ele a coloca de pé, em seguida, puxa-a para o sofá que fica ao longo da parede de trás. Sentando-se, ele a vira para nos encarar e a puxa para seu colo. Ela monta nele para trás, com os joelhos apoiados no sofá e as pernas bem abertas. Sua maquiagem, uma vez perfeita, deixa listras pretas em seu rosto com a força dele. Seus olhos lacrimejantes estão pesados e ela está ofegante. Ele coloca as mãos em volta do corpo dela. Uma vai para o seio, a outra puxa a minissaia até a cintura. Ele enfia a mão em sua calcinha vermelha, e ela choraminga. A evidência de mancha úmida de sua excitação.

E entendo por que ela deixa cair qualquer coisa por ele a qualquer momento. Ele apenas fodeu sua boca, e parece que ela gozou.

Ele se inclina para frente, sussurrando algo em seu ouvido. Seus olhos pesados encontram os meus, e ela lambe os lábios já molhados.

Minhas coxas se contraem. Luca remove seus dedos de dentro de mim, e caio contra ele com a perda.

— É a sua vez, — ele sussurra, me dando um tapa na bunda. — Deite no chão.

Concordo sem argumentar. Deitada de costas, olho para o teto, a sala girando. Isso me lembra do carrossel na feira, e rezo para não ficar doente. Nunca deveria ter bebido tanto quanto bebi.

*Luca vem para ficar ao meu lado. Ele abre o zíper de sua calça jeans e, em seguida, puxa seu pau impressionantemente grande e muito duro pelo buraco em sua boxer preta. Lambo meus lábios. Ele cai de joelhos, montando em mim, e estendo a mão para agarrar seu pau em minhas mãos, mas ele agarra meus pulsos, me parando.*

*Choramingo e levanto meus quadris.*

*— Você sabe como eu gosto. — Levantando, ele monta em meu rosto. Ele cruza meus pulsos acima da minha cabeça, prendendo-os no tapete macio com uma mão e agarra a base de seu pênis com a mão livre. E abro para ele.*

*Ele corre a ponta de seu pau sobre meus lábios, e sinto o pré-goço cobri-los. Minha língua se lança para fora e lambe seu eixo antes que ele pressione em mim.*

*Gemo enquanto ele enche minha boca. Meus quadris resistem ao vazio, desejando que sua boca estivesse entre minhas pernas. Amo sessenta e nove.*

*Ouçó Emilee gemer à distância, mas não ousou desviar o olhar do rosto de Luca pairando acima de mim. Seus olhos estão colados nos meus. Seus lábios estão separados e sua respiração acelerou. Inclino minha cabeça um pouco mais para trás, e seus quadris levantam. Meus mamilos estão duros, minha boceta encharcada e fico aqui enquanto ele fode minha boca.*

*Ele atinge o fundo da minha garganta e as lágrimas ardem em meus olhos. Ele não desiste; se alguma coisa, ele vai mais duro, mais rápido. Como ele sempre faz. Como eu gosto.*

*Ele paira sobre mim com um olhar de determinação em seu rosto e luxúria em seus olhos. Estou excitada e isso o está excitando.*



*Ele empurra o fundo da minha garganta e me forço a engolir.*

*– Que se foda, – ele rosna. – É isso que eu gosto.*

*Faço de novo.*

*– Maldição, Haven.*

*Lágrimas escorrem pelos lados do meu rosto e minha boca grita por estar tão aberta, mas ele não para.*

*Seu corpo escarranchou meu peito. Tenho dificuldade em respirar pelo nariz,*

*Sinto a sala girar mais rápido. Minha visão ficou embaçada.*

*Ele empurra mais forte, mais rápido e suas mãos apertam meus pulsos. Sei que eles estarão machucados amanhã.*

*E não dou a mínima.*

*De repente, ele puxa e respiro fundo, meu peito arfando.*

*Ele puxa minha calcinha pelas minhas pernas e quase choro de alívio.*

*Em seguida, agarrando meu braço, ele me puxa para cima e me coloca de quatro. Levantando minha cabeça pesada, olho para cima para ver Emilee completamente nua agora, montada em Bones de frente para nós enquanto ele ainda está sentado atrás dela no sofá. Suas mãos agarram seus quadris estreitos enquanto ela o cavalga. Seu cabelo gruda no rosto e no peito escorregadios. Assisto descaradamente enquanto ela salta em seu pau. Seu esperma escorrendo por suas bolas e no sofá de couro.*

*– Abra suas pernas, – Luca ordena antes de me dar um tapa na bunda.*

*Choramingo, mas faço o que ele diz.*

*Ele vem atrás de mim. Ele enfia dois dedos em minha boceta encharcada e gemo. Então ele os puxa com a mesma rapidez e os substitui por seu pau. Ele agarra um punhado de cabelo e puxa minha cabeça para trás. – Veja ele foder ela enquanto fodo você. – Suas pernas afastaram as minhas, fazendo minhas coxas queimarem.*

*Emilee estende a mão e agarra seus seios, seus lábios se separando. Bones libera seus quadris e puxa seus braços para trás, deslizando seu antebraço entre eles e suas costas para travar seus braços no lugar. Sua mão livre sobe e envolve sua garganta, puxando sua cabeça para trás. A ouço tomar uma respiração estrangulada. Seus seios saltam, seu cabelo cobre metade de seu rosto. Vejo seu corpo ficar tenso e seus lábios se separarem antes de ela gozar sobre ele novamente.*

*– É isso aí, Em. Quantas vezes você gozará para mim esta noite? – Ele rosna, não parando.*

*Olho para ele. Bones não usa mais uma camisa, e vejo uma tatuagem em seu peito esculpido. Uma coroa pende do lado de um crânio. Um conjunto de ossos cruzados abaixo dele. E sei que significa Kings.*

*Dark Kings.*

*– Haven?*

*Pulo para trás ao som do meu nome. Minha cabeça vira para olhar para Luca. Seus olhos se estreitam em mim e sinto meu rosto esquentar de vergonha. Eu estava apenas encarando o Bones? Porra, espero não ter dito nada. Ou gemer com a memória.*

*Merda!*

Aperto minhas coxas porque não coloquei nenhuma calcinha, e agora minha boceta está molhada.

— Você vai dar a mim e à minha noiva um minuto? — Luca pergunta com firmeza.

Meu coração palpita com ele me chamando assim. É a primeira vez que ele diz isso em voz alta.

Bones não diz nada, mas seu ombro roça o meu enquanto ele sai e bate a porta. Estremeço com o som.

— Luca...

— Eu estava no meio de uma reunião, — ele me interrompe. — O que é que você precisa?

Minhas mãos fecham em punho. — Eu queria... — Faço uma pausa porque não tenho certeza do que queria. Esperava que ele me amasse depois de ontem à noite? Esperava que ele me trouxesse café da manhã na cama? Ou me levar de avião para uma ilha particular? Não tenho certeza do que pensei. — Nada, — me sento, sem saber o que dizer. Agora envergonhada.

Ele se levanta, abotoa o paletó e dá a volta na mesa. Me levanto, mas ele estende a mão e agarra meu braço, me puxando para ele.

— Luca...

— Você precisa que eu te foda? — Ele pergunta, segurando meu rosto. — É por isso que você entrou aqui? — Seus olhos percorrem meu cabelo

desgrenhado e a camiseta enorme que uso. Não sabia que sempre haveria tantas pessoas aqui na casa. Agora sei que sempre devo estar coberta quando sair do quarto.

— Não.

Ele ergue uma sobrancelha. — Tem certeza? Porque você estava olhando para Bones como se estivesse com disposição para um pau.

Engulo nervosamente e olho para longe dele.

Ele agarra meu queixo e força minha atenção de volta para ele. — É isso que você quer, Haven? — Ele solta meu queixo e passa os nós dos dedos pelo meu pescoço. — Quer que eu chame Bones de volta aqui para que ele possa dobrar você sobre a mesa e foder você?

Meus olhos se estreitam para ele e meu peito aperta.

Seus olhos escurecem. — Ou talvez eu devesse chamá-lo de volta aqui para que ele possa me assistir foder você.

— Vai se foder, Luca! — Grito, batendo meus punhos em seu peito.

Ele agarra meu pulso e coloca minha mão em sua calça. Ele está duro e minha boceta já molhada aperta. — Hum? — Ele pergunta. — Você estava se lembrando da vez em que o vimos foder Emilee?

— Luca... — Seu nome é sussurrado e um sorriso lento se espalha por seu rosto. Se ele estava adivinhando, acabou de obter a resposta.

Ele se abaixa e levanta a bainha da camiseta que visto. Suas sobrancelhas sobem quando ele vê que não estou usando nada por baixo. Fecho meus olhos com vergonha.

— Você estava pensando nele e nela.

— Luca...?

— Por mais divertido que tenha sido, quero que você saiba que isso nunca vai acontecer novamente, Haven, — ele rosna.

Concordo.

— Você pertence a mim. E não vou te compartilhar. Você entende?

— Sim, — choramingo.

— Não com ele. Com ninguém. Serei o único a ver você gozar. Para ver meu pau na sua boca. Ou em sua boceta.

— Por favor, — imploro, não tenho certeza do que estou implorando.

— Você precisa de mim, baby? É por isso que você invadiu aqui? — Ele não espera que responda. Ele agarra minha nuca e me empurra sobre a mesa. Respiro na superfície quando o ouço abrir o zíper das calças. Ele me fode violentamente. Ele não cobre minha boca enquanto gemo seu nome, e sei que ele fez isso de propósito. Ele queria que a casa o ouvisse me dominar. E eu estava cem por cento bem com isso.



Luca

Haven sai do meu escritório quando Bones entra novamente. Ele se senta na cadeira em frente à minha mesa e cruza os braços sobre o peito.

Meu escritório agora cheira a sexo, e ainda estou duro. Poderia ter outra rodada, mas tenho trabalho a fazer. Tenho a sensação de que não vou conseguir fazer nada agora que ela está morando aqui comigo.

— Você estava dizendo? — Limpo minha garganta.

— A palavra na rua é que a retaliação está vindo em sua direção.

É por isso que entrelaçamos nossas vidas e negócios com os Kings. Eles têm olhos e ouvidos em todos os lugares. Eles chegam a lugares que não podemos.

Me inclino para trás na minha cadeira. — Nós sabíamos que isso iria acontecer. — Você não mata seis homens e espera escapar impune. Demorou para eles reconstruírem seu exército e eu tirei sua linha de frente. Deixar seus corpos desmembrados para trás não os agradou. — Eles ficaram sentados em suas bundas por tempo suficiente. Achei que nossa aparição na capela de casamento iria transmitir nossa mensagem.

Ele acena com a cabeça e seus olhos passam para a porta fechada antes de voltarem para mim.

—O que? — Pergunto.

—Haven.

—O que tem ela? — Pergunto, sentando-me reto. Ele estava sonhando acordado comigo transando com ela também? Isso era tudo diversão e jogos quando éramos mais jovens, mas estava dizendo a ela a verdade quando disse que isso nunca aconteceria novamente.

Ele se inclina para frente, colocando seus braços tatuados na superfície da minha mesa. —Meu pai sempre diz: ‘mostre-me um homem apaixonado e eu mostrarei a você sua maior fraqueza.’

Inclino minha cabeça para o lado. —Você acha que eles vão atrás dela?  
— Não é irreal.

—Você acabou de anunciar seu noivado. Está em todos os jornais e nas redes sociais. — Ele se recosta. —É exatamente o que eu faria. Uma mulher é indefesa em comparação com um homem. Especialmente aquela sem treinamento.

—Eu tenho guardas sobre ela. — Rossi nunca terá a oportunidade de tocá-la.

Ele arqueia uma sobrancelha. —Eles são suficientes?

Bato meus punhos na mesa, não feliz por ele me questionar. — Claro.

—O suficiente para apostar na vida dela? — Ele continua.

—Bones!

Ele dá de ombros. Bones não dá a mínima. Ele tem uma atitude descuidada. Apenas três pessoas são importantes para ele e esses são os Kings. E seu reino. Qualquer outra pessoa é um jogo justo, inclusive as mulheres. Como ele disse, são alvos fáceis.

—Só estou perguntando se há buracos por onde alguém pode escorregar.

Corro a mão pelo meu cabelo. —Nite está cobrindo.

Ele concorda. —Então acho que terminamos aqui. — Ele se levanta e caminha até a porta.

—Bones? — Chamo, e ele faz uma pausa, virando-se para me encarar. —Marque uma reunião com Titan mais tarde hoje, — ordeno.

—Vou pedir para ele ligar para você. — Em seguida, ele sai da sala, deixando a porta aberta.

Nite entra imediatamente e olho para ele. Ele está diante da minha mesa, vestido com calças pretas e uma camisa de botão branca. Seu coldre de ombro tem uma arma de cada lado. Eu não duvido de sua lealdade. Ele já provou isso para esta família antes.

*Entramos na cabana e um homem está deitado no chão da sala. Sua mão direita agarra seu braço esquerdo ensanguentado. Uma cobra o mordeu. Ele também está sangrando na coxa direita. E uma cobra ainda está enrolada em seu tornozelo esquerdo.*



*Removo minha arma do meu coldre e atiro na cobra, a bala vai direto em seu tornozelo. Ele grita, seu corpo estremecendo.*

*Me abaixo, pego a cobra e a jogo no canto da sala.*

*Ele olha para mim com os olhos lacrimejantes. Ele olha minhas roupas e como elas estão cobertas com o sangue de Bernard. – Você vai pagar por isso.*

*– Engraçado, isso é exatamente o que Bernard disse.*

*– Porra de pagamento! – Ele grita. – Eles vão encontrar ela.*

*Minha mão aperta a arma.*

*– Eles vão mandar ela de volta para você em pedaços! – Ele grita. – Quando eles terminarem com ela, você nem terá um corpo para identificar. – Ele respira fundo entre os dentes.*

*Minha mandíbula aperta e meus músculos se contraem. Não! Eles não vão! Não vou deixar.*

*Ele sorri para mim. – Isso é depois que eles a usarem, é claro.*

*Meu corpo começa a tremer de pura raiva. Meus músculos tensos e minha mente vendo uma centena de cenários diferentes dela ensanguentada e morta.*

*– Não se preocupe, eles vão se certificar de dar a ela exatamente o que você merece.*

*Caio de joelhos e envolvo minha mão em torno de sua garganta. – Eles nunca vão tocá-la, – rosno.*

*Nite sobe a velha escada de madeira e joga uma corda por cima do corrimão antes de amarrar ele. Envolve os pulsos do cara e fico de pé. Nite puxa a corda com força, puxando ele para cima. Ele balança em suas restrições, lutando por alavancagem com os pés, mas ele não consegue. Eles não estão mais tocando o chão.*

*Removo minha faca da minha bota e abro a lâmina.*

*— Eu já vi isso antes. — Ele sorri para mim, gostando do fato de que ele está me afetando. — A forma como as usam. A maneira como as torturam. Ela será a vingança perfeita para a família Bianchi. — Ele inclina a cabeça para trás para olhar para Nite, que ainda está lá em cima. — Você deveria apenas ter desistido dela.*

*Olho para o homem que considero meu irmão. Não falamos sobre o que exatamente aconteceu quando eles removeram sua língua sete dias atrás. Ele foi jogado na porta com uma nota que dizia ‘silêncio para sempre.’ Nós sabíamos que ele tinha sido levado. Nos três dias que ele sumiu, eu faltei às minhas aulas para procurar ele. E, honestamente, nunca esperamos encontrar seu corpo. Mas, em vez da morte, eles queriam que ele sofresse para nunca mais falar. Saber o que é não poder falar por si mesmo e apenas receber ordens.*

*Achei que ele protegeu meu pai. Nossa família. Mas ele protegeu uma pessoa, em particular. E, neste exato momento, percebo que nunca poderei retribuir. Não importa quantos caras eu mate por ele, nunca será o suficiente.*

*Ninguém fala sobre ela. Ninguém a menciona. Nós a mantemos escondida para que ela permaneça intocável. — Vou estripá-lo como um peixe e te deixar aqui para apodrecer, — digo a ele.*

*Ele ri como se eu fosse engraçado pra caralho. – Vá em frente e faça o seu pior, seu filho da puta. O que quer que você faça comigo, eles farão com ela.*

*– Sobre o meu cadáver, – rosno.*

*Ele joga a cabeça para trás, desta vez seu corpo ensanguentado tremendo de tanto rir. – Depois de ver o que eles fizerem com ela, você desejará que eles apenas o tivessem matado.*

Isso foi há quatro anos.

Agora chegou a hora e precisamos estar prontos. Olho para o meu melhor amigo. – Empacote uma mala. Nós estamos indo embora.

Um olhar de pavor passa por seu rosto antes que ele o mascare e acena com a cabeça antes de sair do meu escritório.

Me levanto, coloco minhas mãos na minha mesa e fecho meus olhos. Não vou permitir que ninguém a toque. Enquanto estiver vivo, vou protegê-la com a minha vida. – Droga! – Grito.

# CAPÍTULO NOVE

*Haven*

Saio do chuveiro e o ouço entrar no quarto. Depois de enrolar a toalha sob os braços, entro no quarto.

— Suas malas ainda estão arrumadas? — Luca pergunta, invadindo seu armário.

— Sim, — respondo, seguindo ele.

— Onde elas estão? — Ele exige.

— No meu armário, — digo, entrando no dele. Ele está jogando merda em uma mala. — O que está acontecendo?

— Aqui. — Ele enfia a mão no bolso e joga meu telefone para mim. Pego no ar. — Vista-se. Estaremos saindo em vinte.

*Saindo?* — Onde estamos indo? — Pergunto.

— Para o Kingdom. — Então ele sai furioso de seu armário e entra no meu. Corro atrás dele. Ele pega algumas das minhas malas e as coloca no meio do quarto.

Franzo a testa. — Por que preciso de malas para ir para o Kingdom? — Pergunto confusa. — Nós vamos ficar lá?

— Não, — ele responde quando seu celular começa a tocar. Ele olha para baixo e clica em responder. — Titan... — Ele faz uma pausa, então sai do quarto, fechando a porta atrás de si.

Olho para o meu telefone na minha mão. Ele não o carregou, então a bateria está com oito por cento. Mordendo meu lábio inferior, vou para o meu registro de chamadas e pego o número de Jasmine. Antes que possa adivinhar o que está acontecendo, pressiono ligar.

Ela atende no terceiro toque. — E aí?

— Eu não tenho muito tempo, — digo em saudação. Olhando para a porta fechada do quarto, espero Luca voltar. Ele não teria me devolvido meu telefone se não tivesse permissão para usar, certo? — O que quer que você esteja fazendo, pare. E me encontre no Kingdom em vinte minutos.



Sento dentro do Empire, a churrascaria que fica no vigésimo andar do Kingdom. Meus joelhos saltam e mordo meu lábio inferior nervosamente. Não tenho ideia do que está acontecendo. Corri para ficar pronta depois que Jasmine concordou em me encontrar. E quando Luca voltou para o quarto, ele estava desligando o telefone e me dizendo que era hora de ir.

Nite nos trouxe aqui. Mas, no momento em que chegamos, Luca disse para Nite ficar comigo e me deixou só. Exatamente como esperava que ele fizesse. Por alguma razão, sabia que estávamos vindo aqui para ele encontrar Titan. E Luca não ia permitir que me envolvesse em tudo o que eles queriam discutir. Descobri isso mais cedo em seu escritório, quando ele estava tendo uma reunião com Bones. Ele pode estar me forçando a casar com ele, mas ele quer me manter no escuro quando se trata de negócios. Uma parte de mim está bem com isso porque nada envolvendo os Dark Kings é bom.

Olho para cima da cabine e vejo Jasmine entrar. Pulo e corro para ela. Ela envolve seus braços em volta de mim e me levanta do chão como se ela não me visse há anos.

—Oh meu Deus, — ela fala, me colocando no chão. Ela parece a mesma de quando a vi algumas semanas atrás. Ela tem pintado o cabelo de vermelho nos últimos dois anos. Ela o usa em um rabo de cavalo alto hoje com uma camiseta Neffex e jeans furados com um par de Converse. Você não pensaria que o pai dela é um milionário. Sempre amei isso nela. Sentamos e seus olhos vão para a entrada. —Esse é Oliver Nite?

Suspiro. —Sim. Ele é minha babá.

Ela levanta o queixo para ele. —Ei, Nite? — Ela chama. —Você cobra por hora? Quanto por uma noite?

—Jasmine...

—Estou falando sério. — Ela assobia olhando para ele de cima a baixo.  
—Droga, ele é mais gostoso do que na faculdade.

Ele não a reconhece de forma alguma. Com os braços cruzados sobre o peito, ele olha para a frente.

Ela ri, me dando sua atenção. —Tenho certeza que ele é gay.

—O que? Não...

—Sim. — Ela acena com a cabeça. —Você nunca o viu com uma garota na escola. Nunca ouvi falar dele com uma mulher. Então ele fez aquele voto de silêncio. — Ela olha de volta para ele. —Você pode ser minha vadia, Nite. Se é isso que você gosta. — Engasgo com o ar quando seus olhos batem nos dela com suas palavras. Ela sopra um beijo para ele. —Eu tenho uma coleira. Sem julgamento. — Ela joga as mãos para o alto. —Eu já experimentei com garotas antes. Eu sei como usar.

Ele olha para ela como se estivesse prestes a bater com seu corpo no chão. E não no bom sentido.

Passo a mão pelo meu rosto. —Quando foi a última vez que você transou?

—Bem, meu moletom ficou preso na maçaneta quando estava saindo de casa ontem e a gola me sufocou. Meus mamilos ficaram duros e minha boceta molhada. Foi a maior ação que tive em três semanas.

A mesma velha Jasmine. Sorrio para ela. Sinto falta dela. Sinto falta das minhas duas melhores amigas. —Você tem falado com Emilee ultimamente?

— Ela estava na cidade algumas semanas atrás.

Olho para o meu celular que está sobre a mesa. Ele morreu oficialmente.  
— O que? Ela não me contou.

Ela acena com a cabeça. — Liguei para ela e ela parecia sem fôlego. Perguntei se ela estava fodendo. Ela ficou em silêncio por um segundo e então explicou que estava embarcando em um avião de volta para Chicago.

Me recosto na cabine. — Por que ela não ligou e me contou?

— Ela estava na cidade apenas durante o dia. É a mãe dela... ela está doente.

Meu peito se aperta. — Doente como?

— Linfoma. Estágio quatro.

Suspiro.

— Deram seis meses de vida a ela. Ela estava voltando para Chicago para empacotar suas coisas e colocar seu apartamento à venda para que ela pudesse voltar para cá e ajudar seu pai a cuidar dela.

— Por que...? — Engulo. Segurando meu telefone, gostaria de poder ligar para ela e dizer que sinto muito. Que a amo e que estou aqui para ela.

— Por que ela não me contou isso?

Ela dá de ombros. — Você sabe como Emilee lida com as coisas. Tentei ligar para ela desde então, mas ela nunca atende.

— Como chegamos aqui? — Pergunto.



— Celibatárias?

Isso me faz rir de como ela desvia. — Não. Tão distante. Éramos inseparáveis.

Ela dá de ombros novamente. — A vida acontece. Nós envelhecemos e tudo vai para uma merda. — Ela pega um pedaço de lula do prato que pedi no meio da mesa e o enfia na boca. — Você deveria ver meus seios. O tempo não tem sido bom para eles.

Duvido disso. Eles são falsos. Mas, em vez de lembrá-la disso, digo: — Vou me casar.

Ela me olha através de seus cílios escuros. Suas mãos param com mais lula. — Minha audição também deve estar péssima, porque parecia que você acabou de dizer que vai se casar.

Levanto minha mão esquerda para mostrar a ela meu anel.

Seus olhos se arregalam. — Você vai ser uma...

— Bianchi, — termino por ela.

Recostando em sua cadeira, ela solta um suspiro pesado. — O que? Como...? Quando vocês voltaram?

Lágrimas ardem em meus olhos e lambo meus lábios. Respirando fundo, informo ela.

— Diga alguma coisa, — imploro, odiando sentar aqui em silêncio.

Ela pisca. — Eu... uh... — Limpando a garganta, ela se mexeu na cadeira. — Qual é o problema aqui?

—Jasmine, — rosno.

—O que? Haven. — Ela estende o braço por cima da mesa e agarra minha mão. —Sinceramente, não vejo o problema. Você ama Luca. Você sempre o amou. Agora ele é todo seu.

Removo minha mão da dela. —Só no papel.

—Você não sabe disso. Você deu a ele uma chance? Sentou-se e realmente falou com ele?

Minha boca se abre. —Inacreditável.

—Haven...

—Você deveria estar do meu lado. Ele dormiu com outra mulher.

—Fez você pensar que ele dormiu com outra mulher, — ela me corrige.  
—Isso é tudo que você sempre quis. Por que você está lutando tanto?

—Porque ele não me queria, — digo baixinho. —É tudo sobre dinheiro. Poder.

—Eu não acredito nisso por um segundo. — Ela balança a cabeça. —Eu acho que você só está com medo.

—Não estou.

—Você tem medo de que, pela primeira vez na vida, ela não esteja desmoronando.

Reviro meus olhos.

—Olhe para você. — Ela gesticula para mim. —Você está uma bagunça total desde que ele foi para a Itália. Você passou a maior parte do tempo com uma garrafa de vinho ou se afogando em um pote de sorvete. Sua vida está uma bagunça...

—Obrigada. — Bufo. —Nós duas sabemos que a sua é simplesmente perfeita.

Ela inclina a cabeça para o lado. —Não estou prestes a dizer que tenho minhas coisas sob controle. Mas nós duas sabemos que isso não é sobre mim. — Ela olha para as mãos unidas sobre a mesa. —Eu tenho meus próprios problemas quando se trata de amor e sei que se me oferecessem a mesma oportunidade que você, aceitaria sem pensar. Mesmo que venha com um contrato e um pagamento.

Ela está se referindo a Trenton. Depois de todos esses anos, ela ainda está ligada a ele. Mesmo que o cara agora seja casado.

Seus olhos encontram os meus. — Apenas dê a ele uma chance. Talvez acabe sendo a melhor coisa que já aconteceu com você.

—Ou a pior, — acrescento.

Sinto um par de olhos em mim. Olho para cima e Luca está parado ao lado de Nite. Seus olhos nos meus enquanto ele fala com ele. E sei que meu tempo com minha amiga acabou.



*Luca*

Uma hora depois, estamos embarcando em meu jato particular. Nite se senta na minha frente, e Haven se senta à minha direita. Dois homens chamados Max e Gabe estão sentados um de cada lado de Nite.

Titan os deu para mim. Ele disse que eles são o melhor que ele tem e confia neles com tudo. Então disse a eles para empacotar suas merdas, eles estavam indo em uma viagem. Este é o treinamento deles. Talvez os traga de volta vivos, talvez não. Isso depende deles.

Haven abaixa sua janela e se aconchega em seu travesseiro. Fechando os olhos, observo sua respiração enquanto ela cai em um sono profundo.

Nite chama minha atenção quando passa a mão pelo cabelo. Ele parece nervoso.

—Então, quando seremos informados de para onde estamos indo? — Max pergunta.

Não gosto muito deles, mas enquanto eles aceitarem ordens, não cortarei seus pescoços.

—Itália, — respondo.

—Por quanto tempo? — O outro pergunta.

—Estaremos indo apenas por alguns dias. — Olho para Nite e ele engole. Ele vai ficar para trás.

# CAPÍTULO DEZ

*Haven*

Treze horas e três cochilos depois, nosso avião pousa na Sicília, Itália, onde dois carros nos aguardam do lado de fora de um hangar de aviões. Luca me leva para o banco de trás do primeiro, junto com um dos caras que sei que se chama Max. Nite e o outro cara entram no segundo carro. Fico em silêncio, olhando pela janela do carro. Já estive na Itália antes. Quando tinha nove anos, meus pais me trouxeram para passar férias na maior ilha do Mediterrâneo. Ficamos por uma semana, e me mudaria para cá em um piscar de olhos.

Chegamos a um portão, mas ele se abre antes mesmo que o carro pare. Sento mais ereta, observando enquanto a grande mansão em estilo Palazzo Italiano surge à vista. O sol está começando a se pôr no fundo, fazendo com que a estrutura iluminada pareça perfeita. O carro para na garagem de tijolos vermelhos. O motorista sai, abrindo minha porta, e saio, olhando para ela com admiração.

—Este é o seu lugar? — Pergunto a Luca, sem me preocupar em olhar para ele.

—Não, — ele responde, pegando minha mão e me levando escada acima, passando pelas colunas de concreto.

Duas portas de madeira se abrem e entramos. Olho em volta, maravilhada com as obras de arte caras penduradas nas paredes. E detalhes lindos no teto e no chão.

—Onde ela está? — Luca pergunta a um homem que se aproxima de nós.

Fico tensa. Ela? Nas últimas treze horas, nunca perguntei por que estávamos vindo para cá. Minha cabeça vira para olhar para ele.

O homem responde em italiano, e meus lábios se estreitam.

Luca balança a cabeça e começa a me arrastar pela casa até que saímos por uma porta de vidro aberta. E uma mulher está em frente à piscina olímpica de borda infinita. A casa fica na encosta de um penhasco, com vista para o mar. Mas tudo que consigo olhar é a mulher que está de costas para nós. Ela tem pernas longas e magras. Ela usa um maiô preto de uma peça só com um corte alto em seus quadris estreitos, mostrando sua bunda cheia. Seu cabelo comprido e escuro se reduz a um V na parte inferior das costas. Ela usa um enorme chapéu branco que você veria no hipódromo Kentucky Derby. Uma fita preta enrolada na base é amarrada em um grande laço na lateral, e a fita fica pendurada na borda.

Luca diz alguma coisa em italiano e, de novo, me chuto por não saber o idioma.

A mulher se vira e seus lábios carnudos pintados de vermelho se abrem em um suspiro. Ela corre para ele, jogando os braços ao redor de seu pescoço.

Ele a abraça com força. Fico com ciúmes instantaneamente. Se ele me trouxe aqui para conhecer sua aventura de verão, vou ficar chateada. Colocando ela sobre suas sandálias pretas, ela se vira para me encarar. Um par de óculos Gucci pretos fica em seu rosto de Barbie impecável. Meus olhos vagam sobre seu pequeno peito e corpo minúsculo. Ela parece uma modelo que merece estar na capa da Vogue. Nunca fico tão bem parada à beira da piscina. Nunca pareço tão bem, na verdade.

—Você deve ser Haven. — Ela estende a mão direita para mim. Seu inglês tão perfeito quanto seu italiano parecia. Igual a ela.

—Eu sou a noiva dele, — a corrijo, levantando meu queixo. E imediatamente quero rastejar para baixo da mesa que está à minha direita. Não deveria mostrar nenhum tipo de ciúme dela, porque isso apenas prova que Luca está certo.

Ela ri e Luca dá uma pequena tosse.

—Parabéns. — Ela me dá um grande sorriso, mostrando seu sorriso deslumbrante. Dentes brancos como neve fresca. Eles também são retos como uma flecha.

Porra, há algo de errado com essa garota? Ela não parece ter uma única falha. Como se ela tivesse sido preparada para colocar qualquer homem de joelhos.



— Haven... — Ele joga o braço sobre os ombros dela, puxando ela para o seu lado. — Esta é Mia Bianchi. Minha irmã.

*Uh... — Sua o quê? — Irmã dele?*

*Eu tinha seis anos quando outra garota apareceu. Minha mãe imediatamente começou a chorar. Ela sabia que o destino da criança seria o mesmo de sua primeira filha. Mas ela implorou a meu pai que não a matasse. Ele nunca disse nada além disso. Achei que seu pai a tivesse matado também.*

— Mas...?

Ela me abraça, me empurrando um pouco para trás com sua força. Rindo como uma adolescente, ela sussurra em meu ouvido: — Eu sempre quis uma irmã.

Afago suas costas sem jeito enquanto tento envolver minha cabeça em torno desta nova informação.

Olho para ele com os olhos arregalados. Anos juntos e ele nunca mencionou que tinha uma irmã. — Por que você esconderia isso de mim?

— É complicado, — ele responde com firmeza.

Bufo, agora chateada por um motivo diferente. — Complicado? Nada sobre ter uma irmã é complicado, Luca.

Mia sorri. — Eu gosto dela.

Luca a ignora e vem para mim. Sua mandíbula se firmou em uma linha dura. — Eu não espero que você entenda.

—Experimente, — desafio, olhando para sua... irmã. Ela está sorrindo para mim. A fodida irmã dele! Meus olhos voltam para os dele.

Ele abre a boca, mas um dos meus novos guarda-costas o interrompe. — Luca?

—O que? — Ele rosna para ele.

—O perímetro está livre.

Luca se afasta de mim, virando e caminhando até o cara antes que eles se afastem juntos.

—Sinto muito... — Seu rosto bonito entristece. — Eu...

—Não é sua culpa, — digo a Mia.

Ela está escondida, mantida em segredo por quanto tempo? Luca disse que ela nasceu seis anos depois dele, e sou dois anos mais jovem do que ele, então ela teria vinte anos? Possivelmente vinte e um? —Há quanto tempo você mora aqui?

—Desde que eu tinha treze anos, — ela responde.

Suspiro, passando a mão pelo meu cabelo. —Eu... estou tentando entender isso.

—Aqui. — Ela agarra minha mão e me leva até uma espreguiçadeira à beira da piscina. Me joga como um porco caindo na lama enquanto ela se senta ao meu lado com a graça de uma maldita rainha e cruza a perna direita sobre a esquerda.

Tirando o chapéu, ela empurra os óculos no topo da cabeça. Minha respiração fica presa em meus pulmões quando meus olhos encontram os dela. Eles são do mesmo azul prateado que os de sua mãe. Eles a fazem parecer exótica com sua pele bronzeada e cabelo escuro. Ela se parece tanto com a mãe deles, é assustador.

—O que você quer saber? — Ela me pergunta.

Pisco, tentando entender o que está acontecendo. E como ela será aberta sobre isso. —Luca não me disse nada sobre você. — Bem, isso é uma mentira. Ouvi sobre como sua mãe implorou para manter ela. Não acho que mandar sua única filha embora fosse seu desejo.

—Não estou surpresa.

—Por que você não está em Vegas? — Pergunto a primeira coisa que vem à minha mente.

—Meu pai me enviou aqui no meu aniversário de treze anos porque ele não queria que ninguém soubesse sobre mim.

—Mas por que? — Pergunto confusa. Por que ela tem que ser um segredo?

—A vida da máfia é sombria. Sei o que meu pai e meus irmãos fazem. E quem eles vão atrás. Luca realmente convenceu nosso pai a me enviar aqui.

Minha mandíbula aperta. —Luca é a razão de você ter sido exilada?

Ela dá uma risada suave. —Foi o melhor para mim. Para me manter segura.

Passo a mão pelo meu cabelo. — Você está realmente correndo tanto perigo? — Os caras não moram aqui. Bem, os gêmeos já se foram há anos, mas nunca me importei em perguntar onde eles estavam ou por quê. Eles ficam aqui com ela? Eles foram despachados também?

Ela olha para alguma coisa e vejo Nite passar por nós. Ela desvia os olhos e inspeciona as unhas pintadas de vermelho. — Fui responsável por machucar ele.

— Machucar ele? — Pergunto, ainda mais confusa. — Machucar quem? Luca?

— Nite.

Minhas sobrancelhas se juntam. Ela não está fazendo nenhum sentido. — Como você o machucou?

Seus olhos prateados encontram os meus e ela inclina a cabeça para o lado. — Ele não disse a você.

Balancei minha cabeça. — Ninguém me disse nada. — Não sei se ela está se referindo a Luca ou Nite. Mas tenho certeza de que todos sabem que Nite não fala desde o último ano da faculdade.

— Você já ouviu falar de Alberto Rossi? — Ela pergunta.

Aceno com minha cabeça. — Sim.

Ela suspira. — Ele é o maior rival do meu pai em Vegas. É uma luta constante há anos. Mas eles já foram amigos. De alguma forma, se espalhou a notícia de que Rossi me queria. Ele sabia que meu pai e meus irmãos não

iriam desistir de mim, não se eles se esforçaram tanto para me manter escondida todo esse tempo, então ele pensou que seria capaz de subornar um membro da equipe do meu pai.

—Quem?

—Oliver Nite.

Não gosto de onde isso vai dar.

—Ele foi abordado, e não tenho certeza desses detalhes, mas tudo o que ele disse ou fez não caiu bem para Rossi. E por alguma razão, eles pensaram que poderiam fazer de outra forma. Uma semana depois, Oliver Nite foi levado de sua casa. Ele tinha desaparecido.

Me lembro de quando ele faltou à escola por algumas semanas. Quando ele voltou, ele nunca mais falou.

Ela olha para seus sapatos e suaviza a voz. —Ele foi torturado. — Meu peito se aperta. —Eles queriam informações sobre mim, e ele se recusou a dar. Sua lealdade para com minha família não vacilou. — Ela balança a cabeça como se mantê-la em segredo fosse a coisa mais estúpida que ele poderia ter feito. —Eles cortaram sua língua por isso. — Suspiro, e minha mão sobe para cobrir minha boca. —Eles o deixaram na porta da frente de Luca. Uma semana depois, Nite, Luca e um dos homens de meu pai foram atrás de Rossi. Embora ele não tenha sido encontrado, eles massacraram brutalmente seis de seus homens em retaliação pelo que fizeram a Nite.

Minha cabeça gira, mas tudo faz sentido agora. Por que ele não fala. O voto de silêncio. Era mentira. —Eu não sabia...

— Ninguém sabe. Se descobrisse o que aconteceu com ele, meu segredo seria revelado.

— Mas... eu não entendo. Por que manter você em segredo?

Seus olhos prateados encontram os meus. — Porque um jogador nunca mostra suas cartas.

Meu peito se aperta. O Sr. Bianchi vai usar sua filha. Ele tem um plano para ela. Ele a salvou enviando ela aqui, mas que tipo de perigo seu futuro representa? O que ele poderia fazer com ela?

Olho para Nite, que agora está parado à beira da piscina com os braços cruzados sobre o peito e um par de óculos aviadores no rosto, embora o sol esteja quase se pondo. Vejo ele sob uma luz diferente agora. Nunca fomos amigos, mas nunca não gostei dele. Não consigo imaginar o que ele passou e que tipo de culpa Mia guarda, sabendo o que aconteceu com ele.

— Com Luca aqui, isso só pode significar uma coisa. — Ela suspira.

Minha cabeça volta para a dela. — O que? — Meu coração acelera com suas palavras, porque até agora, não sabia por que diabos estávamos aqui.

— Eles estão vindo atrás de mim.



Luca

Está tarde. Meu relógio me diz que já passa de uma da manhã, então não durmo há mais de vinte e quatro horas. As coisas precisavam ser cuidadas antes de ter essa opção. Fecho a porta do quarto atrás de mim e tranco. Estou removendo minha arma do coldre quando a lâmpada de cabeceira acende.

Haven se senta. Com os olhos bem abertos e os lábios em uma linha dura, está claro que ela está esperando por mim. — Por que você não me contou sobre o Nite?

Coloco minha arma na mesa de cabeceira. Vejo que minha irmã e ela têm falado muito. — Não parecia importante.

Ela engasga. — Eles cortaram a língua dele, Luca. Eles...

— Eu sei o que eles fizeram, Haven, — a interrompo. Não estou com vontade de fazer isso com ela. Ela dormiu no avião, mas eu não, então estou irritado e cansado. Não é uma boa combinação.

— Mia me disse que você, Nite e outro cara cuidaram de quem o machucou.

Concordo.

— O que você fez com eles? — Ela pergunta.

— Você não quer saber.

— Eu quero.

— Não, você não quer, — rosno, removendo minha camisa.

Ela passa a mão pelo cabelo escuro. — Não entendo. Como você soube que deveria vir aqui?

— Ontem quando estava me encontrando com Bones, ele me informou que houve uma conversa. Rossi tinha homens juntos e eles estavam prontos. Ele sugeriu que eles poderiam vir atrás de você, mas sei de quem eles iriam atrás.

— Mia, — ela sussurra.

Concordo.

— Por que não ficamos aqui com ela?

— Não é seguro. E tenho que voltar. Nós temos que voltar. Tenho negócios para administrar e temos um casamento para comemorar. Se eu ficar muito tempo, eles vão começar a fazer perguntas e possivelmente me rastrear, o que os levaria direto a ela.

— Traga ela de volta para Las Vegas conosco, — ela argumenta.

— Eu não posso.

— Ligue para o seu pai. Você fez com que ele a enviasse aqui, para que possa falar com ele...



— Eu não posso! — Grito. — Não sou o pai dela. Eu não tenho controle sobre ela. — Ela não sabe como é ter as mãos amarradas. Passei toda a minha vida protegendo Mia. No momento em que a vi, soube que era tudo o que ela tinha.

### *Seis anos de idade*

*— Por favor... — minha mãe chora. — Estou te implorando.*

*Bato na porta antes de girar a maçaneta e entrar. Sem esperar permissão. Minha mãe está deitada no centro da cama grande. Uma mulher está parada ao lado, um bebê chorando aninhado em seus braços.*

*Minha irmã.*

*Ninguém me dá atenção.*

*Meu pai vai até a mulher que está morando em nossa casa há um mês para ajudar minha mãe a se preparar para o bebê. — Me deixe ficar com ela. — Ele estende as mãos.*

*A mulher a entrega e minha mãe se mexe na cama. — Por favor! — Ela chora. — Não faça isso! De novo não...*

*— Silêncio! — Ele grita, fazendo ela se empurrar contra a cabeceira da cama. Ele segura minha irmã em seus braços, balançando ela suavemente para frente e para trás. Um sorriso se espalha em seu rosto enquanto ele olha para minha irmã mais nova, e isso me deixa nervoso. Já vi esse olhar antes. É o mesmo que ele dá*

*antes de tirar uma vida. — Ela pode ficar, — ele finalmente diz, e minha mãe começa a soluçar. — Mas chegará um tempo em que ela merecerá seu sobrenome.*

*— Sim. — Minha mãe balança a cabeça, enxugando as lágrimas do rosto. — Claro.*

— Ela pode viver conosco. Eu vou ajudar a esconder ela, — Haven continua cortando meus pensamentos.

— Não, — rosno.

— Luca...

— Você sabe o que tive que fazer para conseguir que ele a colocasse aqui? — Estalo.

— O que? Luca? — Ela fica de joelhos. — O que você fez?

Balancei minha cabeça. Não posso contar a ela. Não posso deixar ela saber. Ela nunca vai me perdoar. Minha irmã nunca vai me perdoar. — Não importa. Está feito.

Ela bate os punhos no meu peito. — Essa é a mesma coisa que meu pai me disse antes de me entregar para você, — ela fala.

— Ouça...

— Ela não pode viver aqui. Ela está isolada.

Estou ficando com dor de cabeça. — Ela está segura.

— Isso não é vida.

— Diga isso aos milhares de mulheres da máfia que foram espancadas e estupradas. — Seus olhos se arregalam. — Diga isso para aquelas que foram vendidas como escravas sexuais. Ou aquelas jogados em uma cela de prisão por crimes que nunca cometeram. — Suspiro, esfregando minhas têmporas. — Amanhã de manhã embarcaremos naquele avião e deixaremos Mia aqui.

Lágrimas enchem seus olhos. — Bem quando eu estava começando a tolerar você, você me lembra quem você é. E me lembro o quanto eu te odeio. — Ela pula da cama, sai correndo do quarto e bate a porta atrás de si. Não tenho nenhum desejo de brigar com ela ou mesmo tentar explicar o modo de vida Bianchi para ela, então a deixei ir.

# CAPÍTULO ONZE

*Haven*

Corro pela casa grande e em direção à cozinha. Acendendo a luz, grito quando dou de cara com um pequeno corpo.

—Sinto muito, — Mia diz correndo. — Eu não queria te assustar.

—Está tudo bem, — digo a ela, deixando escapar um longo suspiro. —O que está fazendo acordada tão tarde? — Pergunto, percebendo que ela trocou o maiô por uma camisola de seda roxa. Possui alças de renda, uma caiu de seu ombro. A bainha toca o chão, mas tem uma longa fenda na lateral do corpo, deixando à mostra a coxa. Seu rosto está sem maquiagem, mas ela ainda parece pronta para a passarela.

—Não consigo dormir. Você?

—O mesmo, — murmuro. Acho que todo aquele sono que tive no avião me ferrou. Em seguida, adicione a mudança de horário e todas as novas informações que aprendi. Qualquer uma dessas coisas pode ser a causa.

—Quer que eu faça algo para você? — Ela oferece.

—Ah não. Você não tem que fazer isso.

— Absurdo. — Ela me dispensa. — Você gosta de biscoitos e molho?

Sorriso. — Eles são meus favoritos.

— Então é isso que farei.

— Você cozinha? — Pergunto, puxando uma banquetta e sentando na ilha da cozinha.

Ela balança a cabeça, pegando coisas da geladeira inoxidável. — Eu amo isso. Tenho muito tempo disponível, então, ao longo dos anos, aprendi a cozinhar todos os tipos de comida.

— Você vai para a universidade? — Pergunto, sendo intrometida.

Ela bufa. — Eu queria. Não tenho permissão para ir à escola.

— O que você quer dizer com não tem permissão? — Não sei muito sobre educação italiana.

— As mulheres na minha família não deveriam ter um cérebro. — Ela revira os olhos. — Nem mesmo fui para a escola. — Meus olhos se arregalam. — Tive babás que me ensinaram tudo o que sei, o que, infelizmente, não é muito. — Ela sorri para mim. — Eu adoraria ir para a faculdade. Não só para aprender, mas também para as festas. — Colocando os cotovelos na ilha, ela deixa cair o queixo nas mãos, me dando um sorriso que ilumina seu rosto. Isso a faz parecer mais jovem do que imagino. — Você tem alguma história maluca que possa me contar?

Rio, pensando sobre o tempo que eu e Emilee estávamos com Bones e Luca na sala de jogos. — Não que você queira ouvir.

Ela franze a testa.

—Elas envolvem seu irmão, — informo a ela.

Seu rosto se contrai. —Sim, não me importo em ouvir isso. — E então ela se endireita.

—Então você está aqui sozinha? — Mudo de assunto.

—Não. Sempre há guardas e empregados domésticos. Os gêmeos estão em algum lugar por aqui destruindo a Itália. Eles vêm e vão.

Achei que meu pai me vender era ruim, mas ele não me mandou embora sozinha e se esqueceu de mim. Essa garota foi completamente abandonada. Ela foi deixada em seu próprio mundo e fechada para qualquer pessoa. — E a sua mãe?

Ela balança a cabeça. —Meu pai não permite que ela saia de Nova York. Ela raramente consegue ir a Las Vegas.

*Idiota!*

—Rapazes?

Um rubor enche suas bochechas. — Ah não.

Esta mulher é tão inocente. — Você já esteve em um encontro?

Ela balança a cabeça e ri. — Não.

—Oh, você gosta de alguém, no entanto, — observo. Conheço o olhar de uma garota quando ela está apaixonada. — Quem é ele? — Sei que não é ninguém que conheça, mas, novamente, sou apenas eu sendo intrometida.

E além do mais, parece que faz uma eternidade desde que tive uma conversa de garotas. — Me conte tudo sobre ele.

— Bem... — Ela morde o lábio inferior. — Nunca disse isso a ninguém, mas sempre gostei de Oliver.

Meus olhos se arregalam. — Você tem uma queda por Nite?

— Shh. — Ela ri baixinho, seus olhos percorrendo a grande cozinha, mas estamos sozinhas. — Ele nunca iria gostar de mim, no entanto.

*O que?* — Mia. Você é absolutamente linda. Não que a aparência tenha tudo a ver com isso, mas ele teria sorte de estar com você.

Ela desvia os olhos para a ilha da cozinha. — Você tem sorte, sabe? Com Luca. Que ele pode escolher você.

— O que você quer dizer?

— Em nosso mundo, nosso pai escolhe com quem seus filhos se casarão e quais famílias serão conectadas. Há muito tempo que Luca ama você e, enquanto esteve aqui, passou o tempo todo procurando uma maneira de fazer de você sua esposa.

— Aqui? — Meus olhos se arregalam e solto um longo suspiro. — É por isso que ele veio para a Itália? Era para estar com você. — Respondo minha própria pergunta.

Ela me dá um sorriso triste. — Ele foi um resmungão total o tempo todo. Eu o chamei de azedo amargo.

Rio, tentando imaginar Luca permitindo que alguém o chame assim. — Azedo amargo?

Ela acena com a cabeça. — Você conhece aqueles doces azedos que fazem seu rosto torcer? Ele andava assim o tempo todo. Ele odiava deixar você. Ele odiava mentir para você ainda mais.

Meu peito se aperta.

— Ele estava em uma missão.

— Para quê?

— Para descobrir que tipo de apoio ele precisava para conseguir você. — Meu coração bate mais rápido. — Papai escolheu uma mulher para ele, mas Luca não aceitou. — Seus lábios se retraem. — Graças a Deus. Maria não era certa para ele.

Ignoro totalmente o fato de que ela acabou de dizer que seu pai queria que ele se casasse com outra pessoa porque isso não importa. Obviamente, Luca conseguiu o que queria, eu. — Você sabe o que ele encontrou?

Ela balança a cabeça. — Não. Mas eu soube no momento em que ele encontrou o que estava procurando, porque ele não estava mais com aquele olhar azedo. Ele não estava sorrindo e pulando pela casa nem nada, mas estava determinado. Ele empacotou suas coisas e foi embora semanas depois.

Me sento na cadeira, meu peito pesado.

— Ei, desculpe por ter chateado você.



—Não. — Balancei minha cabeça. —Sinto muito por tirar ele de você.

Ela me dá um sorriso suave. —Luca sempre deveria estar onde você estava.



*Luca*

Sinto a cama afundar e, em seguida, as cobertas são puxadas para longe. —Haven... — Minha voz falha enquanto ela monta em meus quadris. —O que você está fazendo? — Pergunto asperamente, começando a acordar totalmente do meu sono. O quarto está escuro como breu, então sei que ainda não é de manhã. Depois que ela saiu furiosa do quarto, não me incomodei em ir atrás dela. Fui para a cama e desmaiei.

Suas pequenas mãos sobem pelos meus lados e sobre o meu peito. Em seguida, ela arrasta as unhas sobre a minha pele. Assobio uma respiração com o arranhar.

—Haven... o que você...

—Shh, — ela me interrompe. Então sinto seu peito em cima do meu. Levanto minhas mãos que se enredam em seu cabelo antes de seus lábios tocarem suavemente os meus. — Não estrague isso, — ela sussurra.

—Estragar o quê? — Pergunto, me perguntando onde isso vai dar.

—Você. Eu. Nós, — ela responde, arrastando seus lábios pelo meu queixo e pelo meu pescoço. Ela beija minha pele e empurro sua cabeça para baixo com minhas mãos ainda em seu cabelo. Meu pau está duro. Desde que a senti em cima de mim.

Ela entende a dica e se move mais para baixo. Sua mão agarra a base do meu pau e sinto sua língua circulando minha cabeça, mas mudo de ideia.

Empurro ela de cima de mim e deito ela de costas. Ela não protesta. Ela sabe que não estou com humor para preliminares.

Agarrando suas coxas, as empurro em seu peito e estômago. Pego meu pau em minha mão e o esfrego contra sua boceta. Ela está molhada, assim como sabia que ela estaria. Empurro dentro dela, e ela choraminga. Chego ao redor e agarro seus braços, puxando eles através de suas pernas e prendo-os paralelamente.

Posso ouvir sua respiração ofegante. O quarto se enche de ruídos suaves de sua luta neste ângulo. Tenho ela enjaulada. Inclinando sua bunda um pouco, e começo a transar com ela.

# CAPÍTULO DOZE

*Haven*

Deito ao lado dele, meu coração ainda batendo forte e meu corpo coberto de suor. Me viro de lado e o observo. Ele está com os olhos fechados, os lábios entreabertos e a mão no peito. Meus olhos se adaptaram à escuridão, me permitindo ver melhor.

—O que você fez? — Me encontro incapaz de segurar por mais tempo. Preciso saber.

Ele abre os olhos e vira a cabeça para olhar para mim. —Você vai ter que ser mais específica.

Sento e afasto meu cabelo rebelde do rosto suado. —O que você fez para que meu pai concordasse em me forçar a casar com você?

Ele fecha os olhos e suspira. —Haven...

—Não vou ficar com raiva de você, — o interrompo, tentando assegurar-lhe que ele pode me dizer. —Por favor? — Ele olha de volta para mim, e monto seus quadris, empurrando meu cabelo atrás da minha orelha. —Eu quero saber. Acho que mereço isso. — Vou por outro caminho. Qualquer coisa para fazê-lo se abrir comigo.

Ele coloca as mãos na minha cintura e solta um suspiro. Seus olhos escuros vagam pelo meu rosto antes de encontrar os meus. — Eu chantageei ele.

Mantenho meu rosto sem emoção. Ele está sendo muito vago. — Quem lhe deu as informações de que você precisava para fazer isso?

— Sua mãe.

Minha boca se abre. — O que?

Ele gentilmente passa as mãos para cima e para baixo em minhas coxas nuas. — Sua mãe me ligou e me informou que seu pai estava em dívida. Que ele vinha roubando do banco há anos. Ela queria te proteger. Disse que você não era a mesma desde que fui embora e que ela conhecia uma maneira de te resgatar.

— Ela armou para mim? — Sussurro.

Ele se senta e vou me afastar, mas ele envolve seu braço em volta da minha cintura para me segurar no lugar. — Ela sabia que eu não iria me afastar de você, e ela sabia que você precisava de mim.

— Mas você se afastou de mim. E eu estava indo muito bem sem você, — acrescento com mordida. Ele franze a testa para mim. — Tudo faz sentido. Por que minhas coisas estavam embaladas... por que ela nunca tentou entrar em contato comigo... — Minha voz falha enquanto meu maxilar aperta.

— Haven, ela fez isso...

— Por ela! — Rosno. — Ela não queria que papai perdesse sua preciosa casa. Seus carros. Dinheiro. Ela queria ter certeza de que tinha um plano reserva.

— Haven...

— Como você sabe que ela não estava mexendo com os bancos também?

— Haven...?

— Meu pai sabe? — Exijo. — Que ela delatou ele?

Ele balança a cabeça. — Ele sabe que eu sei que ele está em dívida e precisava de um plano de fuga, mas não tem ideia de quem me deu a informação. Nem tenho certeza se ele sabe que ela está ciente do que está acontecendo com os bancos.

— E daí? Você deu a ele cinco milhões e está tudo bem agora? — Cruzo meus braços sobre meu peito.

Sua mandíbula se afia e ele desvia o olhar de mim.

— Luca...

— Dei a ele o dinheiro em troca de você e controle sobre todos os quinze locais.

Aceno minha cabeça uma vez. — Para lavar dinheiro. — É o que a Máfia faz. Grande parte de sua renda vem de drogas e outras atividades ilegais. Dinheiro. Eles têm que esconder isso do governo, e a desgraça de meu pai foi a passagem de Luca.

—O que você esperava? — Ele rosna. —Que eu vivesse no caminho reto e estreito? — Ele segura meu rosto com a mão livre. —Eu te amo, Haven. Sempre amei. Sempre vou. Não vou sentar aqui e me desculpar por encontrar uma maneira de te pegar. E se isso significa que vou ganhar algum dinheiro enquanto isso, então que seja.

Mordo meu lábio inferior. —Por que cinco milhões?

Ele me dá um sorriso. Aquele que eu nunca poderia dizer não. —Porque ele era tão profundo assim. — Ele agarra minha mão esquerda e olha meu anel. —Mas eu teria pago um bilhão se isso significasse que você seria minha para sempre.

Caio na cama ao lado dele, e ele me puxa para o seu lado. —E quanto a Mia? — Pergunto. Ela está em risco. Só não tenho certeza do que ainda.

Ele enrijece. —O que tem ela?

—Por que seu pai a esconde aqui?

Ele solta um longo suspiro. —Um jogador nunca mostra sua mão.

A mesma coisa que Mia me disse. Fecho os olhos, odiando essas palavras porque sei exatamente o que significam. —Ele vai usá-la. Assim como meu pai me usou. — As mulheres são entregues como fichas de pôquer. Ela vai se casar com um homem para beneficiar seu pai. Eles estão sempre tentando subir na classificação. Não importa quanto dinheiro eles tenham ou quão grandes sejam suas mansões, eles sempre querem mais. E eles usam outros para lucrar com isso.

Ele não diz nada, mas o que há para dizer? Não foi uma pergunta. E juro a mim mesma que seja o que for que aconteça com ela, estarei lá. Posso não ser capaz de impedir, mas não vou deixá-la se sentir desamparada ou perdida. Vou me certificar de que ela saiba que sempre terá alguém para quem ligar. Para quem ela pode correr. Vou protegê-la quando ninguém mais o fará. Serei a melhor irmã, já que Deus sabe que seus irmãos são uma merda.

Empurro para fora da cama, tentando me sentar, mas ele envolve seus braços em volta da minha cintura e me puxa para baixo. Sua mão sobe e desce pelo meu estômago, e um pensamento me atinge. — Por que não usamos camisinha? — Nunca fomos cuidadosos, mas o fato de a papelada mencionar herdeiros me faz pensar que ele quer que eu engravide agora. Não me lembro de dizer quando tinha que produzir filhos. Acho que um casamento forçado seria ruim para ele e a família Bianchi. Mas mesmo que já estivesse grávida, o casamento seria em menos de duas semanas, então não estaria aparecendo tão rápido. E eles sempre podiam mentir e dizer que tive o bebê antes da data do parto. Acontece o tempo todo.

— Porque sei que você está tomando injeção. — Ele boceja.

— O que? Como? — Não é a resposta que eu esperava.

— Sei que você vê o Dr. Nelson a cada três meses. Desde... bem, você sabe.

Não tenho certeza do que dizer sobre isso. Coloco minha cabeça em seu peito e ouço sua respiração até que ele ronca levemente. E soltei um longo suspiro. Ele tem razão. Estou tomando injeção há quatro anos.

– Haven, o que há de errado? – Emilee pergunta, seus saltos batendo no chão enquanto ela tenta me acompanhar.

– Eu preciso ir ao banheiro, – respondo, me apressando.

– Você vai ficar doente?

Viramos a esquina e paramos rapidamente quando vemos um dos Kings encostado na porta do banheiro masculino, segurando-a fechada.

Titan está com os braços cruzados sobre o peito, o pé esquerdo plantado no chão enquanto o joelho direito está dobrado, e sua bota preta está apoiada na porta atrás dele. E ele tem um cigarro na boca. No momento em que ele nos vê, ele estende a mão e o puxa com um estalo. – O que vocês duas estão fazendo fora da aula? – Ele questiona.

Não respondo e nem Emilee porque ela não sabe por que a arrastei pelo corredor. Escolhi o corredor menos movimentado no início da manhã. Estudantes universitários ainda vagam pelos corredores, mas está morto agora.

Seus olhos se movem dos meus para os dela. Ele a olha de cima a baixo, se demorando em seu peito e coxas por alguns segundos extras. Quando eles alcançam seus lábios, ele lambe os dele.

Olho para ela com as sobrancelhas levantadas. O que eu perdi? Ela vira a cabeça, mas não antes de eu ver o rubor em seu rosto.

Um barulho de dentro do banheiro me faz dar um passo em sua direção. – O que está acontecendo lá?



– Nenhuma coisa. Siga em frente. – Então ele pisca para Emilee. – Você pode ficar. Preciso de um lembrete...?

– Titan... – Ela rosna, mas há um rubor novamente.

Que diabos?

A porta se abre um pouco, mas Titan a mantém fechada com seu peso. E finalmente entendi. Os Kings devem estar lá, batendo na merda de alguma alma azarada. Acontece. Frequentemente. Os Dark Kings são valentões. Eles vão fazer você sangrar. Não importa se é com os punhos ou com uma faca. Certa vez, ouvi que Cross queimou um cara com um cigarro.

Sem me importar com o que está acontecendo, alcanço e agarro a mão de E, puxando ela para o banheiro feminino. E corro para uma cabine. – O que foi aquilo? – Pergunto, abrindo meu jeans.

Ela suspira. – Bem, você sabe no fim de semana passado, quando transamos com os caras na sala de jogos na festa?

– Sim, – respondo lentamente, me perguntando aonde ela quer chegar com isso.

– Não foi a primeira vez que tive uma audiência.

Aceno para mim mesma. – Me lembro de você e Bones mencionando isso. – Abro o zíper da minha mochila e retiro um tampão antes de terminar na cabine.

– Sim, bem... – Ela faz uma pausa quando saio. – Antes disso, deixei Bones me foder no vestiário masculino depois do horário escolar.

*Também me lembro disso. Foi quando eu estava com raiva de Luca e pensei que ele estava me mandando uma mensagem, mas era o telefone dela tocando. — Isso não é nada novo. — Bufo lavando minhas mãos.*

*— Sim, mas Titan estava lá e nos observou.*

*— O que?*

*Ela morde o lábio inferior. — Na época, não achei que Bones sabia, mas o que ele disse na sala de jogos no fim de semana passado confirmou que ele sabia que Titan estava lá nos observando.*

*Fico olhando para ela com os olhos arregalados. — Bem... você está brava com Bones?*

*— Não. Eu deveria estar?*

*Rio, arrancando toalhas do dispensador.*

*— Eu... uh, eu...*

*— O que? — Me viro para encará-la. — Desembucha. — Ela sabe que pode me dizer qualquer coisa. As meninas e eu não guardamos segredos uma da outra.*

*— Eu queria que ele se juntasse a nós, — ela admite.*

*Meus olhos saltam. Não esperava que isso saísse de sua boca.*

*— Eu sei. — Ela coloca as mãos sobre o rosto. — Sou uma vadia.*

*— Ei. — Afasto elas. — Você não é uma vagabunda. Você só dormiu com Bones. É totalmente compreensível querer experimentar outro pau.*

*Ela ri.*

– Não há nada de errado em ter fome sexual, E.

Ela olha para o chão e acena com a cabeça uma vez.

– E Bones obviamente parece bem com isso. Talvez você deva oferecer...

– Absolutamente não! – Ela me interrompe, virando para o espelho. Ela passa a mão pelo vestido Gucci branco. – Chega de falar sobre mim. Vamos falar sobre você.

– Eu nunca tive um triplo, – admito. E embora estivesse cem por cento excitada quando vi Bones transar com ela, não tenho interesse em um ménage à trois.

Ela revira os olhos. – Não, quero dizer, por que tivemos que matar aula para entrar correndo aqui? Você fez xixi nas calças? – Ela ri baixinho. – Ou você estava com medo de cagar sozinha?

– Oh. Eu tinha começado meu período.

Ela franze a testa. – Eu não estou no meu.

Estamos no mesmo ciclo há quase um ano. A pobre Jasmine nunca teve um na mesma hora todos os meses. – Eu sei. Tenho suado balas, pensando que estava grávida.

– O que? – Ela engasga.

– Era um falso alarme. – Dou de ombros como se não fosse grande coisa, mas estou nervosa pra caralho. Nem sempre usamos camisinha, e também não tomo minhas pílulas religiosamente. Além disso, estava bebendo na festa. Não percebi que estava atrasada até alguns dias depois.

— Por que você não me contou? E o que você teria feito? — Ela pergunta com os olhos arregalados.

Dou de ombros. — Eu não tinha pensado tão longe.

Jogando a cabeça para trás, ela suspira. — Veja, é por isso que não posso fazer um ménage à trois. E se eu engravidasse e não soubesse quem era o pai? Bones e eu não usamos camisinha. Bem, nós usamos no começo, mas não mais.

Não digo nada. Parece tão irresponsável quando ela coloca dessa forma.

— Venha, vamos para a aula, — ela ordena.

Saímos do banheiro feminino, mas meu braço é agarrado e sou puxada para uma parada.

— Haven. — Luca está parado no corredor movimentado, seus olhos escuros fixos nos meus. — Posso falar com você?

— Estou atrasada...

— Isso levará apenas um minuto. — Ele me puxa de volta para o banheiro, então tranca a porta atrás de nós, deixando Emilee do lado de fora.

— Vejo você na aula, — ela grita pela porta.

— Estou menstruada, — digo a ele. — Não podemos fazer sexo no banheiro.

— Eu sei. Nós ouvimos vocês, meninas.

— Você ouviu...? — Minha voz falha quando percebo o que ele quer dizer. Estreitando meus olhos, exijo. — Você estava no banheiro masculino com os Kings?

*Os banheiros compartilham uma parede. Não os ouvi, mas também não estava ouvindo de verdade. Agora sei que é porque depois de espancarem um cara, eles estavam nos espionando.*

*Ele não responde. Mas ele não precisa. Já sei essa resposta. – Você não tinha o direito...*

*– Você deveria ter me dito que achava que estava grávida, – ele retruca.*

*– Por que? Para te afastar?*

*Ele solta um longo suspiro e dá um passo perto de mim. Pegando minhas bochechas, ele franze a testa. – Você acha que eu iria deixá-la?*

*– O pensamento passou pela minha cabeça, – admito suavemente. Fiz cinco testes de gravidez e todos deram negativo, mas nenhum deles ajudou a aliviar meu medo. O que minha mãe diria. Como eu contaria a ele. Ele consumiu todos os meus pensamentos. Acho que estava convencendo meu corpo de que estava criando um bebê. O estresse sozinho provavelmente me impediu de começar.*

*– Haven, nunca vou te deixar. – Ele me puxa para ele. – Eu só queria que você tivesse me contado. Meu trabalho é cuidar de você. E se engravidarmos, vou cuidar de vocês dois.*

*– Se ficarmos grávidos? – Arqueio uma sobrancelha.*

*– Claro. Você não está sozinha neste relacionamento, Haven.*

*Fui no dia seguinte para tomar a injeção. Contei à minha mãe sobre o susto da gravidez e que havia esquecido alguns comprimidos, então escolhi a injeção. Me pergunto por quanto tempo serei capaz de mantê-las.*

—Eu não li o contrato, — deixo escapar. Preciso que ele entenda que não sei tudo o que é exigido de mim.

Ele fica em silêncio, mas não está mais roncando, então sei que o acordei.

—Eu te amo, — sussurro. —E adoraria ter uma família com você, mas não vou permitir que você machuque nenhum filho meu.

Ele se mexe e fecho meus olhos.

—Haven. Haven, olhe para mim, — ele ordena, colocando a mão no meu rosto para incliná-lo em sua direção. Abro os olhos e eles ardem com as lágrimas não derramadas. —Posso ser filho do meu pai, mas não sou como ele. Eu não quero o casamento dos meus pais. E eu nunca, jamais machucaria você ou nossos filhos. — Ele pressiona seus lábios suavemente na minha testa, e a primeira lágrima rola pelo lado do meu rosto.

# CAPÍTULO TREZE

*Haven*

Na manhã seguinte, nos despedimos de Mia e Nite. Ela me abraçou com força e me pediu para cuidar de Luca. Prometi a ela que faria o meu melhor. Uma hora depois, embarcamos no mesmo jato particular que pegamos aqui com meus dois novos guarda-costas e voltamos para Nevada. Dormi a maior parte do tempo. Mandeí uma mensagem para Jasmine e tentei ligar para Emilee, mas o telefone dela ainda estava desligado. E odiei isso. Só queria ouvir a voz dela. Precisava que ela soubesse que eu estava lá para ela, mesmo que ela não quisesse ser encontrada.

Depois que voltamos aos Estados Unidos e voltamos para a casa de Luca, tomei banho e desmaiei. No dia seguinte, acordei com uma nova determinação. Tínhamos menos de duas semanas antes do nosso casamento, e estava disposta a caminhar por aquele corredor com um sorriso genuíno no rosto, mas precisava cuidar de algo primeiro. Era inevitável, então poderia muito bem fazer isso mais cedo ou mais tarde.

Dirijo minha Mercedes preta até o manobrista no clube de campo onde cresci. Saio e jogo minhas chaves para o cara. Subindo as escadas pisando forte, coloco meus óculos de sol no topo da minha cabeça.

Ao entrar, olho em volta para todos os homens e mulheres que ocupam as instalações e me pergunto quantos são como meu pai. Vivendo uma mentira? Quantos venderiam seu único filho para se livrar das dívidas? Aposto minha vida que até o último filho da puta aqui faria.

Faço meu caminho através do lugar e entro em um corredor. Viro na primeira à direita e abro a porta do spa do Cayman. Sei que ela está aqui. Ela nunca faltou a uma consulta na segunda-feira. Assim que vou até a mesa circular, ela chama meu nome.

—Haven?

Me viro para ver minha mãe caminhando em minha direção com um sorriso no rosto e os braços abertos. Parece que ela acabou de voltar de férias na praia. Seu vestido carmesim abraça seus quadris e peito, mostrando seus atributos. Ela usa sandálias Gucci pretas e uma Louis Vuitton no ombro.

Coloco minhas mãos em meus quadris. —Então você me vendeu para manter sua pele parecendo jovem?

Seu rosto cai instantaneamente.

Luca estava certo quando estávamos em seu banheiro na noite de nossa festa de noivado. *Ele é tudo o que tenho.*



A única pessoa no mundo que deveria me amar me abandonou em um corpo de bombeiros. Enquanto crescia, minha mãe e meu pai eram muito abertos sobre como me adotaram. Eles me disseram que se quisesse encontrar minha mãe biológica, eles me ajudariam. Eu não quis. Se ela não me quisesse naquela época, ela não me desejaria agora. Então, varremos tudo para debaixo do tapete.

Eles sempre me disseram que eu era um milagre de Deus. Eles vinham tentando ter filhos há anos e não podiam ter um filho. A mulher parada na minha frente, que cresci chamando de mãe, teve três abortos espontâneos. Então, um dia, meu pai recebeu um telefonema de um amigo dizendo que ele havia levado um bebê abandonado para o hospital. Meus pais apareceram três horas depois com um advogado. Quando você tem dinheiro, a burocracia não é tão espessa. Eles me levaram para casa no dia seguinte e me criaram como se fosse deles. Eles me deram seu sobrenome e uma bela vida.

De acordo com a lei de Safe Haven, você pode deixar um bebê de uma maneira segura sem medo de ser processado por até trinta dias após o nascimento. Daí porque meus pais me chamaram de Haven.

Cresci ouvindo eu te amo a cada segundo de cada dia. Meus pais me encheram de beijos e abraços. Mas veja onde isso me levou.

—Haven...

—Por que você fez isso? — Pergunto. Minha voz está tremendo, e odeio que isso me faça parecer que me importo. Limpo minha garganta. —Foi

pela sua associação aqui no clube? Os carros caros? As mansões e iates? — Cito tudo que posso pensar que eles estão perdendo.

— Não. — Ela nega.

— Foi porque o papai disse para você? — Continuo tentando pensar em todos os cenários. Ele parecia muito feliz com a situação quando eu estava em seu escritório e ele forçou meu nome na papelada. Ele não agiu como se Luca estivesse me comprando. Mais como ele me ofereceu. Talvez ele e minha mãe tivessem um plano que Luca não conhecia.

Ela baixa os olhos para o chão e levanto uma sobrancelha. — Ele não sabe.

Luca não me disse muitas informações sobre isso, mas, novamente, não tinha certeza do quanto queria saber.

— Você ama Luca, — ela finalmente diz.

— E isso torna tudo bem? — Pergunto, jogando meus braços para o meu lado.

Quando ela dá um passo em minha direção, dou um para trás, igualando-o. — Ele pode dar a você uma vida que nunca poderíamos.

— Do que você está falando? — Pergunto confusa. — Você me deu uma vida ótima. — Eles não eram excessivamente afetuosos um com o outro, mas nunca os vi brigar ou mesmo discutir. Era uma garota rica e mimada que não faltava nada. Mesmo depois do colégio, fui para a faculdade. Abandonei meu último ano depois que Luca me deixou, mas eles nunca me fizeram arrumar um emprego. Nenhuma coisa. Não cresci no mundo real.

O meu sempre foi cheio de cartões de plástico sem limites. E tinha as melhores amigas que uma garota poderia pedir. O que ele poderia me oferecer que eles não podem?

Seus olhos percorrem o saguão do spa antes de ela agarrar meu braço e me puxar para uma sala próxima. Ele tem uma parede de pedra que a água desce em cascata em uma pequena piscina, e uma cadeira de massagem de couro preto fica ao lado dela. O som seria calmante se não estivesse tão chateada.

—Ouça, Haven. — Ela lambe os lábios, seus olhos implorando para mim. —Eu fiz o que precisava ser feito. E um dia, quando você se tornar mãe, você vai entender.

—Mãe...

—Você precisava ser uma Bianchi.

Minha confusão se aprofunda junto com minhas sobrancelhas. — Você não está fazendo nenhum sentido.

Ela me puxa para um abraço, me segurando com força. Meus braços permanecem ao meu lado, sentindo pesados. —Eu te amo, Haven. Apenas se lembre disso. Não importa o que aconteça, eu te amo. — Ela se afasta e me olha nos olhos. Os dela estão cheios de lágrimas. —Você sempre foi feita para ser minha filha. E sei que não importa o que aconteça, Luca cuidará de você. — Ela estende a mão e empurra alguns fios de cabelo atrás da minha orelha. —Ele será um ótimo marido e um pai amoroso. — Ela me dá um sorriso triste. —Ele pode te dar coisas que eu nunca poderia.

—Mãe...

A porta da sala se abre e meus dois novos guarda-costas entram.

—Nós a encontramos, senhor, — diz Max em seu telefone celular.

—Você me seguiu? — Exijo.

Minha mãe se afasta de mim e se vira para encará-los assim que o cara desliga o telefone. —Você precisa vir conosco, Haven, — ele ordena.

Dou um passo para trás. —Eu não vou a lugar nenhum com você, — estalo. —Estou aqui para ver minha mãe. Diga a Luca que estarei em casa quando terminar.

Ele balança a cabeça. —Temo que não posso fazer isso. Recebemos ordens...

—E estou dizendo a você que estarei em casa quando terminar, — estalo.

—Haven... — Minha mãe agarra minhas mãos e as segura com mais força. —Vá para casa.

—Mas mãe...

Ela me puxa para outro abraço, me apertando com tanta força que ela tira meu fôlego. Ouço ela fungar no meu ouvido. —Deixe ele proteger você, querida. Deixe ele fazer seu trabalho.



Entro em casa e vou direto para seu escritório com minhas duas babás bem na minha bunda. Sei que é onde ele está. Abro a porta para encontrá-lo sozinho, sentado atrás de sua mesa em seu telefone. Ele nem se incomoda em olhar para mim. Ando até ele e bato minhas palmas na superfície.

— Vou ter que te ligar de volta, — diz ele em seu celular.

— O que diabos você pensa que está fazendo? — Exijo no momento em que ele o pausa.

Seus olhos vão para os dois idiotas que sei que estão parados atrás de mim. Ele acena com a cabeça, e então ouço a porta se fechar quando eles saem.

— Engraçado. — Ele se inclina para trás em seu assento, olhando para mim. — Eu posso te fazer a mesma pergunta.

— Eu estava conversando com minha mãe, — estalo. — Não fugindo.

— Você ficou sem proteção.

Bufo e empurro sua mesa. — Eu não preciso deles respirando no meu pescoço.

— Haven... — Ele se levanta.

—Não, — o interrompo. —Estou falando sério, Luca. Não vou deixar você me tratar como seu pai trata Mia. — Seus olhos se estreitam em mim.  
—Não vou permitir que você...

—O que? — Ele rosna. —Te mantenha segura?

—Me fazer uma prisioneira, — o corrijo.

Ele passa a mão no rosto e solta um suspiro. —Haven, há coisas acontecendo que você não conhece.

—Você quer dizer os seis homens que você massacrou anos atrás e agora o líder deles está atrás de você por vingança? — Arqueio uma sobrancelha. —Ou que tal quando você me deixou e me fez pensar que era por outra mulher? — Pergunto. —Você poderia apenas ter me falado sobre Mia. Eu teria guardado seu segredo ou ido com você, mas você nem parou para pensar nisso como uma opção.

—Você estava na faculdade.

—Que desisti de qualquer maneira!

Ele acena com a cabeça uma vez e sua mandíbula apertada. —É assim que nosso casamento está indo? Sempre trazendo o passado à tona?

Não digo nada.

—Oh? Então é assim?

—Sim. — Cruzo meus braços sobre meu peito. —É assim.

Ele anda ao redor de sua mesa e empurra seu corpo contra o meu. Olho para ele. —Você não quer me desafiar, Haven.

—O que você vai fazer comigo, Luca? Me mandar para o meu quarto? Tirar meu telefone? Fazer minhas duas babás vigiarem cada movimento meu?

Ele levanta a mão e o instinto me faz estremecer.

Sua mão para perto do meu rosto, e percebo que ele estava apenas colocando um pouco de cabelo atrás da minha orelha, mas o estrago está feito. Achei que ele fosse me bater e ele sabe disso.

Ele fecha a mão, puxando ela de volta, e coloca as duas mãos nos bolsos da frente da calça.

Ficamos em um silêncio desconfortável por alguns segundos antes que ele se virasse, me dando as costas, e se sentasse em sua mesa. —Você não tem mais permissão para sair de casa.

—Luca...

—Você não vai sair desta casa! — Ele grita, me interrompendo. —Não sem os caras ao seu lado. E você vai ficar bem longe de sua mãe.

—Com licença?

—Eu falo sério Haven. É uma ordem.

*Ele não apenas disse isso.* —Uma ordem. Você não vai...

—Desde quando você quer ver ela de qualquer maneira? — Ele arqueia uma sobrancelha. —Você a odiou na semana passada. De repente, ela é sua melhor amiga do caralho.

—Ela é minha mãe!

Ele bufa. — Desde quando isso significa alguma coisa?

Jogo meus braços para cima, sem vontade de ter essa conversa com ele. Sem outra palavra, me viro e saio de seu escritório.



*Luca*

Deixei Haven em casa furiosa. De repente, ela quer ser a melhor amiga de sua mãe, e não gosto disso. Estaciono meu carro atrás da Kingdom e subo as escadas correndo. Estava no telefone com Bones quando Haven entrou em meu escritório em casa. Ele disse que precisava me ver, então aqui estou.

—Olá, senhor, — Nigel me cumprimenta.

—Bones está lá em cima?

—Ele está no frigorífico, senhor.

*Hum. Quero saber quem é o bastardo azarado?*



— Vou acompanhá-lo. — Ele sai de trás da mesa e vai até o elevador único. Usando seu cartão-chave, ele pressiona o nível mais baixo e ele começa a descer. — Tenha uma boa noite, senhor, — diz ele enquanto a porta se abre.

Aceno para ele. — Você também, Nigel. — Saindo do elevador, caminho pelo longo corredor. Chegando ao fim, giro a maçaneta e empurro a porta. Entrando na sala fria, permito que a pesada porta de metal se feche atrás de mim. Vejo Bones parado no meio da sala com as mãos nos bolsos da calça, olhando para um homem que está de joelhos. Um homem que conheço bem.

*Marco.*

— Você está sem tempo, — Bones diz a ele. — E tive que rastrear você. Sabe o que isso significa?

Marco apenas balança a cabeça.

— Significa que vou quebrar suas mãos.

— Não. Não. Você disse que se eu não assinasse o papel, você quebraria minhas mãos, mas assinei. — Seus olhos vão do Bones aos meus. Eles me imploram como se ele pensasse que vim salvar ele.

Eu não fiz.

— Acho que isso faz de você um ladrão e de mim um mentiroso, — afirma Bones.

— Espere. Espere. Eu posso pegar seu dinheiro.

—Obviamente, você não poderia, ou teria pago.

—O que eu posso fazer? — Ele implora com os olhos arregalados.

—Não há nada que você possa fazer agora. Você está sem tempo. —  
Bones se aproxima dele, agarra sua mão direita e a inclina para trás. O som  
de ossos quebrando ricocheteia nas paredes de concreto.

Marco grita em agonia, jogando a cabeça para trás. —Foi apenas cinco  
mil, — ele grita, agora segurando o pulso quebrado.

Bones coloca as mãos de volta nos bolsos da calça. —Eu teria quebrado  
por cinco dólares, — afirma. —É o princípio. Agora vou te dar três dias  
para pagar, ou vou quebrar a outra. Entendeu?

# CAPÍTULO QUATORZE

*Haven*

Ando para frente e para trás em nosso quarto, com raiva de Luca. Quem é ele para me dizer o que devo e não devo sentir?

Sim, ela é a razão de eu estar aqui e, embora estivesse com raiva dela, não a odeio. Agora não. Não depois que descobri sobre sua irmã. O que ele fez por ela e como ela descreveu como ele sentiu minha falta. Achei que ele tinha me deixado e nunca mais olhou para trás, mas obviamente não foi o que aconteceu.

Meu celular começa a tocar e olho para ele para ver que é um número bloqueado. Mordendo meu lábio inferior, debato depois de alguns segundos, mas pressiono a resposta. Talvez seja Mia.

— Alô?

— Haven.

Franzo a testa para a voz do homem sabendo meu nome. Ele não parece familiar. — Quem é? — Pergunto, fazendo uma volta de trezentos e sessenta em nosso quarto para ter certeza de que estou sozinha.

— Alguém que tem todas as respostas, — ele diz enigmaticamente.

Sento na ponta da cama. — Todas as respostas sobre o quê?

— Me encontre amanhã.

— Acho que não. — Vou desligar, mas suas próximas palavras me impedem.

— Posso dizer tudo o que você precisa saber sobre seu futuro marido.

— Me diga o que exatamente? — Pergunto, meu coração batendo forte.

Ele está tendo um caso com uma mulher casada? Há tanto que não sei sobre ele. E nunca esperei que ele fosse celibatário enquanto estávamos separados, então quem sabe tudo o que ele fez?

— Amanhã. Em pessoa. Haverá um carro esperando por você na quarta com a Lexington.

— Um carro? — Pergunto. Isso fica a apenas alguns quarteirões da casa de Luca. — Eu não posso. A casa está cheia de...

— Eu cuidarei disso.

Minhas sobrancelhas se juntam. Quem diabos é esse cara? — Cuidar de quê?

— Uma distração. Sei que ele tem você sob vigilância vinte e quatro horas. Ele estará no Glass. Vou te dar uma janela de cinco minutos.

— Espere? — Pulo de pé. — Glass? O clube de strip? Por que ele estaria lá? — Quem diabos ele estaria lá encontrando tão cedo?

Há uma pequena pausa em sua extremidade. —Ele esconde tudo de você, não é? — Sua voz tem um tom agudo. Como se ele estivesse com raiva de Luca. —Ele é dono do clube. Por que outro motivo ele estaria lá às oito?

Balanço minha cabeça para mim mesma. —Não. Acho que você está enganado...

—Eu não estou. Agora, amanhã às oito da manhã. Não se atrase. — Então ele desliga.

Olhando para o meu telefone, vejo a tela e me pergunto o que diabos aconteceu. Quem diabos era esse? E por que diabos Luca é dono de um clube de strip que ele não me contou?



Não preguei o olho na noite passada. Eu tinha rastejado para a cama depois que recebi o telefonema e fingi estar dormindo quando Luca finalmente chegou em casa. Ele tomou banho e foi para a cama. Ele deu um beijo de boa noite no meu ombro e não demorou muito para começar a roncar. Então, novamente, esta manhã, ele acordou, se preparou e me deu um beijo de despedida. O tempo todo, fingi estar dormindo. E fiel à palavra do estranho aleatório, a casa estava em silêncio. Nenhuma alma a ser encontrada. Verifiquei tudo. Saí pela porta da frente e desci a garagem

antes de passar pelo portão aberto. Era um pouco assustador. O cara havia feito uma ameaça de bomba? Eles não teriam me escoltado para fora do terreno se fosse esse o caso? Fiquei esperando meu celular tocar, para Luca me ligar e perguntar se eu estava bem. Se houvesse uma emergência na propriedade, ele não gostaria de ter certeza de que eu estava segura?

Fiel à palavra do cara, um carro estava esperando por mim. Sentei no banco de trás e um homem sentou no banco do motorista. Ele não disse nada para mim. Engrenou o carro e partiu.

Rapidamente olho em volta enquanto ele para na parte de trás de um estacionamento. Parece ser um prédio de tijolos vermelhos de dois andares com uma porta branca. O carro para e o cara apenas se senta ao volante. A porta destranca, e tomo isso como minha deixa para dar o fora.

Abro a porta do carro assim que a porta traseira do prédio se abre. Um cara vestido com um terno preto de três peças está lá, segurando-o entreaberto para mim. Ele parece um milhão de dólares. Nenhum bandido de rua usa ternos Armani e um relógio Rolex.

— Você me ligou? — Pergunto.

Ele não responde. Seus óculos escuros escondem seus olhos de mim, mas ele vira a cabeça em direção ao prédio.

Respiro fundo e entro. Ele agarra meu braço e me puxa para um corredor.

— Ei, — estalo, tentando me soltar, mas ele apenas aperta seu aperto. — Me deixa ir! — Grito.

—Faça o que ela diz, — um homem ordena quando entramos em uma sala.

Paro rapidamente e um suspiro escapa dos meus lábios antes que possa detê-lo quando vejo o homem que falou. Ele está sentado atrás de uma mesa, os braços cruzados sobre o peito enquanto ele se inclina causalmente para trás em sua cadeira de couro preto. Seus olhos escuros fixam nos meus, me desafiando.

*Oh, que se foda!*

Cometi um erro grave. Me viro para sair, mas o músculo se interpõe entre mim e a porta, me mantendo como refém. —Me deixe sair! — Grito.

—Então você me conhece? — O cara sentado atrás da mesa pergunta casualmente. Seu coração obviamente não batia como o meu.

Me viro para encarar ele. Tudo o que posso fazer é acenar com a cabeça. Luca me mataria se soubesse que eu estava aqui. Se esse cara não fizer isso por ele. —Por que estou aqui? — Engulo em seco.

—Acho que podemos ajudar um ao outro, — diz ele, me olhando de cima a baixo.

—Eu não vou te ajudar, — rosno.

Há apenas uma coisa que esse cara poderia querer de mim, e me recuso a dar a ele qualquer informação sobre Luca. Ou talvez ele queira saber sobre Mia. Nós apenas fomos ver ela e ela me informou que Nite não desistiu dela, e eles pegaram sua língua por isso.

— E se eu disser que sei quem é sua mãe? Sua mãe biológica?

Suas palavras fazem meu coração parar. Minha mente dispara. — Minha mãe? — Pergunto, piscando. De repente, estou interessada no que ele tem a dizer.

*Sua mãe desistiu de você. Abandonou você.* Não importa quem ela seja, ela não quer me conhecer. Ou eu a conhecer. Balancei minha cabeça. — Eu sei quem é minha mãe. — Me perguntei por que minha mãe biológica desistiu de mim, e o melhor que pude pensar é que ela sabia que minha vida era melhor sem ela. Talvez ela tivesse uma doença incurável e não pudesse cuidar de mim. Talvez ela fosse uma viciada. Talvez ela tenha sido estuprada e não aguentava olhar para mim, um lembrete do que tinha acontecido com ela. Ou talvez ela simplesmente não me quisesse. De qualquer forma, passei a viver com a decisão dela há muito tempo. E estava em paz com isso.

Um sorriso lento e malicioso se espalha por seu rosto. Alberto Rossi não se parece em nada com o pai de Luca. Ele pode ser o líder da segunda maior operação do crime organizado em Las Vegas, mas não tem a barriga grande e a testa coberta de suor. Ele se mantém em forma. Ele está brigando com os Bianchis há anos e, de alguma forma, ele conhece minha mãe verdadeira? Isso tem que ser um truque.

É uma mentira, uma armadilha para me trazer aqui, e caí nessa.

— Está correto. Você conhece sua mãe. — Ele inclina a cabeça para o lado e seus olhos escuros correm para cima e para baixo no meu corpo. Isso faz os cabelos da minha nuca se arrepiarem. — Você se parece com ela.



Eu pisco. Minhas pernas querem dar meia-volta e correr, mas minha mente não me deixa sair. É como se estivesse paralisada onde estou. Sempre me perguntei onde ela estava e por que desistiu de mim. Se me parecia com ela, ou se minha voz soava como a dela. Foi um pensamento que sempre esteve na minha mente.

Ele se levanta da cadeira e dá a volta na mesa. Meu coração acelera quando ele se aproxima de mim. Mas ainda assim, não consigo encontrar vontade de sair. Em vez disso, espero, congelada no meu lugar, precisando que ele fale. Para me dizer tudo o que sabe.

Estendendo a mão, ele empurra alguns fios marrons atrás da minha orelha direita, e respiro instavelmente. — Ela mentiu para você todos esses anos. — Ele suspira. — Queria dizer a você. Achei que você merecesse saber. E agora... — Ele para quando sua mandíbula se firma em uma linha dura. — Está na hora, — ele retruca, me fazendo pular.

— Para que? — Consigo dizer.

— De você saber tudo. — Ele me dá um sorriso suave. — E não se preocupe. Nós vamos derrubar eles. Eles nem vão nos ver chegando.



Luca

Sento no escritório do Glass atrás da minha mesa enquanto Bones se senta na minha frente. Ele está contando o dinheiro que Marco entregou na primeira hora esta manhã. É engraçado quanto dinheiro um homem pode encontrar quando há ossos quebrados envolvidos. A porta do escritório se abre, batendo na parede interna. Bones já puxou sua arma do coldre em seu quadril enquanto alcanço a minha sob a mesa quando vemos Haven entrar na sala.

—O que você está fazendo aqui? — Exijo, pulando da minha cadeira. Não contei a ela nada sobre este clube, então como ela me encontrou? Ela me seguiu esta manhã? Ela está me seguindo?

Seus olhos arregalados vão dos meus para o Bones. Ele permanece sentado em sua cadeira, mas suas sobrancelhas estão levantadas. Ele ainda segura sua arma, mas agora ela está em sua coxa.

Ela engole nervosamente quando a porta se fecha atrás dela. Seu tom de pele antes oliva agora é branco. Parece que ela viu um fantasma. Dou um passo em sua direção, contornando a mesa. —Haven...

—Eu não sabia o que dizer. — Ela tropeça para trás. Suas costas batendo na porta fechada. —Eu... ele...

—O que? — Pergunto. —Quem é ele?

Ela coloca a mão no peito e as lágrimas se acumulam em seus olhos castanhos. — Ele quer você morto.

Enrijeci.

Seus olhos se movem para Bones. — Todos vocês.

Isso o põe de pé. — De quem diabos você está falando?

— Alberto Rossi.

Aperto minhas mãos, e as sobrancelhas de Bones se juntam. — Embora isso não seja novidade, gostaria de saber quem te contou isso? — Ele exige.

— Ele disse.

— O que? — Rosno fazendo ela pular.

Ela inclina a cabeça e funga, envolvendo os braços ao redor de si mesma. — Ele me disse quem é minha mãe.

Corro a mão pelo meu cabelo. *De que porra ela está falando?*

— Quando você o viu? — Bones pergunta. Ele olha para mim. — Ele estava na sua casa?

Balancei minha cabeça. Ele está falando sério? — Eu não o vejo há anos. — Ele raramente vem a Las Vegas. Assim como meu pai, eles executam suas operações de longas distâncias. Meu pai mora em Nova York e raramente visita Vegas. Sua equipe faz o trabalho sujo.

—Ele me ligou ontem à noite de um número bloqueado. Me disse que causaria uma distração esta manhã para que eu pudesse falar com ele. Um carro estaria esperando. Eu não sabia...

*Que porra é essa?* — Você não foi, porra, não é? — Lati para ela.

Ela acena com a cabeça rapidamente. —Eu não sabia que era ele até chegar a uma capela para casamentos. — Ela soluça. —Ele me disse que conhecia minha mãe verdadeira... — Ela para.

—E? — Bones a persuade. —Quem é ela?

Capela de casamento? *Filho da puta!* Ele sabe que estive lá outra noite. Fazer com que ela fosse até ele de boa vontade? Ele está me enviando um aviso.

*Porra.*

*Porra.*

*Porra.*

—Minha mãe.

—Do que você está falando? — Exijo. Estou chateado com ela e confuso pra caralho. Como ele conseguiu o número dela? Por que ele a procurou? Deve ser por minha causa. E quão estúpida ela poderia ser por cair nessa? Nunca quis tornar ela uma prisioneira em nossa casa, mas talvez seja isso que vai acontecer para manter ela viva.

—Minha mãe adotiva é minha mãe biológica.

—Não entendo...

— Minha mãe teve um caso. Ficou grávida de mim.

— Então, quem é o seu pai? — Bones pergunta porque não consigo falar. Tenho medo de gritar com ela. Mesmo em seu estado frágil, quero despedaçar ela.

Ela respira fundo. — Alberto Rossi.

# CAPÍTULO QUINZE

*Haven*

Um silêncio cai sobre a grande sala. Ambos os homens me encaram com olhos assassinos e mãos em punhos. Sinto que posso ficar doente. Novamente. Consegui segurar meu estômago enquanto estava no Rossi... no escritório do meu pai na capela, casa funerária, de casamento, mas no momento em que saí e respirei fundo, perdi tudo o que tinha comido ontem no estacionamento.

— Ele está mentindo. — Bones balança a cabeça.

— Ele disse que havia um teste de DNA. Que minha mãe tem. — Não queria acreditar nele, mas na maneira como ele falava de mim. Sobre minha mãe. Por mais que quisesse negar, não podia.

— Isso não significa merda nenhuma, — argumenta Bones.

— Por que diabos você iria ver ele sem me dizer? — Luca finalmente encontra sua voz, gritando comigo. — Você tem alguma ideia do que ele poderia ter feito para você?

— Ele não quer me machucar.

— Besteira! — Ele grita.

Recuo, mas balanço minha cabeça. — Ele quer machucar você. Ele acha que posso ajudar com isso.

— Como assim? — Bones pergunta.

— Ele acha que você está me forçando a casar.

Como um elástico, algo se encaixa em Luca e ele vem atrás de mim. Mas Bones pula entre nós e coloca suas mãos para pará-lo. — É verossímil. Você viu as fotos que circulam na mídia da sua festa de noivado? Haven parece totalmente chateada com você. Como se ela até te detestasse. Ele poderia estar comprando porque veio do nada. Por dois anos, a mídia tem falado sobre a sua ausência, então você aparece e *puft*, você está noivo.

Não digo o óbvio, que o odiava naquele ponto. Que este é um contrato. Luca pode me amar, mas ainda sou apenas um peão em um jogo.

— O que mais ele disse? — Bones continua se mantendo de costas para mim. Ele é tão alto que nem consigo ver por cima dele. Então fico olhando para a caveira ensanguentada que cobre toda a parte de trás de sua camiseta do *Kingdom*.

— Ele fez um acordo com o meu pai. E ele me informou que tudo que tinha que fazer era aparecer no casamento, e ele cuidaria de todos lá. Seria como atirar em um barril. E eu não me casaria com um Bianchi.

Não posso deixar ele matar Luca. Amo ele. Mas os Kings? Eles não têm nada a ver com a rixa da família Bianchi com a família Rossi. Não que eu saiba. Sim, eles são odiados pela maioria por causa de quão poderosos eles

são nesta cidade, mas isso não significa que eles deveriam morrer. Cresci com eles. Não quero seus cadáveres na minha consciência.

—E o que você disse a ele? — Bones continua.

—O que você quer dizer? — Minha voz treme.

Ele se vira e seus olhos azuis me encaram. — Quero dizer, o que você disse a ele?

—Eu disse a ele o que ele queria ouvir, — admito, e meus ombros caem.  
—Que eu faria o que ele disse. Achei que se mentisse, poderia comprar tempo para você, para bolar um plano.

Ele acena com a cabeça e se afasta de mim. Meus olhos agora estão olhando para Luca parado diante de mim.

—Mais alguma coisa que ele disse que possamos usar? — Bones pergunta.

Olho para ele em vez de para Luca. —Sim, ele disse que tem olhos e ouvidos em todos os lugares. Mesmo no Kingdom.

Bones não perde um segundo, ele pega o celular, disca um número e o coloca no ouvido. —Limpe o sistema. — Então ele desliga depois de dar uma ordem a quem quer que seja. Sem outra palavra, ele sai, fechando a mim e Luca na grande sala que parece encolher a cada segundo.

—Sinto muito, — digo, odiando o silêncio. Dou um passo em direção a ele, mas quando ele dá um passo para trás, lágrimas encham meus olhos.  
—Eu não posso mudar quem sou, — resmungo.



Suas sobrancelhas se juntam. — Você acha que estou bravo com você porque ele encheu sua cabeça de mentiras? — Ele balança a cabeça. — Estou chateado com você porque você foi pelas minhas costas. Para um homem que odeia a mim e minha família. Só a porra do meu nome poderia fazer você morrer! Sou um homem morto para a maioria nesta cidade. — Ele passa a mão pelo cabelo de forma agressiva. — Porra! Achei que você fosse mais inteligente do que isso.

— Eu precisava saber, — choro.

— Saber o que? — Ele grita. — Sobre sua mãe biológica? Desde quando você se importa com isso?

— Sobre você! — Grito de volta, fechando minhas mãos em punhos. — Ele começou nossa conversa sobre você. Como você possui o Glass. Como você estava escondendo segredos de mim. Ele me prometeu respostas. Elas simplesmente não eram o que eu queria.

Me dando suas costas, ele solta um longo suspiro, tentando acalmar sua raiva. Ele começa a andar de um lado para o outro. — Ele disse que ele e seu pai têm um acordo?

Não perco como ele evita falar sobre ele e este clube. — Sim.

Pegando seu celular, ele digita uma mensagem rápida e o coloca de volta no bolso. — Ele disse que iria te ver novamente? — Ele pergunta com os dentes cerrados.

— Não até o casamento.

Ele acena com a cabeça uma vez. — Ele está planejando manter contato?

Balancei minha cabeça. — Ele não disse.

Ele se aproxima de mim e pega meu braço, me conduzindo para fora da sala e trancando a porta do escritório atrás de nós.



*Luca*

Ela fica em silêncio enquanto a levo de volta para nossa casa. Assim que o carro para, pego meu celular e envio uma mensagem.

***Eu:** Traga sua bunda para casa. Agora!*

Nite lê imediatamente e responde.

***Nite:** Sim, senhor.*

—Vá direto para o nosso quarto e não saia, — digo a ela quando entramos na casa.

Ela para e se vira para me encarar. —Luca...

—Pelo amor de Deus, Haven, faça o que lhe foi dito. Só desta vez! — Grito.

Ela levanta o queixo, cruza os braços sobre o peito e sobe as escadas para o nosso quarto. Vou direto para o meu escritório e abro meu cofre de armas. Puxando meu silenciador, enrosco na ponta do cano e sento atrás da mesa assim que a porta se abre. Meus dois guarda-costas mais novos entram, ambos rindo como hienas enquanto se sentam à minha frente.

— Ei, chefe, o que você acha sobre...?

Atiro na cabeça dele, depois o outro próximo a ele. Os dois estão sentados mortos. Seus pescoços dobraram para trás em um anjo estranho com a força das minhas balas de tão perto e sangue pingando de suas feridas no meu tapete. Vou mandar tirar esta noite e substituí-lo amanhã de manhã. Seus braços estão pendurados nas laterais das cadeiras.

*Eles eram ratos.*

Eles trabalhavam para Rossi. Eles tinham que ser os únicos. Ele disse a Haven que criaria uma distração, e nunca recebi um telefonema informando que ela estava saindo de casa. Nunca recebi uma notificação de que meu motorista a levou a qualquer lugar. Eles haviam organizado tudo. Ela nunca mencionou que os viu, então eles não estavam pessoalmente envolvidos. Ele apenas se certificou de colocá-los na posição certa para dar a ele o que ele queria. Ela. E eles sabiam que ela fora ver a mãe ontem. Fiz com que eles a seguissem e a trouxessem de volta. Talvez eles tenham informado a ele que a ouviram conversando com a mãe, e ele se assustou, precisava fazer uma jogada. Adicione isso ao fato de eu ter invadido sua capela, e tudo faz sentido.

Pego meu celular. Toca três vezes antes de o homem atender. — Luca...

— Eu limpei o sistema, — digo a Titan.

— Pegue seus telefones. Tenho certeza de que eles precisam fazer uma checagem. Não queremos alertar Rossi de que eles não estão mais conosco.  
— Ele desliga.

Dois homens em quem ele acreditava confiar eram toupeiras instaladas meses atrás para dar informações a Rossi. Ele sempre odiou que os Kings fossem leais à família Bianchi. Quem sabe há quanto tempo ele colocou seu plano em ação? Talvez ele os estivesse usando para foder com os Kings e por acaso pegou um desvio quando Titan os emprestou para mim. Bem, qualquer que seja o plano que ele tenha, estamos prestes a estragar tudo.



Paro meu carro em frente à residência dos pais dela. Bones e eu saímos do carro, e pego a bolsa preta do banco de trás. Tinha mandado uma mensagem para ele antes de Haven e eu saímos do Glass e disse a ele para estar na minha casa à meia-noite esta noite. Precisava da ajuda dele e sabia que ele não me decepcionaria. Ele tem tanto direito de estar aqui quanto eu. Estamos todos em alerta máximo.

Entramos como se fossemos donos do lugar e subimos as escadas. Sei que o bastardo está aqui. E também sei que ele não tem muita segurança.

Ele nunca foi inteligente. Ele e sua esposa são ricos, mas ele é muito barato para contratar homens.

Abro a porta do escritório sem nem mesmo bater.

Ele olha para mim e para Bones e sorri como o idiota que ele é. — Bem, olá, meninos. É um pouco tarde para vocês fazerem visitas em casa, não é? — Ele ri. — O que posso fazer para você?

— Você poderia assinar isso para mim. — Jogo uma pilha de papéis na superfície de sua mesa. Pedi ao meu querido e velho amigo Titan que digitasse alguns papéis mais cedo, enquanto bolávamos nosso plano.

Ele pega seus óculos que estão em sua mesa e os coloca, apertando os olhos para ver os papéis. — O que é isso?

— Isso... é você assinando suas ações para mim.

— O que? — Ele tira os óculos, confuso, olhando para mim.

Me jogo no assento em frente a ele. — Bones.

Ele caminha atrás da mesa para ficar atrás dele. Jogo a mochila para ele.

— Não entendo...

Bones puxa o saco plástico para fora da mochila e empurra sobre a cabeça dele, puxando para trás.

Me inclino sobre a mesa e agarro seus pulsos, puxando pela superfície para impedir ele de fazer um buraco no saco. Isso anularia o propósito. — Você sabia que um cérebro pode sobreviver seis minutos depois que o coração para?

Jimmy luta com Bones, mas ele não é forte o suficiente, não nesta posição. Seria uma forma horrível de morrer, dada a facilidade com que seria sobreviver. Tudo o que você precisa fazer é enfiar o dedo no plástico. Não é como se fosse um colete Kevlar.

Sua cabeça balança para frente e para trás, mas isso não lhe faz bem. Sua luta é inútil. — Assine os papéis, — ordeno, soltando sua mão direita para colocar uma caneta na esquerda. — E ele vai deixar você ir. — Ele começa a escrever sem rumo em sua mesa. Olho para o Bones. — Deixe o homem assinar seu nome.

Ele tira o saco da cabeça de Jimmy que respira fundo, tossindo.

— Assine. — Aponto para a guia amarela.

Ele rabisca seu nome rapidamente e viro a página para ele.

— Novamente.

Ele nem mesmo questiona minhas razões. Eu sabia que ele não iria. Depois de colocar sua última assinatura na página final, ele a empurra sobre a mesa para mim.

Olho da pilha de papéis e depois volto para ele. — Você nem quer saber por que entregou sua vida a mim? — Pergunto.

Ele passa a mão pelo rosto, mas não responde. Seus olhos azuis ficaram pretos e sua mandíbula está tensa. Agora que ele não está sufocando, ele está bastante zangado porque apenas forcei sua mão. O que vale uma vida para você, esse tipo de coisa?

Olho para o Bones. — Você não gostaria de saber por que alguém queria você morto?

— Com certeza, — ele responde.

— A única razão pela qual você não faria perguntas é se... você já sabia.

Ainda assim, ele não diz nada.

— Rossi ligou para você. — Pesco.

Ele se encolhe ao ouvir o nome. E sorrio. Sim. Ele sabe muito bem por que estou aqui e o que quero.

— Bem, uma pena para você que não sou tão indulgente quanto ele.

Ele vai abrir a boca, mas retiro a faca do bolso, abro e fico de pé, levando ela para o centro de sua mão, apunhalando ela contra a mesa.

Ele uiva como um lobo enquanto o sangue instantaneamente se acumula sob ele.

Jogo os papéis no chão para mantê-los limpos. — Você fez um acordo com ele. Antes ou depois de você fazer um comigo? — Exijo.

— Depois, — ele grita. Sua mão livre agarra o pulso da mão presa à mesa. — Eu não tive escolha, — acrescenta ele rapidamente.

— Quanto? — Exijo, segurando o canivete no lugar.

Ele está fora de sua cadeira, curvado sobre a mesa. Cuspe cai do canto de seus lábios e cai na superfície. — Um milhão.

—Deve ter sido uma oferta difícil de deixar passar, — pondero. —São seis milhões de dólares no seu bolso e você não precisava fazer nada por isso.

—Por favor eu...

Tirando outra faca do meu outro bolso, abro e apunhalo sua outra mão, prendendo ela na mesa também.

Ele grita tão alto que o grito estridente machuca meus ouvidos. —Por favor... — ele implora, fechando os olhos com força, tentando esconder as lágrimas.

Olho para Bones e aceno. Ele coloca o saco plástico de volta na cabeça. Desta vez, ele puxa um rolo de fita adesiva da bolsa. Ele então passa a enrolar a fita em volta do pescoço, prendendo o saco na cabeça.

Sento na cadeira e vejo o bastardo gordo inclinar-se sobre a mesa, lutando para respirar. Se mover.

—Me ouça, — ordeno, mas ele está em pânico, seu corpo se debatendo incontrolavelmente. Enfiei as facas em suas mãos e na mesa que ele não conseguirá se libertar, a menos que queira rasgá-las ao meio.

Bones se inclina sobre suas costas e agarra seu rosto de cada lado, forçando ele a olhar para mim. —Preste atenção, — ele ordena.

—Você sabia que pode levar trinta segundos ou trinta minutos para sufocar? — Pergunto. —Tudo depende de quanto você luta contra isso.



Ele luta, e sua voz é abafada. Sua boca escancarada enquanto o saco gruda em seu rosto enquanto ele tenta respirar. Está molhado de saliva e lágrimas.

—Sufocamento não dói. Então pensei em adicionar a dor. — Mexo as facas e ele bate os quadris na mesa, fazendo as pernas de madeira rasparem no ladrilho e os objetos caírem dos lados no chão. —E só para ter certeza de que você não sobreviverá, vou cortar sua cabeça antes de enterrar você no deserto.

Sangue cobre sua mesa enquanto Bones e eu assistimos o homem perder sua vida segundo a segundo. Em alguns minutos, seu rosto fica branco. Seus lábios roxos. Sua luta se transforma em nada. Ele bate o rosto no sangue, e todo movimento para. Me levanto, abotoando meu paletó.

—Cuide dele. Quero sua cabeça a pelo menos cinco quilômetros de seu cadáver em decomposição, — ordeno, pego os papéis do chão e saio de seu escritório. Bones não costuma cuidar de cadáveres. Pagamos às pessoas por isso, mas sei que ele está de acordo com isso. Devo a ele e, quando ele ligar, pagarei. Não importa o preço.

Vou andar pelo corredor quando vejo sua mãe sair por uma porta no final à esquerda. Faço meu caminho em direção a ela.

—Luca? O que você está fazendo aqui tão tarde? Eu pensei ter ouvido...

Coloco a mão sobre sua boca e a empurro de volta na parede com tanta força que derruba uma imagem, jogando ela no chão e se espatifando aos nossos pés. Seus olhos verdes se arregalam de horror.

—Eu vou te dar uma chance. Uma chance de explicar o que você sabe. Você me entende?

Ela acena com a cabeça rapidamente.

Me afasto e ela respira fundo. Lágrimas escorrem pelo seu rosto enquanto seus olhos vão dos meus para a porta do escritório.

—Rossi, — digo, apenas no caso de não estarmos na mesma página. — Você sabia que ele foi para o seu marido?

—Não. — Ela solta. — Bem, eu sabia, mas não até depois.

—Faça sentido, — rosnei pelos dentes cerrados.

—Ouvi ele falando em seu escritório. Ele pensou que eu estava fazendo compras. Ele tinha Rossi no viva-voz. Ele disse que os bancos estavam endividados e que ele precisava de um empréstimo. Rossi riu. Então houve silêncio. — Ela respira fundo. —Eu imaginei que ele tinha desligado. Foi quando entrei em contato com você. Eu sabia que você faria a coisa certa por ela. Ela sentiu tanto a sua falta, e sabia que você poderia protegê-la. Então, apenas uma semana atrás, ouvi outra conversa entre eles. Rossi tinha visto as fotos da festa de noivado e queria saber quanto você pagou a ele por Haven. Que ele dobraria. Um milhão adiantado e o resto depois de terminado.

—Depois do que terminado? — Exijo, mas já sei a resposta.

—Disse que tudo o que ele precisava fazer era informar a hora e o local do casamento. Que ele não se importava se ela fosse pega no fogo cruzado.

Que isso o faria parecer bem. Morte. Filha adotada morta em um tiroteio em massa em seu próprio casamento. A imprensa iria engolir tudo.

*Filho da puta!* Minha mandíbula aperta. — Por que você não veio até mim? Ou ela? — Qualquer coisa teria sido bom. Eu sabia o risco que a Máfia corria em minha vida quando tinha oito anos. Mas Haven? Tenho que proteger ela custe o que custar.

— Tentei dizer a ela no spa, mas seus homens nos interromperam e a levaram embora. Ela me evitou. Essa foi a primeira chance que tive. Eu estava com medo de que ele descobrisse que conhecia o plano dele e de Rossi. Não poderia arriscar colocar a vida de Haven em perigo. Mesmo agora... — Ela funga. — Se ele descobrir que você sabia que ele te traiu? Não sei o que ele faria com Haven. — Seus olhos arregalados percorrem o corredor vazio.

Pego sua mão e a puxo em direção ao escritório.

— Luca. O que você está...?

Empurro ela para o escritório, e ela engasga quando vê seu marido curvado e morto sobre a mesa. Ele está de bruços, as mãos ainda presas à superfície com as duas facas. Bones está atrás dele com seu celular no ouvido. — Espere quinze minutos, — ele ordena e termina a ligação assim que nos vê.

— Meu Deus. — Suas mãos trêmulas chegam ao rosto para cobrir a boca. — Ele está...?

—Sim, — digo simplesmente. —Ele estava disposto a colocar a vida dela em perigo. Eu não poderia correr esse risco.

Ela se vira e enterra a cabeça no meu peito. —Obrigada. — Ela começa a soluçar. —Obrigada por salvar ela. Eu sabia que você iria.

Sem jeito, esfrego suas costas. — Vou te dar cinco minutos.

Ela olha para mim, seus olhos verdes nadando em lágrimas. Suas bochechas vermelhas e lábios inchados. Ela não se parece em nada com Haven. Ninguém jamais imaginaria que ela é sua mãe biológica. E por mais que odeie essa mulher por mentir para Haven por toda a sua vida, tenho que proteger ela. Não posso deixar Rossi ir atrás dela também. —Para que?

—Para fazer uma mala. Você está vindo comigo.

# CAPÍTULO DEZESSEIS

*Haven*

— Eu não acredito em você, — digo, tentando conter as lágrimas, mas é inútil.

Ele me dá um sorriso malicioso que apenas torce a faca que já está perfurando meu coração. — Pergunte a sua mãe. Existem evidências de DNA.

Balancei minha cabeça. — Não...

— Que tal você fazer um? — Ele abre a gaveta de cima e tira um pequeno saquinho. Erguendo a mão direita, ele puxa uma mecha de cabelo da cabeça e a coloca no saquinho antes de fechar o zíper. — Você pode ver por você mesma. — Ele empurra pela mesa. — Não diga que nunca te dei nada.

Meu estômago embrulha e os pelos dos meus braços se arrepiam. Parece que um milhão de pequenos insetos estão rastejando sobre minha pele. — Eu não quero nada de você, — sussurro.

Ele dá uma risada áspera. — Todo mundo quer algo de mim, Haven. Seja proteção ou dinheiro. E você não é exceção.

— Porque agora? — Me ouço perguntando, mas não consigo encontrar coragem para olhar para ele.

— Porque você tem algo que eu quero.

*Fechando meus olhos, uma lágrima escorre pela minha bochecha.*

*– Haven. – Sua voz é suave, mas firme, e exige minha atenção.*

*Abro meus olhos e olho para ele através dos cílios lacrimejantes.*

*– Nenhum Rossi vai casar com um Bianchi.*

*Suas palavras são finais. Como um prego em um caixão. O último suspiro tomado. Vou morrer, e isso vai acontecer em breve. Sei que tipo de homem ele é. Posso não conhecer ele pessoalmente, mas ele é como Luca e sua família. Eles vão matar quem eles querem, e eles não se importam com quem está em seu caminho.*

*– Eu sei que você não quer ficar com aquele bastardo, – ele cospe, seu ódio por Luca aparecendo. – Papai vai cuidar do seu problema. Você não tem nada com o que se preocupar.*

Estou sentada na varanda do nosso quarto, fumando um cigarro. Meu cabelo ainda está molhado do banho e preso em um prendedor. Estou com uma calça de moletom de Luca e uma camiseta. Não sei para onde ele foi, mas também não me importei o suficiente para ligar ou mandar mensagem para ele.

Muita coisa mudou desde esta manhã. Quem sou? De onde vim?

Meu pai é Alberto Rossi. Um chefe da máfia que comanda o South Side de Las Vegas. E estou noiva do meu ex, que por acaso é seu inimigo.

*Minha vida é uma merda.*

Dou outra tragada no cigarro e expiro a fumaça lentamente. Descansando minha cabeça para trás, ouço a porta de vidro se abrir.

Luca sai com Nite e minha mãe. Minha mandíbula aperta com a expressão em seu rosto. Seu rosto coberto de lágrimas. A prova de que ela está chateada.

*Que se foda ela.*

Ela mentiu por toda a vida. Condenada à morte por amar o homem errado. No final, todos nós teremos que responder a Deus por nossos pecados, mas o meu será por nos apaixonarmos. Desde quando você deve ir para o inferno por causa disso?

—Porque ela está aqui? — Pergunto a ele.

—Sua mãe precisa falar com você. — Sua resposta é seca. Não tenho certeza de com quem ele está mais bravo, ela ou eu, mas neste ponto, não me importo.

Olho para Nite. —Porquê ele está aqui? — Ele deveria estar protegendo Mia.

—Seus dois guarda-costas mais novos estão sendo queimados enquanto conversamos, então ele foi designado de volta para você.

Minha mãe engasga. Dou outra tragada no cigarro. Será que eles estavam vivos ou mortos quando seus corpos foram incendiados?

—Haven? — Ela respira fundo. —Desde quando você começou a fumar?

Não posso evitar. Jogo minha cabeça para trás rindo. De todas as coisas que aconteceram nas últimas vinte e quatro horas, é nisso que ela quer se concentrar.

— Você precisa falar com sua mãe, — diz Luca.

Olho para ele. Agora ele quer que eu seja social? — Ela mentiu para mim durante toda a minha vida. Por que iria ouvir ela agora?

Ela se senta ao meu lado e pega minha mão, mas puxo para fora de seu alcance.

— Eu tinha que proteger você, — ela sussurra.

Bufo e dou uma tragada no cigarro.

— Haven...?

— Algo disso era verdade? — Explodo, incapaz de manter isso dentro. Joguei aquela estúpida mecha de cabelo fora, mas uma parte de mim sabia que ele estava certo. Simplesmente não consigo entender por que ela não me contou. Achei que estávamos perto.

Ela abaixa a cabeça. — Não.

Me inclino para frente em meu assento. — Comece do começo, — exijo, precisando saber. Quando ela fica em silêncio, a ajudo. — Os abortos espontâneos?

— Uma mentira, — ela sussurra.

*Inacreditável.* — Quem diabos mente sobre isso?



— Você não entenderia, — ela sussurra.

— Experimente, — exijo.

Ela respira fundo e seus ombros caem. — Seu avô... ele queria netos. Ele queria que seu pai tivesse um herdeiro.

Existe aquela palavra de novo. Herdeiro. — Isso é besteira. — Me levanto.

— Haven. — Ela estende a mão e agarra meu pulso. — Eu... por favor, sente. — Seus olhos imploram para que dê a ela uma chance, para perdoar ela, mas não tenho certeza se posso. Não importa o que ela me diga, não tenho certeza se posso dar a ela o que ela quer agora. — Estou te implorando. Por favor. Apenas ouça a verdade. Vou embora depois, — ela me garante.

Olho para Luca em busca de ajuda, garantia de que ele vai expulsar ela assim que ela finalmente me der o que deveria ter sabido o tempo todo, mas não recebo a resposta que desejo. Ele sente pena dela. Posso ver em seus olhos escuros. E pena de mim. Odeio isso. Soltando um longo suspiro, me jogo de volta na cadeira ao lado dela.

— Seu pai e eu tínhamos um casamento arranjado. Ele não me amava. E não o amo. O casamento era para unir dois negócios como um. Me sentia sozinha. Ele nunca me tocava, nunca olhava para mim. Ele tinha mulheres diferentes o tempo todo. O pai dele estava nos pressionando para ter uma família. — Ela engole. — Uma noite, fui a um bar e fiquei bêbada. Conheci o

proprietário, que por acaso era um cara que tinha visto perto de seu pai. Ele já tinha estado em nossa casa.

Sei de quem ela está falando. Alberto Rossi. — Eles eram amigos?

Ela dá uma risada áspera e arranca o cigarro aceso da minha mão, dando uma tragada. Meus olhos se arregalam. — Eu não os chamaria assim. Eles fizeram negócios juntos. Ele usou o banco do seu pai para lavar dinheiro.

Olho para Luca, e ele passa a mão pelo cabelo de forma agressiva.

— Então o que aconteceu? — Pergunto.

Ela dá um sorriso melancólico. — Ele me tratou como meu marido deveria fazer, e me apaixonei.

O silêncio cai sobre a varanda. Olho de volta para Luca, e ele se vira, nos dando as costas enquanto olha para Las Vegas, mas seu aperto com os nós dos dedos brancos na grade me diz que ele está chateado. Nite está parado no canto com os braços cruzados sobre o peito, ouvindo em silêncio.

Me mexo na cadeira e olho para minha mãe. — Não entendo.

— Me abri para ele, e ele me deixou chorar em seu ombro. Me peguei voltando para aquele bar noite após noite apenas para vê-lo. Só queria falar com ele, mas então uma coisa levou à outra. Ele me disse todas as coisas certas. Três meses depois, descobri que estava grávida. Fui ao bar dele e contei a novidade. Eu ia ter um filho dele e queria deixar meu marido inútil. — Ela balança a cabeça. — Era tudo uma mentira.

—Como? — *Uma mentira?*

—Era uma armação. Rossi me informou que Jimmy sabia que eu estava dormindo com ele. Ele disse a ele para me engravidar, então ele não teria que fazer isso.

Pulo de pé. —Eles o quê? Ele disse a Rossi para te foder? A esposa dele?  
— Pergunto sem entender. Sim, meus pais tiveram suas discussões, mas nunca os vi não apaixonados. Isso tudo era mentira também? Para mim? Para meu avô? Ele faleceu anos atrás. Por que continuar com o estratagema se eles não precisavam mais fingir?

Ela olha para mim, as lágrimas enchendo seus olhos. —Você precisa entender. Seu avô o estava pressionando para ter um filho. Ele precisava que eu...

—Ele jogou com você, — rosno.

Ela inclina a cabeça e a balança. —Eu não posso... não posso odiar ele pelo que ele fez.

—Por que diabos não? — Explodo.

Ela olha para mim e se levanta. Segurando minhas mãos, elas tremem nas minhas. —Porque eu tenho você, Haven. Você era tudo que sempre quis.

Meu coração dispara com suas palavras.

—Seu pai e eu decidimos lhe contar que você foi adotada.

—Os papéis? Você tem papéis de adoção que guarda no cofre. Eu os vi.

Ela me dá um sorriso triste. — Falso.

Dou um passo para trás e minhas mãos caem para os lados. — Por que?

— Seu pai e Rossi tinham um acordo...

— Jimmy não é meu pai! — Grito.

Ela envolve os braços em volta de si mesma. — Ele e Rossi cortaram todos os laços. Rossi pagou a ele em dinheiro para fingir que você foi adotada, e nós inventamos essa história. Mas, por favor, Haven... por favor, acredite que você sempre foi desejada. Queríamos você desde o momento em que descobrimos que eu estava grávida.

Bufo. — Claro, ele estava. Ele mandou seu amigo engravidar você. De propósito. Para fazer o pai dele feliz, — estalo, enojada, mas de alguma forma não surpresa.

— Mas Rossi não conseguiu ficar longe. — Luca finalmente fala.

Minha mãe se vira para ele e engole nervosamente. — Ele fez isso por um tempo. Mas ele...

— Ele o quê? — Luca exige, dando um passo em sua direção. — Por que ele voltou à vida dela vinte e quatro anos depois? Não consigo parar de me fazer essa pergunta. Nós namoramos anos antes da nossa festa de noivado, e não era segredo. A mídia sempre esteve na minha vida. E fotos já surgiram no passado com Haven em meu braço. Por que ele se importa agora?

—Rossi me ligou alguns anos atrás. Disse que soube que ela estava namorando um Bianchi e que eu proibisse. Eu menti, disse a ele que era inofensivo e que iria fracassar. Só para dar um tempo. Mas... — Ela faz uma pausa e olha para Nite, que ainda está de pé como uma estátua no canto. — Ele queria tirar Luca de você. — Lágrimas correm pelo seu rosto.

—O que ele fez? — Exijo e olho para Luca. —Eu não entendo... — Mas um olhar para ele me mostra que sim. Perfeitamente.

Ele dá um passo em direção a minha mãe, os punhos cerrados e os olhos agora negros como a noite. —Ele armou para mim também, — ele rosna.

Ela funga. — Você tem que entender. Não havia nada que eu pudesse ter feito. Ele e meu marido concordaram. Eu não tive nenhuma palavra a dizer.

—Besteira! — Ele rosna.

*Por que sou a única perdida?* —Luca...

—Eu tinha que manter ela segura, — lamenta minha mãe, me interrompendo.

—Eu poderia ter mantido ela segura! — Ele grita. —Você deveria ter vindo para mim. Ser honesta.

—Você está na Máfia! — Ela grita de volta para ele. —Sei do que você é capaz. E o quanto seu pai odiava vocês dois juntos. — Ela empurra o peito dele, mas ele não se move. Novas lágrimas escorrem por seu rosto e ela olha para Nite. —Na época, eu me sentia desamparada. Minhas mãos

estavam amarradas e não podia perder ela. Luca não poderia ter fugido para sempre. Se seu pai não o tivesse encontrado, Rossi o teria.

Olho de volta para Luca, confusa. Por que ela está falando com Nite?

— Eu não conseguia parar o que já havia sido feito, — ela continua.

— O que foi feito? — Pergunto.

Todos se voltam para mim, mas Luca é quem fala. — Rossi armou para mim. Ele sequestrou Nite e o torturou para falar sobre Mia. Ele sabia que ela existia porque ele e meu pai eram amigos quando ela nasceu. Ele havia ameaçado a vida dela. Mas...

— Mas o que? — Pergunto sem fôlego. Meu peito já está apertado.

— Ele sabia que eu correria para proteger ela. Mas ele nunca iria tocá-la.

— Ele balança a cabeça, sua mandíbula afiada. — Não. Ele fez isso para me afastar de você.

Meus olhos se voltam para Nite. — Não, — sussurro. Não era culpa de Mia. Ela não fez isso com ele. Fui eu. — Oh Deus. — Caio no assento, mas ninguém presta atenção em mim.

— Você tem ideia do quanto tentei encontrar algo que você pudesse usar contra ele? — Minha mãe pergunta a Luca. — Como eu coloquei minha vida em perigo todos os dias bisbilhotando tentando encontrar alguma vantagem para você?

— E por que isso, Misty? — Ele solta.

—Porque você partiu e destruiu minha filha! — Ela grita na cara dele.  
—Ela te amava. Ela precisava de você. E sei que você a amava também.

Ele passa a mão pelo cabelo. —Inacreditável, porra. Você tem alguma ideia em que tipo de perigo você colocou a vida dela? — Ele rosna. —Como a minha partida a deixou totalmente aberta? Um alvo? Eu pensei... pensei que estava fazendo a coisa certa ao deixar ela, — ele continua.

—Se você soubesse a verdade, você teria agido. Pensei irracionalmente. Eu só precisava de um tempo. Sabia para onde você foi. Você não fugiu com outra mulher. Você estava apenas tentando proteger sua irmã. E sabia que assim que tivesse a informação de que precisava, você voltaria correndo para ela.

Como minha mãe sabe sobre Mia? Achei que ela fosse mantida em segredo. Como... meu peito dói. Machuquei Nite. Nunca fui amiga do cara, mas ele foi usado como isca por minha causa. Eles foram todos enganados por minha causa.

—Eu sinto muito. — Fico olhando para Nite com lágrimas escorrendo pelo rosto. —Sinto muito, Nite. Não espero que você me perdoe. Mas odeio ter te machucado. Eu odeio que Rossi tenha te usado. — Minha voz falha.  
—Me desculpe.

Seus olhos cortam para Luca, e ele acena com a cabeça uma vez.

—Vamos deixar vocês dois sozinhas por um segundo. — Minha mãe parece que vai discutir, mas Luca agarra o braço dela e a arrasta de volta para o nosso quarto, fechando a porta de vidro deslizante atrás deles.

—Eu sinto muito. Gostaria de ter sabido. Eu teria...

—Eu perdoo você. — Meus olhos se arregalam e meus lábios se abrem em um suspiro. Fico olhando para ele em estado de choque enquanto ele se ajoelha na minha frente. Colocando as mãos nos meus joelhos trêmulos, ele repete: —Eu te perdoo, Haven. Você entende? Não foi sua culpa. — Sua voz é profunda e áspera, mas de uma forma suave.

Meus olhos arregalados vão e voltam entre os dele. —Você falou, — suspiro.

Ele concorda.

—Diga alguma coisa, — exijo, colocando minhas mãos em seus ombros largos, segurando-os com força, querendo ouvir de novo. Eu não imaginei isso.

—Eu disse que te perdoo.

—Mas... mas eles cortaram sua língua. — Não posso segurar o que deixei escapar. —Por minha causa. Porque... — Meu lábio inferior treme.

Ele me dá um sorriso arrogante que ilumina seu rosto. Oliver Nite nunca sorri. Nem antes...

Ele mostra a língua e meus olhos se arregalam ainda mais, se possível. —Há uma diferença em ser incapaz de falar e optar por não fazer isso.

—Mas... o quê... como? — Meu cérebro não consegue compreender o que estou ouvindo. Todo esse tempo? Por que ele está fingindo ser mudo? E o que ele está ganhando com isso?



— Outra hora, — ele diz, se levantando. Agarrando minhas mãos, ele me puxa para ficar de pé. — Só saiba que nunca culpei Mia. E não vou culpar você também. Todos nós fazemos nossas próprias escolhas, Haven. E estou vivendo com a minha muito bem. — Então ele se vira e volta para o quarto também.

Sigo e encontro os três parados no meio do nosso quarto. Minha mãe e Luca ainda estão discutindo. Nite fica parado com os braços cruzados sobre o peito, parecendo que não terminou de falar comigo. Ele não precisava me dizer para se calar sobre o que acabou de acontecer entre nós. Uma parte de mim sabe que Luca sabia exatamente o que estava para acontecer, e é por isso que ele conduziu minha mãe para fora da varanda. Mas tudo o que havia entre mim e Nite acabou. Ele está de volta ao Silent Nite. E vou guardar seu segredo.

— Meu... — Limpo minha garganta. — Jimmy? — Pergunto. — Como sabemos que ele não vai nos trair de novo? — Pergunto. Recebi tantas informações em tão pouco tempo. Preciso priorizá-las e descobrir minha maior ameaça. Ele está no topo da lista.

A briga deles para, e todos se voltam para olhar para mim.

— Você não precisa se preocupar com isso, — garante Luca.

— Ele o matou, — responde minha mãe.

— O que? — Meus olhos arregalados vão para Luca.

Sua mandíbula se afia enquanto ele olha para minha mãe.

— Não vou contar outra mentira para ela. — Ela o encara de volta. — Ou esconder qualquer coisa dela. Ele está morto. Fim.

— Eu... ele machucou você? — Pergunto a Luca.

Ele se aproxima de mim e agarra minhas mãos nas dele. — Não. Ele iria se sentar e deixar sua vida ser arruinada pela porra do dinheiro no bolso. Ele merecia a morte.

— Então... — Engulo nervosamente e removo a presilha do meu cabelo molhado. Ele cai sobre meus ombros, instantaneamente encharcando a camiseta que estou vestindo. — O que nós fazemos? — Pergunto, tentando descobrir como vou usar todas essas informações.

O homem que chamei de meu pai durante toda a minha vida está morto. Meu pai biológico não pode ser derrotado, ou ele já estaria morto. Não tenho certeza de como isso pode terminar bem para qualquer um de nós.

— Nós vamos para o Kingdom. Faça uma mala, — Luca ordena.

— São quase duas da manhã, — digo, me perguntando por que diabos estamos indo para lá.



Luca

Tirando meu paletó, coloco nas costas do sofá em nossa suíte de hotel no trigésimo andar do Kingdom. Sua mãe vai até a porta de vidro deslizante, abre e sai para tomar ar fresco. Haven a segue.

Me viro para Bones e Titan. —Obrigado.

Bones acena com a cabeça. —Você sabe que é bem-vindo aqui a qualquer hora.

Titan cruza os braços sobre o peito e ajusta sua postura, alargando as pernas. —Temos dois guardas do lado de fora do seu quarto e atiradores no telhado...

—Por que precisamos de atiradores? — Haven pergunta, entrando novamente na suíte.

—Segurança, — respondo.

—Luca. O que você não está me dizendo? — Ela olha ao redor da sala.  
—Por que estamos aqui no Kingdom e não em casa?

Quero ficar feliz por ela se referir à minha casa como nossa casa, mas não tenho tempo. Passo a mão pelo meu cabelo. —Ele não planeja deixar você viver. — Seus olhos se arregalam. —Rossi está planejando derrubar mais do que apenas eu e os Kings na cerimônia.

—O que? Não. Ele me disse...

—Ele mentiu, — a interrompo. —Você acha que ele iria te proteger? Ele nunca quis você. Ele nos odeia. — Aponto para meu peito. —Você está se casando com o inimigo. Ou você morre como dano colateral ou é morta de propósito. Não vou correr esse risco. Há melhor proteção aqui. Os números são maiores. — Além disso, Rossi não pisará perto do Kingdom. Ele pode querer os Dark Kings mortos também, mas ele não faria isso em seu território. Ele é muito covarde. Ele sabe que está em desvantagem aqui. Acabamos de derrubar mais de seus homens, então ele terá que se reagrupar e pensar em um novo plano. E já estaremos executando o nosso.

Ela abaixa a cabeça, passando a mão pelo cabelo. —E se...? — Ela morde o lábio pensando. —E se nos casarmos agora? Ir ao tribunal e acabar com isso assim que abrirem? Isso fará alguma diferença? Não existe uma regra não escrita sobre ir atrás de uma esposa da máfia? — Ela revira os olhos sonolentos para isso. —Não estou dizendo que ainda não está feito, mas ele pode pensar duas vezes se souber que as consequências são piores.

Sua mãe entra na sala e cinco pares de olhos a encaram. —O que? — Ela pergunta, olhando para todos nós.

Dou um passo à frente. —Nós já somos casados.

—Luca, não é hora de... — Suas palavras morrem e seus olhos se arregalam. —O que? — Ela sussurra. O reconhecimento surge em seu rosto e ela coloca a mão na cabeça. —O contrato... era uma licença de casamento? — Seus olhos se estreitam em mim. — Eu não assinei nada.

Dou mais um passo. — Seu nome está nele. Se você assinou, não é o ponto. — No papel, ela é minha esposa.

Ela inclina a cabeça para o lado, com lágrimas nos olhos. — Você me enganou.

Não digo nada.

Ela olha ao redor da sala. — E todos vocês sabiam.

Novamente, ninguém fala porque todos sabiam. Até sua mãe.

— Mãe? — Ela se vira para encará-la. — Você sabia disso?

Ela acena suavemente. — Eu precisei...

— Como você pode? — Sua voz falha.

— Eu disse a você na sede do clube. Você precisava ser uma Bianchi...

— Não, — ela a interrompe. — Você poderia ter me contado. Você poderia ter...

— Eu não podia dizer nada. Teria custado sua vida! — Ela grita, ficando com raiva. — Por que você não consegue colocar isso na sua cabeça? Você sabe que tipo de peso esteve em meus ombros desde que engravidei de você? — Ela grita. — Haven. — Ela abaixa a voz e caminha até ela. Agarrando suas mãos, ela continua: — Eu rezava todos os dias para que ele não quisesse você. Mesmo depois que ele permitiu que seu pai a adotasse, eu ainda temia que ele tivesse vindo atrás de você. — Seus olhos vão para os meus antes de voltar para sua filha. — Eu precisava que Luca salvasse você. Ele era o único que podia. Então fiz o que era melhor para você.

Ela tira as mãos da mãe e se vira para mim. — E daí? O casamento seria apenas uma formalidade?

— Sim, — digo simplesmente.

Ela olha para Bones e depois para Titan, mas eles ficam quietos. Esta não é a luta deles. Eles podem ter conhecido meus planos, mas sua lealdade é para mim. Não ela.

Suas sobrancelhas franzem em um pensamento profundo, e então seus olhos castanhos se enchem de lágrimas quando ela olha para mim. — Você sabia que ele era meu pai? — Abro a boca, mas ela continua. — É por isso que você fez isso? Me pegou?

— Haven...

— Há anos sua família briga com Rossi. Esta seria o melhor vai se foder. Casar com a filha dele e postar para o mundo ver. Esfregando em seu rosto.

Dou os três passos para fechar a pequena distância. Colocando ambas as minhas mãos em seu rosto coberto de lágrimas, seguro seu rosto. — Não. Você sabe disso. — Ela já me perguntou isso uma vez. — Sempre amei você, Haven. Você é uma Bianchi agora. E vou protegê-la até morrer. Se isso significa mentir para você, é o que farei.

Ela se afasta de mim e minhas mãos caem para os lados. Então, sem outra palavra, ela se vira e entra na suíte máster.

— Haven... — sua mãe grita, seguindo ela.

Ela bate a porta na cara dela, e o som da fechadura segue.

# CAPÍTULO DEZESSETE

*Haven*

Ando para frente e para trás no quarto. Meus braços cruzados sobre meu peito e lágrimas em meus olhos.

*Eu sou casada.*

Sou casada porra.

Não importa quantas vezes repita, não consigo acreditar.

Ele me enganou. Essa parte não é tão difícil de compreender. Isso é um Bianchi para você. Sabia que ele estava escondendo algo de mim.

— Mentiroso de merda, — rosno, fechando minhas mãos em punhos.

Ele alguma vez me contaria? Não me lembro do contrato mencionando exatamente o casamento. Apenas crianças. Preciso ler ele. O que mais está lá?

Saindo do quarto, paro quando vejo que a suíte está vazia. Olho ao redor da sala de estar aberta e da cozinha. Há uma porta do outro lado da sala, mas está aberta. Deve ser para outro quarto. — Mãe? — Chamo. Nenhuma coisa. — Luca? — *Nenhuma resposta.*

Atravesso a sala de estar e passo pelo bar, entrando na cozinha. Abro a geladeira e pego uma garrafa de água. Virando, pulo quando vejo Nite parado na sala de estar com os braços cruzados sobre o peito.

—Jesus. — Assobio. —Onde diabos Luca foi?

Ele não responde.

Meus dentes rangem. —Então, estamos de volta a isso? — Ainda assim, ele não diz nada. Quero ficar com raiva dele, mas não posso. Odeio o que fiz com ele. O que Rossi fez com ele. —Sinto muito, — digo baixinho. Ele me mostrou algo muito pessoal, e não quero que ele pense que está me devendo. Se qualquer coisa, eu devo a ele. —Luca foi embora com Bones e Titan?

Ele acena com a cabeça, o que significa que eles estão em algum lugar do hotel. Provavelmente se encontrando com os outros para repassar o plano.

—Minha mãe conseguiu seu próprio quarto? — Pergunto.

Ele acena com a cabeça novamente.

Achei que ela faria. Deixando-o parado na sala de estar, entro novamente no quarto, abro o zíper da minha mala Louis Vuitton e removo meu telefone. Ligo para Em. Mesmo depois de tudo o que está acontecendo comigo, penso nela o tempo todo. Quando toca, meu coração dispara, pensando que talvez seja a hora de ouvir a voz dela. Tenho tantas saudades dela. Realmente poderia falar com ela agora. Mas cai quando recebo seu



correio de voz após o terceiro toque. — Ei, você ligou para Emilee. Não estou disponível no momento...

Desligo e caio na cama. Fechando os olhos, respiro fundo enquanto uma lágrima escorre pelo lado da minha bochecha. Abro, rolo sobre o estômago e cliço em ligar para o próximo número.

— E aí, sexy? — Jasmine pergunta no primeiro toque. Sempre posso contar com ela.

— Você está ocupada? — Pergunto, tentando não perder minha cabeça. Quero chorar. Quero gritar. Só quero não me sentir presa. Deveria ter medo de Rossi, mas estou mais brava com Luca do que qualquer coisa. E sei que isso não é justo. Ele está apenas tentando me proteger, mesmo que esteja fazendo errado.

— Não. E aí?

— Quer me encontrar no Kingdom? — Pergunto, enxugando as lágrimas do meu rosto e me sento.

— Certo. Com vontade de jogar?

— Não. Quero beber.



Kingdom é mais do que um cassino. É uma cidade pequena por si só. Você pode entrar nos prédios e nunca mais sair. Possui mais de dez restaurantes. Três boates. Vinte bares esportivos. Uma loja de tatuagem. Um shopping que conecta as quatro torres. Campo de golfe, boliche, capela para casamentos, cinco piscinas e cinema próprio com dez telas. Eles exibem filmes vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. E sem falar no maior centro de convenções. Patrocina de tudo, desde lutas no UFC até shows esgotados. Fala-se que as finais do próximo ano serão realizadas lá.

Você quer, o Kingdom o fornece. Os Dark Kings fizeram questão de oferecer a seus jogadores tudo e qualquer coisa. Tudo que você precisa fazer é ter o dinheiro, e é seu. Eles querem que você venha e nunca mais tenha que sair.

Meu lugar favorito é o Crown, uma de suas boates.

Jasmine olha por cima do ombro. —Estou falando sério, Nite. Essa oferta ainda está de pé. — Ela lambe os lábios.

Reviro meus olhos e a viro de costas para ver onde ela está indo. Queria beber em nossa suíte. Estava abastecido com um bar cheio e tinha bastante líquido para nos deixar bêbadas, mas ela queria sair. Não demorou muito para eu desistir. Mas, claro, Nite teve que me seguir. Ele está de volta ao serviço de babá desde que voltou. Principalmente agora que Rossi está atrás de Luca.

—Ele vai nos seguir a noite toda? — Jasmine grita no meu ouvido, olhando para ele por cima do ombro.

—Provavelmente, — respondo, caminhando até o bar e sentando em um banquinho. Jasmine se senta ao meu lado. Olhando por cima da prateleira de álcool atrás dele, ela sorri quando decide o que quer. —Duas doses de Patrón, — ela grita para ninguém em particular. Dois barmen correm para preparar bebidas, mas nenhum dos dois ainda nos olhou.

‘Porn Star Dancing’ do My Darkest Day toca no clube.

Olho para ela, arqueando uma sobrancelha.

—Você nunca teve uma despedida de solteira, então é isso.

Tinha contado a ela sobre meu casamento enquanto estava no elevador. Ela não parecia se importar tanto quanto eu por já ser casada. Ou que meu pai estava morto e meu pai biológico planeja me matar. Tinha muito o que falar em um curto espaço de tempo. Foi como vômito. Uma doença que eu precisava limpar, embora não me sinta melhor. Claro, ela quer que a gente festeje. Em tentaria conversar, para me ajudar a entender tudo e ver o lado bom de para onde minha vida está indo, mas Jasmine só quer derramar álcool na minha garganta. E enquanto me sento aqui no bar sob as luzes de néon piscando e música forte, percebo que ela está certa. Preciso abafar isso. Enterrar isso. Não há nada que possa fazer sobre a situação. Sou uma esposa. Uma esposa da máfia. Até que a morte nos separe.

Um chefe da máfia que por acaso é meu pai me quer morta. Há um alvo na cabeça do meu marido. Quanto Rossi ofereceu para matar ele?

E isso me faz sentir estúpida. Ele poderia ter me matado quando o encontrei. A única razão pela qual ele não fez isso foi porque ele quer Luca.

Ele acha que pode me usar. Cada homem em minha vida pensa que sou apenas um peão em seu jogo. Bem, que se foda eles.

Só então vejo um homem que caminha pelo clube e para atrás do bar. Ele se inclina e diz algo à garçonete. Ela acena algumas vezes. Enquanto ele sai de trás do bar, o chamo. — Grave?

Ele se vira para encarar o bar e sorri quando seus olhos encontram os meus. — Haven? — Ele se aproxima de nós. Colocando os antebraços no bar, ele se inclina sobre ele. — O que você está fazendo aqui? — Grave tem a cara de bebê mais fofa. Com seus olhos azuis e sorriso perfeito, ele também é o mais acessível dos Kings. Ele está coberto com tantas tatuagens quanto os outros e tem um piercing na testa, mas ele tem uma alma gentil. Mas, assim como os outros, ele tem seus demônios para lutar. — Onde está Luca?

Dou de ombros. — Em algum lugar com seu irmão.

Ele sorri. — Eu vejo. — E então ele se endireita. — O que posso fazer para vocês, lindas moças?

— Duas doses de Patrón.



*Luca*

*Nite: Estamos no Crown.*

Li a mensagem que o Nite me mandou.

*Eu: Fique com ela.*

Respondo antes de colocar meu telefone de volta no bolso.

—Obrigado, — Bones diz em seu celular e coloca em sua mesa, recostando em sua cadeira. — Minha fonte disse que ele não está em Vegas.

—Bem, ele estava, — diz Titan, sentando na cadeira ao meu lado. —E ele estará de volta. — Ele olha para mim. —E seu casamento... — ele faz aspas no ar, — ainda faltam dias. Ele vai querer fazer o trabalho sozinho.

Esfrego meu queixo pensando. —Sim, mas não podemos deixar ele chegar tão perto. Não quero Haven perto dessa situação. Mas não posso cancelar a cerimônia. Isso vai ser suspeito. Levantar muitas bandeiras vermelhas.

— Você precisa tornar publicamente o local atual indisponível, — Bones sugere.

Não é uma má ideia. — Estou ouvindo.

Ele se endireita. — Force ele a ir onde você quer que ele vá. Estaremos prontos para ele. Você pode até tê-lo aqui, se quiser. Podemos providenciar atiradores no telhado do Kingdom. Eles serão capazes de ver ele e seus homens a uma milha de distância. Sem mencionar que ele não será capaz de recusar a oportunidade, pois ele também nos quer.

— Ele sabe que estaremos no casamento, não importa onde seja realizado, — argumenta Titan.

— Sim, mas isso dá a ele uma vantagem, — Bones diz.

— Qual? — Titan pergunta.

— Ao deixar ele pensar que pode nos matar em nosso próprio território.  
— Ele dá de ombros. — Rossi é um filho da puta arrogante. E levar todos nós em uma propriedade dos Kings...? Ele ficará babando com a chance.

— Pode funcionar, — digo. — Mas Haven...

— Nem estará aqui, — Bones acrescenta.

— Onde ela estará? — Titan pergunta a mesma coisa que estou pensando.

— Ela estará em nosso complexo com nossa segurança.

— Quero Nite com ela, — digo, pensando em minhas opções.

— Quem você quiser. — Bones acena com a cabeça.

— Ele vai querer lutar com você, — acrescenta Titan. — Ele é leal a você.

—Então ele vai fazer o que eu disser, — rosno, sabendo que ele está certo. Quero ele com Haven. Existem apenas cinco caras em quem confio na minha vida que não são parentes de sangue, e Nite é o fodido número um. Dois dos outros quatro estão neste momento nesta sala.

—Eu não sei, — diz Titan. — Isso ainda pode alertar ele. Ele leva Haven para longe de você para falar com ela. Então seus homens desaparecem. Agora você quer tirar o único local que ele planeja nos matar do jogo? — Ele balança a cabeça. — Ele poderia ficar assustado. Achar que ela o informou sobre o plano dele. Quais são as chances de que outra pessoa além dela conheça seu plano?

Bones sorri. — Ele vai ficar nervoso. E os homens que estão nervosos vão estragar tudo.

Me levanto, decidindo. — Eu preciso falar com Cross.

# CAPÍTULO DEZOITO

*Haven*

Tropeço para fora do elevador rindo. Jasmine tem seu braço enganchado no meu e sua mão livre na parede para ajudar a nos estabilizar.

Bebemos muito no clube. Grave nos agradeceu. As doses continuaram vindo e nós continuamos bebendo.

Vejo os dois caras montando guarda do lado de fora da suíte do hotel. Eles olham para Nite e ele acena com a cabeça uma vez. Tenho certeza que é algum código para nós estamos bem. Apenas duas mulheres bêbadas que não conseguem segurar o álcool. Jasmine já vomitou duas vezes no banheiro, depois lavou a boca com uma dose de vodca. Vomitei uma vez na pia do banheiro.

Bons tempos.

Nós chegamos até a porta. Ela tenta empurrar a porta, mas ela não se move. Inclinando para frente, ela coloca o rosto na porta e segura os lábios.  
— Por favor, abra.

— Que diabos está fazendo? — Pergunto com uma risada.



— A comunicação é a chave, — ela balbucia.

Empurro ela para fora do caminho com tanta força que ela cai de bunda.

— Você bebeu muitos coquetéis, — digo, mas minha risada cresce.

— Eu não tive nenhum pau ainda esta noite. — Ela ergue os olhos para Nite. — E quanto a...

— Pare com isso, — a interrompo. *Pobre Nite*. Ele provavelmente odeia Luca por colocá-lo como babá. Quero perguntar por que ele não está mais com Mia, mas me paro antes de fazer isso. Este não é o lugar, e Jasmine pode ser minha melhor amiga, mas ninguém deveria saber que Mia existe. Além disso, ele não me responderia de qualquer maneira.

— Vou desistir do álcool, — afirma ela, sentando para se recostar no papel de parede preto e dourado do corredor.

Bufo e vasculho minha bolsa em busca da chave do hotel. Espero ter uma.

— Vou ficar sóbria em outubro.

Olho para baixo para ver Nite agarrar seus braços e levantar seu corpo bêbado do chão. — É maio, — a informo.

Ela dá de ombros sem jeito. — E nada de sexo em novembro.

— Querido senhor...

— Sem pau em dezembro. Sem foder em fevereiro.

— Você pulou janeiro.

— Por que é tão difícil encontrar um bom pau? — Ela pergunta, me ignorando. — Como se eu não quisesse ser amada. — Ela ri. — Só quero alguém que vai lambar minha boceta e foder minha bunda. — Ela se vira, as mãos batendo em Nite. Ela olha para ele com seus olhos pesados. — Aposto que você sabe como foder uma mulher. — Ela estende a mão para agarrar sua virilha, mas ele se move rapidamente, capturando seus pulsos e mantendo-os longe dele. — Os silenciosos e taciturnos são sempre os mais sujos.

A porta se abre e me viro para ver Luca. São três da madrugada e ele está lá, vestido com uma camisa de botão e calça comprida. — Por que você está parada aqui? — Ele exige.

— Não consegui encontrar minha chave. — Solução, sem saber por que Nite não usou a dele. Talvez ele estivesse gostando do show que Jasmine estava dando a ele.

— Tentando transar. — Jasmine sorri.

Ele dá um passo para o lado e gesticula para que entremos. Jasmine entra na sala e Nite a alcança e a mantém de pé. Seus joelhos dobram, e ele desliza uma mão atrás das costas dela e a outra sob seus joelhos e a levanta. A cabeça dela cai para trás sobre o braço dele e ela fecha os olhos pesados.

Luca suspira quando Nite passa pela porta e a leva para o quarto de hóspedes ao lado da cozinha.

— Acho que você se divertiu? — Ele me pergunta, fechando a porta.

Ignoro ele e vou para o nosso quarto. Tropeço em meus saltos e silenciosamente me amaldiçoo.

—Haven, estou falando com você, — ele rosna.

Eu bufo.

—Haven? — Ele agarra meu braço e me faz parar. Me viro para gritar com ele, mas as palavras morrem na minha língua quando vejo a TV ligada que está pendurada na parede da sala.

É o canal de notícias local. Uma mulher está do lado de fora de uma catedral. A catedral que planejamos nos casar na próxima semana. Acabou. —O que...? — Tropeço para longe dele e ele me libera. Caio no sofá de couro creme da sala e vejo o repórter explicar que houve um incêndio.

A Catedral de Santa Maria é uma perca total, mas, felizmente, o lugar estava vazio. —*No momento, alguns estão lançando especulações sobre o incêndio criminoso, mas nada foi confirmado ainda...* — O repórter continua. — *Os bombeiros...*

—Nós íamos nos casar lá, — digo, virando para olhar por cima do ombro para Luca.

Ele está atrás do sofá com os braços cruzados sobre o peito. Seus olhos escuros estão focados nos meus. Ele não parece nem um pouco preocupado. Ou surpreso.

Meu coração começa a bater forte enquanto fico com as pernas trêmulas. Viro meu corpo totalmente para que eu possa encará-lo. — Você fez isso? — Pergunto.

Ele apenas me encara.

—Luca. — Lambo meus lábios dormentes. —Por que? — Pergunto. Ele não tem que admitir em voz alta porque sei que ele é o responsável.

—Precisávamos mudar o local.

—O que? — Pergunto, limpando minha testa. A sala está começando a girar e meus olhos estão pesados. Vou ficar doente ou desmaiar muito em breve. —Por que...?

—Precisamos trazer o Rossi até nós. E precisávamos fazer isso sem avisar ele de que estamos por dentro de seu plano. Ele não pode saber que você está do nosso lado.

—Então você queima um local de adoração? — Pergunto horrorizada. —Querido Senhor, é como a faculdade de novo. Quando Cross... — Paro enquanto minhas palavras afundam em meu cérebro nebuloso. Olho para a minha direita, onde ele está ao lado de Bones. —Você mandou Cross fazer isso, — digo sem fôlego, caindo de volta no sofá.

Cross ganhou seu nome na escola primária. Ele tinha marcas nas costas que pareciam cruzeiros. Só podíamos adivinhar de onde ele os tirou. E todos nós chegamos à mesma conclusão. O pai dele. Mas Cross teve sua vingança. Ele não carrega um Zippo à toa. Ele gosta de fogo. O calor das chamas. Ele vai queimar você sem remorso.

Começo a balançar para frente e para trás. —Nunca vai funcionar, — digo, embora não conheça seu plano. Os Dark Kings obviamente tiveram

uma mão nisso também. Rossi vai matar todos eles. Ele é muito inteligente. Muito protegido. Eles vão se servir em uma bandeja de prata.

—Haven...

—Sem falar nos bombeiros... eles vão investigar, — continuo balbuciando. —Ele será pego. Incêndio culposos...

—Haven!

Mãos agarram meu ombro, e então estou sendo balançada.

Meus olhos pesados pousam nos de Luca enquanto ele se ajoelha diante de mim. —Se acalme. Você está bêbada e exagerando. Confie em mim, já cuidei de tudo.

—E se você não cuidou? — Não posso deixar de perguntar. Ainda estou com raiva dele, mas isso não significa que quero que todos nós morramos. Tudo que sempre quis foi ele. Olho para o meu anel. Achei que ainda tinha tempo de fugir desse casamento, dessa vida, mas a piada é comigo. Já estou nela. Então me pergunto se tivesse a chance de sair, sairia? Não tenho certeza. Sempre amei Luca. E se o perder agora? Doeria muito.

—Sim, — ele diz simplesmente.



Luca

Coloco uma Haven muito bêbada em nossa cama. Ela desmaiou logo depois que consegui acalmar ela. Ela estava à beira da histeria. Sei que ela está com medo, mas ela também não conseguia pensar racionalmente. O álcool fará isso com você.

Saindo do nosso quarto, vejo Cross parado na sala de estar. Ele está olhando para a TV. Eles ainda estão relatando o incêndio da igreja, o que é bom. Eu precisava fazer as manchetes.

Outro homem que conheço bem está ao lado dele com as mãos nos bolsos da frente das calças. Ele também assiste ao noticiário.

—Jeffrey, — digo, chamando a atenção deles. —Que bom que você conseguiu se encontrar comigo em tão pouco tempo. — Olho para a cozinha aberta para ver Grave servindo algumas bebidas. Titan se senta no sofá e Bones se inclina contra a porta de vidro deslizante que leva à varanda. Meus olhos voltam para Jeffrey. — Você sabe o que fazer, — digo a ele.

Ele suspira, mas começa a desabotoar a camisa preta de botão. Assim que chega ao último, ele abre a camisa para mostrar um peito cabeludo e barriga de cerveja. Em seguida, ele permite que a camisa caia de seus ombros e se vira, me mostrando suas costas.

Aceno minha aprovação.

Ele começa a abotoar de volta. — Estou ciente do que você precisa, Luca. Você não precisava mandar seus cachorros me buscarem no meio da noite.

As sobrancelhas de Cross se juntam com essa afirmação. Grave apenas ri enquanto serve mais dois copos de uísque.

— Eles não são meus cachorros, — digo, me referindo aos Kings. Teria enviado Nite, mas não o afastarei de Haven. Ele deve estar com ela o tempo todo até que Rossi esteja morto. — E você sabe que não faço negócios por telefone. — Os fios podem ser grampeados. Você nunca sabe quem pode estar ouvindo. E é exatamente por isso que o fiz tirar a camisa e me mostrar o peito. Naquele dia em que meu pai matou meu tio, aprendi muito sobre traição. Pode vir de qualquer pessoa a qualquer momento. Sempre verifique antes de abrir a boca.

Vou até o bar e pego duas das bebidas que Grave coloca no balcão. Volto para a sala de estar aberta e entrego uma para Jeffrey. Tomando um gole meu, sento no sofá.

— Espero que você possa lidar com isso? — Questiono.

— Claro. — Ele parece ofendido. — Um aviso teria sido bom, mas posso cuidar disso.

— Não tínhamos muito tempo para trabalhar, — diz Cross, pegando um copo cheio de Grave ao entrar na sala também.

Jeffrey toma sua bebida. — Quantas evidências você me deixou? — Ele olha para Cross.

Um lento sorriso se espalha por seu rosto. — Como eu disse, não tive muito tempo. Abri os tanques de oxigênio na sala da caldeira... — Ele abaixa a cabeça, passando a mão pelo cabelo. Ele olha para nós assim que seu celular toca em seu bolso. Ele pega e coloca no ouvido. — Alô... sim, estarei aí em vinte minutos. — Ele desliga.

Tomo um gole e chamo. — Nite?

Ele se senta no sofá em frente a mim. De pé, ele coloca uma mochila preta na mesa de centro de vidro. — Está tudo aí, — digo a Jeffrey. — Você é livre para contar.

Ele balança a cabeça. — Eu sei que você é bom nisso.

Meu pai tem o bombeiro em nossa folha de pagamento há anos. Junto com muitas outras pessoas importantes nesta cidade. Quando você quer administrar uma cidade, precisa ser dono de cada centímetro dela. E nós fazemos. Quem eu não possuo, os Kings possuem. Usamos os recursos uns dos outros o tempo todo.

— Espero que você tenha um bom motivo para queimar uma catedral até o chão, — diz ele, olhando para nós.

Arqueio uma sobrancelha, um sorriso se espalhando pelo meu rosto. — Com medo por nossas almas, Jeffrey?

Ele balança a cabeça e suspira profundamente. — Tenho medo por todas as nossas almas, Bianchi.

— Não é como se tudo o que fazemos seja perdoável, — acrescenta Titan.



Com isso, Jeffrey pega a mochila e sai.

Sentando no sofá, tomo um gole da bebida, me sentindo um pouco melhor em relação à nossa situação. Agora tudo o que precisamos fazer é criar um novo plano para acomodar nosso novo local.

# CAPÍTULO DEZENOVE

*Haven*

Sento no sofá em nossa suíte de hotel. Jasmine se senta à minha direita. E nós duas olhamos para a TV. Luca está saindo do Kingdom. Ele está vestido para impressionar com um terno de três peças cinza-carvão. Seu cabelo está penteado para trás e suas mãos estão nos bolsos da calça. Ele saiu de nossa suíte esta manhã, me dizendo que tinha que ir para o Glass. Sei que era mentira. Ele precisava ser visto. Já se passaram três dias desde que ele colocou minha bunda bêbada para dormir e nós estamos nos escondendo. Achei que a equipe de notícias estacionada do lado de fora iria desistir e ir embora, mas ele sabia que não. Quanto mais esperassem, mais doce seria para ele. O incêndio está em todos os canais de notícias e no rádio. É tudo o que ouço as pessoas falando quando caminho pelo cassino. Sem falar nas redes sociais. Fiquei fora disso, mas Jasmine continua me enviando todos esses links.

Equipes de notícias o cercam. — *O que você tem a dizer sobre o incêndio da catedral?* — *Uma repórter pergunta.*

— *Você acredita que é um sinal de Deus para não se casar?* — Outro interrompe.

—Você já percebeu o quão estúpidas são essas perguntas que os repórteres fazem? — Jasmine pergunta, empurrando pipoca em sua boca.

—Sim, — respondo.

Luca para, lentamente empurra os óculos escuros até o topo da cabeça. Todas as conversas param, mas os flashes de suas câmeras continuam. Ele olha para a câmera em seu rosto e fala. — *O que aconteceu na Catedral de Santa Maria foi uma perda terrível. É por isso que vou mandar reconstruir ela.* — As pessoas que o cercam soltam sons de *ahh* e ficam boquiabertas com sua generosidade.

—Oh, ele é bom. — Jasmine ri.

—Sim, ele é. — Suspiro.

Os repórteres começam a gritar, mas ele levanta a mão para detê-los. Eles se calam imediatamente. — *E meu casamento com a adorável Haven Knowles ainda está acontecendo. Um incêndio não vai me impedir de tornar ela minha esposa.*

Desligo a TV.

—Ei, eu estava assistindo isso, — Jasmine protesta.

Me levanto do sofá e começo a andar. — Ele está fazendo questão.

—Para Rossi, — acrescenta ela.

—Que ele mudou de local. — O incêndio foi considerado um acidente.

A catedral era velha e precisava de atualizações. Acho que eles passaram por uma inspeção seis meses atrás e foram informados de que as coisas precisavam ser substituídas.

*Que besteira!*

Eu sei isso. Luca sabe disso e os Kings sabem disso. Nada teria causado uma explosão tão grande àquela hora da noite. Podia vê-los dizendo que uma vela acesa ateou fogo nas cortinas. *Blah. Blah. Blah.* Mas uma explosão que derrubou uma parte tão grande daquele grande edifício em tão pouco tempo?

Eles pagaram alguém. Essa é a única situação que faz sentido. Não toquei no assunto e nem ele. Ele está desaparecido na maior parte do tempo. Se ele não está no Glass, ele está aqui se encontrando com os Kings. Estou ficando inquieta. Era para ser o dia do nosso casamento. Bem, nosso falso casamento.

Nite está aqui comigo, mas Luca disse que só voltaria mais tarde esta noite e não esperar por ele. Ninguém me informou sobre seu novo plano ou local para a cerimônia. Nenhuma surpresa nisso.

Sei que eles planejam despachar minha mãe. Para proteção, ela havia dito. Apenas no caso de a merda ir para o lado, eles a queriam protegida.

Não discuti. Neste ponto, só quero que todos nós sobrevivamos.

Ouvi Luca dizendo a Nite que o jato estava abastecido e esperando por nós, caso as coisas não saiam como ele planejou. Acho que ele vai me mandar para a Itália com Mia se Rossi ganhar.

Rezei sem parar para que ele não o fizesse. Mas duvido muito que Deus esteja me ouvindo depois que meu marido incendiou uma catedral. Podemos ter esperança.

— Vai ficar tudo bem, — Jasmine fala, passando pela minha névoa.

Paro e olho para ela. Lágrimas enchendo meus olhos. — E se não ficar?  
— Não posso deixar de perguntar.

Ela se levanta e caminha até mim. — Então vamos sair juntas. — Ela me dá um sorriso suave. — Nós vamos correr ou morrer, vadias. Você vai, e eu vou.

Abro a boca para discutir com ela, mas meu celular começa a tocar na mesinha de centro. Pego e meu coração acelera.

— Quem é? — Ela pergunta enquanto fico olhando para ele.

— Número bloqueado. — Engulo.

— Atenda, — ela insiste.

Balancei minha cabeça. — Eu não posso...

— Haven. — Ela pega da minha mão. — Se for quem pensamos que é, você precisa falar com ele. E se ele suspeitar que isso aconteceu de propósito, e ele acabou de assistir Luca na TV? Precisamos que ele lhe conte seu plano. Para proteger Luca, Nite, sua mãe e os Kings. Todos envolvidos.

— Você tem razão. — Concordo. Ele não é apenas meu pai, mas também um homem muito poderoso. Preciso estar à frente do jogo. Para o bem dos

outros. Rapidamente olho ao redor da enorme suíte. — Onde está Nite? — Não quero que ele ouça isso.

— Ele está no banho.

— Atenda, — digo a ela.

Ela passa o dedo pela tela antes que ele pare de tocar e coloca no viva-voz.

Limpo minha garganta e tento soar como se não fosse uma vadia assustada. — Alô?

— Olá, filha.

Me encolho com a palavra. — Rossi.

— Acabei de ver o Bianchi no noticiário. Coisa terrível que aconteceu à catedral.

Esfrego minhas mãos suadas nas minhas coxas. — Sim.

— Você deve estar feliz.

Franzo a testa, confusa com o que ele quer dizer. — Feliz?

— Porque sim. Seu casamento foi adiado.

— Ah sim. Muito mesmo. — Esqueci que ele acha que odeio Luca. Que não quero esse casamento mais do que ele.

— Estou enviando um carro.

*Que?* Meus olhos arregalados vão para Jasmine. — Não, eu...

—Vejo você em uma hora, — ele me interrompe. —Meu motorista estará fora do Kingdom para você. Não o faça esperar.

—Rossi, eu não posso.

—Sim você pode. A vida da sua mãe depende disso. — *Clique*.

Ela joga o telefone no sofá.

—Porra! — Assobio. —Minha mãe? O que isso significa? — Pego meu telefone e ligo para o celular dela. Vai direto para o correio de voz. — Merda. Merda.

—Quando foi a última vez que você falou com ela? — Jasmine pergunta, olhando ao redor da sala sem rumo como se ela fosse aparecer.

—Eu não sei. Esta manhã. Ela estava indo para o cassino... — Paro. Nunca pensei que ela não voltaria. Achei que talvez ela tivesse parado e estivesse jogando em uma máquina. Ou foi ao spa. Não acompanho ela vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. —Meu Deus. — Solto. —Ele a levou.

—Precisamos de Nite... — Ela sai da sala, mas agarro seu braço e a detenho.

—Não. Não o envolva.

—Haven. Isso é sério. Você vai precisar de ajuda, — ela rebate, colocando o cabelo ruivo atrás da orelha.

Passo minhas mãos nos meus. —Se ele souber que tenho ajuda, ele pode matá-la. Não posso correr esse risco.

Ela coloca as duas mãos nos meus ombros. — Há uma possibilidade de que ela já esteja morta. Você não pode correr esse risco.

Me afasto e balanço minha cabeça, incapaz de acreditar naquele cenário.  
— Ele me quer. Luca. Ele não vai machucar ela.

— Você não sabe disso! — Ela grita. — Você está nesta posição porque ela foi para Luca. E se ele souber disso?

— Fale baixo. — Olho em volta rapidamente para ter certeza de que Nite ainda está no banheiro.

Seus olhos se estreitam em mim. — Ele vai usar você como isca. Fazer Luca ir até ele.

*Eu sei. Bastardo desgraçado.*

— Vocês três estarão mortos, — ela retruca.

— Ou você me ajuda, ou faço isso sozinha. De qualquer forma, estou fazendo o que ele diz.

Ela solta um longo suspiro. — Tudo bem. Mas, para registro, sou contra isso.

— Anotado.





Uma hora depois, estou saindo do Kingdom com um dos bonés de beisebol de Luca e um casaco com capuz. Pareço uma idiota, considerando que é verão em Nevada, mas não quero que meu rosto seja reconhecido em uma das câmeras, por precaução. Sei que os Kings estão do lado de Luca e que Titan faz um ótimo trabalho com segurança. O cassino é coberto por elas, por dentro e por fora, então tenho que cobrir todas as minhas bases.

Descendo as escadas, limusines e táxis compridos entram e saem da garagem circular com manobrista. Enfio minhas mãos no bolso do moletom e agarro meu telefone. Deixo no modo silencioso para o caso de receber uma ligação, então eles não ouvirão. Preciso manter isso comigo o tempo todo.

Uma mão agarra meu braço direito. — Com licença...?

— Ele está esperando por você na esquina, — explica o homem. Meu estômago embrulha. Ele quer dizer o motorista ou Rossi? Não pensei que ele mesmo viria. Vou olhar para o homem, mas ele se agarra a mim. — Mantenha sua cabeça baixa.

Abaixo e respiro instavelmente. Tudo o que posso fazer é rezar para que Jasmine já tenha ligado para Luca, e ele mandou Titan verificar a vigilância agora e estão rastreando o aplicativo que instalei no meu telefone para ela. Tentei pensar em todas as possibilidades de eles me encontrarem antes que acabasse morta.

Caminhamos pela calçada e o suor escorre pelas minhas costas com o calor do sol e o nervosismo. Virando a esquina, vejo uma limusine preta parecendo deslocada no fundo de um beco. Minha mão suada agarra meu

telefone com mais força. Me pergunto se Luca está me ligando agora. Coloquei no modo silencioso por um motivo. Não queria ter o desejo de responder assim que ele descobrir o que fiz. Ele vai ficar tão chateado comigo. Se Rossi não me matar, provavelmente ele fará.

Chegamos à limusine e o cara abre a porta dos fundos. Apenas fico lá.  
— Entre, — ele ordena.

— Eu quero ver minha mãe primeiro, — exijo.

Ele solta um rosnado frustrado e me empurra para dentro.

Deslizo pelo banco de trás.

— Haven.

Me endireito e me viro para ver Rossi sentado à minha frente no outro banco, de costas para a divisória. Ele tem os braços esticados na parte superior. Uma grande bolsa de lona está a seus pés. Rezo para que ele não planeje enchê-la com meu corpo. Minha mãe se senta ao lado dele. Suas mãos estão enroladas em fita adesiva na frente dela e outro pedaço está sobre sua boca. Ela está viva e não há sangue ou hematomas. Soltei um longo suspiro. — Deixe ela ir, — ordeno.

Ele apenas ri, mas não abre a porta para deixar ela sair. Meu peito aperta com o que ele planeja fazer com ela.

Meus olhos percorrem o grande espaço. Somos apenas nós três até que o cara que estava segurando meu braço rasteja ao meu lado. Corro para o outro lado, pressionando minhas costas contra a porta.

O cara vai me pegar, mas Rossi levanta a mão. — Deixe ela em paz.

Soltei um suspiro trêmulo que não sabia que estava segurando.

Ele levanta a mão direita e bate com os nós dos dedos na divisória escurecida. — Dirija.

Engulo. — Onde estamos indo? — Se ele apenas quisesse falar comigo, poderíamos fazer isso aqui mesmo. Ele não precisaria me levar a lugar nenhum. Talvez ele planeje apenas dar a volta no quarteirão.

Seus olhos escuros me olham de cima a baixo e sinto minha pele arrepiar. Odeio o quanto pareço com ele. Como meus olhos são da mesma cor e forma. Tenho seus lábios e maçãs do rosto. Nunca vi isso antes. Claro, nunca pensei que ele seria meu pai. Mas agora que sei, não poderia negar, mesmo que quisesse. Ele me disse que parecia minha mãe, mas estava mentindo. Ele sabe que temos muito pouca semelhança.

— Tire a roupa.

Pisco — Desculpe?

— Eu disse para tirar a roupa, — Rossi repete.

Minha mãe começa a resmungar algo por trás da fita, mas ele a ignora.

Fico olhando para ele. Meu coração está batendo descontroladamente enquanto espero ter entendido mal as duas vezes. Olho para o cara ao meu lado. Ele parece ter a idade de Luca, mas não o reconheço. — Eu... eu não entendo.

Rossi se inclina para frente e abre o zíper da mochila, tirando um vestido branco. — Luca quer uma noiva. Eu vou dar uma a ele.

Meu estômago afunda e as lágrimas imediatamente queimam meus olhos. Olho da minha mãe para ele. — Por favor... — Me encolho ao som da minha própria voz. Nunca ouvi alguém soar tão desesperado.

— Eu sei o quanto ele te ama, — diz ele com nojo. — E também sei o quanto você o ama.

— Eu não...

— Cale a boca! — Ele grita. — Você acha que não sei que a explosão não foi um acidente? Você foi até ele.

— Eu não fiz!

O cara que está sentado ao meu lado me dá um tapa no rosto. Grito, e o grito abafado de minha mãe segue. A força me joga no chão da limusine e meu telefone cai do meu bolso. Me esforço para pegá-lo, mas Rossi é mais rápido.

Ele olha para baixo e franze a testa. — Achei que você fosse mais inteligente do que isso. — Estendendo a mão, ele abre a janela e o joga para fora.

A primeira lágrima escorre pelo meu rosto. Essa era a única tábua de salvação que eu tinha.

—Não se preocupe, Haven. Ele saberá exatamente onde você está quando eu estiver pronto para que ele saiba. — Com isso, ele olha para o cara mais jovem. — Ajude ela a se despir.



*Luca*

Sento em meu escritório na Glass quando meu celular toca. Não reconheço o número, mas clico em atender. — Alô?

—Luca. É Jasmine... — ela diz apressada.

Pulo de pé. — Tudo certo?

—É Haven. Ela foi encontrar Rossi...

—O que? — Grito, agarrando minha jaqueta e correndo porta afora.

—Ele ligou para ela.

—Quando? — Desço correndo as escadas do lado de fora do prédio.

—Há pouco mais de uma hora. Ele tinha a mãe dela.

Merda!

—Ele queria que ela o encontrasse fora do Kingdom. Ele estava enviando um motorista. Baixei um aplicativo de localização no telefone dela para você rastreá-la.

Paro. —Espere. Você está dizendo que vocês duas planejaram que isso acontecesse? — Exijo. Meu peito quase arfando com a minha respiração.

—Eu tentei convencer ela do contrário.

—Jasmine...

—Ela nem me ouviu, — ela fala apressada. Posso ouvir ela ofegando através da linha. Seu nervosismo a denunciava.

Porra! Ele vai matar ela. Depois do que eu fiz e disse hoje aos repórteres, ele está atrás de nós. Ele sabe. E ela vai pagar por isso. —Onde diabos está Nite? — Ele deveria ficar com ela. Ele tinha ordens.

—Nós fizemos...

—O que você fez, Jasmine? — Ligo meu carro e dou ré.

—Ele está bem. Apenas dormindo.

Balancei minha cabeça. —Onde diabos você está?

—Ainda no Kingdom. Em sua suíte.

—Para onde ele está indo com ela? — Meu carro vira de lado na rua quando entro no trânsito.

—Esse é o problema. Está parado. Ele deve ter encontrado e jogado fora.

Desligo na cara dela e ligo para Bones.

# CAPÍTULO VINTE

*Haven*

— Ajude ela, — Rossi ordena ao jovem.

Ele agarra meu braço, me puxa para fora da limusine e me empurra para frente. Olho ao redor da área, e novas lágrimas ardem em meus olhos. As luzes de Vegas estão a quilômetros de distância. Ele nos trouxe para o deserto. E isso significa apenas uma coisa. Ele confirma um segundo depois.

Abrindo o porta-malas, Rossi puxa uma pá. — Comece a cavar, — ele ordena e joga em mim.

Pego antes de deixá-la cair aos meus pés. Puxando meus ombros para trás, levanto meu queixo. — Não vou cavar a sepultura dele. — Me recuso a fazer isso.

Ele me dá um sorriso cruel enquanto dá um passo mais perto. — Fofa. — Ele agarra meu queixo com força e joga minha cabeça para trás. Mordo minha língua para não gritar de dor. — Isto é para você, Haven. Não vou deixar um Rossi ser uma vergonha para esta família.

*Ele vai me enterrar viva?* — Eu não sou um Rossi, — resmungo. — Sou uma Knowles, seu filho da puta.

Ele joga a cabeça para trás, rindo como se eu tivesse acabado de contar uma piada. — Você é exatamente como eu.

— Eu não sou nada como você, — cuspo.

— Você é. Você é teimosa demais para admitir. — Ele fica na minha cara. — Sua mãe era uma covarde. E Jimmy era um covarde. Luca me fez um favor matando aquele bastardo covarde. — Ele me empurra para longe.

Esfrego meu queixo. — Por que você se importa com quem eu casar? — Exijo. — Ninguém sabe que sou sua. Por que isso importa sobre o nome Rossi?

— A família Bianchi tem sido uma dor na minha bunda há anos, — ele responde. — Ele roubou de mim. Me envergonhou. E você se casar com o filho dele é o último passo para dominar Vegas! — Ele grita.

Quase rio. Odeio John Bianchi mais do que tudo e me recuso a morrer por causa dele. Assim não. Agora não. — Bem, acho que você deveria ter feito mais lição de casa, — digo.

— O que isso significa? — Seus olhos escuros se estreitam em mim.

— Meu pai assinou um contrato. — Odeio Jimmy tanto quanto Rossi, mas vou esfregar isso na cara dele. Coloco minha mão esquerda para fora, mostrando meu anel. — Era uma licença de casamento. Já sou uma Bianchi há duas semanas. A cerimônia seria apenas uma formalidade.



Nem consigo sorrir de satisfação ao ver a expressão de pura raiva em seus olhos negros. Ele nem mesmo me permite um segundo para respirar. Seu punho atinge meu rosto com tanta força que minha cabeça se vira para trás, e a última coisa que ouço é ele ordenando ao jovem que me coloque no carro antes que a escuridão me engula.



*Luca*

— Alguma coisa? — Pergunto a Bones quando ele entra na minha suíte.

Ele balança a cabeça. — Ele deve ter desligado antes de se livrar.

Quando voltei para Kingdom, Jasmine estava chorando e choramingando no sofá de nossa suíte de hotel. O local havia sumido. E minha esposa também.

Corro a mão pelo meu cabelo e removo meu paletó. Estava muito quente e o tecido caro muito apertado.

— Obrigado, — Titan diz antes de desligar o celular. — James disse que a observou no monitor, e ela entrou em uma limusine estacionada na parte

de trás do beco. Ele o seguiu pelo tempo que nossas câmeras alcançaram e abandonou o telefone apenas um quarteirão rua abaixo. Jogou pela janela.

— Quantos homens estavam na limusine? — Pergunto.

— Um homem estava esperando por ela fora do Kingdom e a acompanhou até o carro que estava esperando. Ele entrou com ela. Poderia haver vários homens lá dentro. As janelas estavam muito escuras para ver.

— Porra! — Chuto a mesinha de canto do sofá, derrubando ela. O copo cheio de uísque atinge o chão e se estilhaça junto com a lâmpada.

— Vamos encontrar ela, — Grave me garante atrás do bar.

Balancei minha cabeça. — Esse não é o meu medo. — Rossi vai me levar até ela, isso eu sei. O que temo é a condição em que a encontrarei assim que ele decidir me ligar.

Jasmine balança para a frente e para trás no sofá, se abraçando enquanto chora. Nite está parado em um canto tentando sair de tudo o que Jasmine o alimentou. Não perguntei e não me importo neste momento. Ele vai lidar com isso assim que se recuperar totalmente. Agora, preciso encontrar Haven e salvar ela antes que seja tarde demais.

Olho para longe dele, mas depois volto. Minha mente divaga. Correndo até ele, agarro seu braço e o puxo para o quarto de hóspedes. — Para onde eles te levaram? — Pergunto a ele. Nunca falamos sobre o que aconteceu com ele. Não em detalhes. Sabia que ele havia sido tirado de sua casa e depois deixado na minha. Ele escolheu fazer um voto de silêncio, e o honrei até agora.

Ele esfrega a nuca. —O deserto. Eles me amarraram e me jogaram em um porta-malas. Cerca de uma hora depois, o carro parou e eles me fizeram cavar uma cova...

—Porra, — assobio.

—Demorou cerca de trinta minutos. Mas assim que terminei, eles me disseram que era lá que eles me enterrariam se não lhes desse a informação que eles queriam. — Ele limpa a garganta. —Me recusei a dizer uma palavra. Foi quando eles mudaram de ideia e decidiram tirar minha língua em vez disso.

Mas eles eram estúpidos. Quando eles o jogaram na minha porta, eles deixaram sua língua. Fiz uma ligação e encontrei um médico imediatamente para recolocá-la. Eles não podiam garantir a recuperação total, mas Nite venceu as probabilidades.

—Você se lembra de alguma coisa sobre a localização? — Pergunto.

—Na verdade, não, — ele responde. —Eu estava desorientado. Eles tinham me espancado com muita força. Estava escuro...

—E depois? — Continuei.

Ele balança a cabeça. —Eles me trancaram de volta no porta-malas.

—Talvez... — Meu celular tocando na sala de estar me interrompe. Pego ele da mesa de centro para ver que é um número bloqueado. —É ele. Fique quieto, — ordeno, em seguida, atendo, colocando no viva-voz. —Onde diabos ela está?

Ele ri. — Bem, olá para você também, Luca. Ou devo chamá-lo de filho?

Meus dentes rangem. *Ele sabe.* O que coloca sua vida em ainda mais perigo. — Corta essa merda, Rossi. Onde diabos ela está?

— Ela está aqui comigo.

Aperto minhas mãos. — Onde? Me deixe falar com ela.

— Ela está indisponível no momento.

— Droga...

— Mas ainda há tempo, — ele me interrompe. — Vou te enviar um endereço.

— Rossi...

Ele desliga.

— Porra! — Vou jogar meu celular para o outro lado da sala, mas Bones agarra minha mão.

— Você vai precisar disso. — Ele tira de mim. — Quebre isso. — E me entrega uma escultura de vidro que parece a Torre Eiffel. — Nós vamos pegar ela, — diz ele, balançando a cabeça. — Faremos o que for preciso para recuperá-la. Entendido?

Aceno, tentando me convencer quando meu telefone apita em sua mão. Ele olha para baixo e sua mandíbula se contrai.

— O que é isso? — Pergunto. Meu coração acelerou com a adrenalina.

Ele olha para mim enquanto me mostra o telefone. — É o deserto.



Dirijo cerca de quarenta e cinco minutos fora da cidade. O sol começou a se pôr e sei que ele fez isso de propósito. Ele está com ela e sua mãe há mais de cinco horas. Ele esperou até tarde, sabendo que perderíamos a luz do dia. Ele quer a vantagem de conhecer a área. E quem sabe quantos caras ele tem com ele. Ele é arrogante e não tem ninguém, ou tem um exército.

Desligo meu GPS. Mostra que tenho um pouco mais de sessenta metros restantes, mas não preciso disso. Posso ver as luzes da limusine à frente. Respiro fundo enquanto removo a arma do meu coldre de ombro. Ele vai presumir que estou armado e quero mostrar a ele que não estou armado. Só quero ela de volta segura. Ele pode fazer o que quiser comigo.

Paro e desligo o carro, mas deixo os faróis acesos, precisando do máximo de visibilidade possível. Vamos perder a luz muito em breve.

—Onde ela está? — Pergunto, batendo a porta.

Ele fica lá com os braços cruzados sobre o peito e as pernas bem abertas. Um cara que conheço pelo nome de Donatello está ao lado dele. Deveria ter matado aquele filho da puta naquela noite na capela. Dou uma olhada rápida em volta. A limusine é o único outro carro aqui.

—Reviste ele, — Rossi ordena a seu homem.

Puxo minha camisa, os botões voam. Empurro o material retalhado dos meus ombros e jogo no chão. Jogando minhas mãos para cima, giro em um círculo para que ele possa ver que não estou armado. Quando me viro para encarar ele, exijo: —Onde diabos ela está?

Ele olha para Donatello e acena com a cabeça.

Ele vai até a limusine e abre a porta dos fundos. Ele se abaixa, estende a mão e a puxa para fora. Meu peito aperta quando a vejo. Ela está usando um vestido justo de renda branca que parece um vestido de noiva. Seus pulsos estão presos com fita adesiva atrás das costas e um pedaço está sobre sua boca. Seu rosto tem hematomas e sangue escorre de seu nariz, sobre a fita adesiva e sobre o vestido que já foi branco. Está sujo como se ela tivesse rolado no chão desde que o colocou.

—Haven... — Dou um passo em direção a ela.

Rossi saca sua arma e a aponta para mim.

Paro e jogo minhas mãos para cima. —Deixe ela ir! — Grito.

—Você sabe, vocês dois são como Romeu e Julieta. — Ele reflete com risos. — E nós dois sabemos o que aconteceu com eles.

—Deixe ela ir! — Grito com toda a força dos meus pulmões.

O sorriso desaparece de seu rosto. Todo o humor se foi. Ele se estica, agarra o cabelo dela e a puxa para si. Ela grita atrás da fita. Ele a coloca de joelhos, puxando sua cabeça para trás, em seguida, coloca a arma em sua têmpora.

—Pare! Pare! — Ele vai matar ela e me fazer assistir. Ele vai me matar por último. Ele pode até me deixar viver alguns dias depois de jogá-la na cova que nos separa apenas para me fazer sofrer. —O que você quer? — Me pego perguntando mesmo sabendo a resposta. Só preciso manter ele falando enquanto espero meu reforço. Eles não estão muito atrás de mim.

—O que eu quero é atirar em você, jogar na cova e, em seguida, enterrar ela viva com você! — Ele grita. —O que eu quero é que ela sofra pelos pecados da sua família.

—Que pecados? — Exijo.

—Você sabe, seu pai e eu fomos amigos uma vez.

—Que porra isso importa? — Quero correr para ela, mas vou deixá-lo perder tempo desabafando sobre o passado.

—Trabalhamos juntos. Tinha planos de dominar Las Vegas. Mas ele tirou algo de mim. Algo que nunca poderia ser substituído.

—O que? — Pergunto, dando uma rápida olhada em Haven. Seus olhos estão fechados e as lágrimas escorrem por seu rosto sujo e ensanguentado.

—Ela significava tudo para mim! — Ele grita, ficando com raiva de novo.

—Quem era ela? — Pergunto, não acreditando em uma maldita palavra do que ele diz.

—Ava.

—O que? — Pergunto. Esse nome faz meu coração pular. Ele deve estar enganado.

—Ava, — ele repete, ainda segurando o cano na têmpora de Haven. — Eu estava apaixonado por ela. Estávamos dormindo juntos quando seu pai a tirou de mim.

Ele estava dormindo com minha tia? — Não entendo...

—Seu tio Marco... ele era uma vadia conivente! — Ele grita. Balançando a cabeça, ele puxa a cabeça de Haven para trás ainda mais, e ela choraminga. —E agora vou tomar um Bianchi...

Só então, uma luz brilha sobre todos nós. Quando ele leva o segundo para olhar por cima do ombro, ataco, correndo para ele. Meu ombro atinge seu peito, jogando nós três no chão. Sua arma cai no chão e a pego, apontando para Donatello correndo em nossa direção e atiro. Ele cai morto.

Então dou um soco na cara de Rossi, deixando ele inconsciente.

Ouço portas de carros abrindo e fechando. Ignoro eles, sabendo que eles são meu reforço e corro para Haven. Arranco a fita que cobre sua boca.

—Luca...

—Você está bem? — Pergunto, interrompendo. Segurando seu rosto suavemente, olho para seus hematomas e lábio arrebitado. Tudo vai curar. Ela só vai precisar de um pouco de descanso e analgésicos por alguns dias. —Alguna coisa parece quebrada?

—Não, — ela fala, balançando a cabeça.



— Aqui. — Olho para cima para ver Titan vir até nós. Ele se ajoelha e corta seus pulsos amarrados com sua faca.

— Obrigada, — ela agradece, esfregando eles. — Minha mãe...

— Bones está ajudando ela a sair da limusine, — Titan responde a ela.

Nós a ajudamos a se levantar e empurro ela para ele. — Leve as duas para o meu carro, — digo quando Bones dá a volta na parte de trás da limusine com uma Misty chorando. Ela não tem um arranhão, no entanto.

— Não Luca...

Beijo ela suavemente para não machucar seu lábio estourado. — Vai ficar tudo bem. Eu prometo. Estamos quase terminando.

Ela acena com a cabeça, deixando Titan guiá-las até o meu carro e colocá-las dentro. Então ele vem para ficar ao meu lado.

— Deixe ele pronto Kings, — ordeno.

# CAPÍTULO VINTE E UM

Rossi

## *Dezesseis anos atrás*

— O que aconteceu? — Pergunto, entrando na casa. Encontro Ava sentada à mesa da cozinha de calcinha. Ela segura o rosto com as mãos. — Ava! O que diabos aconteceu? — Exijo, puxando suas mãos.

Seus olhos castanhos olham para mim com lágrimas escorrendo pelo rosto. Maquiagem borrada por toda parte.

— Eu não sabia... o que fazer... — Ela soluça. — Para quem ligar...

— Estou aqui. Você fez a coisa certa. O que é isso? — Pergunto, afastando o cabelo do rosto e atrás da orelha.

— Ele está na sala de estar. — Ela abaixa a cabeça.

Me levanto e entro na sala de estar. Vejo seu marido e meu melhor amigo, Marco Bianchi, deitado em uma poça de seu próprio sangue. Ele foi baleado entre os olhos. Uma bala. Morte instantânea.

Colocando minha mão sobre minha boca, respiro fundo. Que porra é essa? Ela o matou? Ela está querendo que me livre dele? Virando e correndo de volta para a cozinha, a encontro na mesma posição em que a deixei.

*Agarro seu cabelo e puxo sua cabeça para trás. – Quem diabos fez isso? – Exijo. Ela não teria coragem. Ela também não sabe muito sobre armas. De jeito nenhum ela seria uma atiradora tão boa, mesmo se ela estivesse bem na frente dele. Ela está chorando incontrolavelmente. Seu lábio inferior tremendo e seu corpo tremendo. Não tenho tempo para isso. – Quem? – Grito, fazendo ela estremecer.*

*– John Bianchi. Ele e Luca apareceram...*

*Solto ela e passo a mão pelo meu cabelo. – O que você disse? – Rosno.*

*– Nada.*

*– Besteira! – Explodo. – Você abriu sua boca. Você tinha que ter aberto. Caso contrário, ele não teria atirado em seu irmão.*

*Os italianos são grandes em família e lealdade. Mas se eles temem que alguém os pisoteou, eles colocam uma bala em sua cabeça. Eles levam seu código de silêncio muito a sério.*

*Caso em questão.*

*Algo mais aconteceu esta noite que ela não me contou.*

*– Me diga, – ordeno.*

*Ela olha para mim. Olhos escuros arregalados e vermelhos de tanto chorar. – Eu disse que deixaria ele...*

*– Eu disse que não era uma opção, – grito. Estamos transando há mais de um ano e ela queria deixar ele a maior parte do tempo. Mas o mafioso não permite o divórcio. A única saída é a morte.*

*Ela enxuga o rosto coberto de lágrimas e sussurra: – Eu fui à polícia...*

*– Filha da puta! – Assobio.*

*Ela pula de pé. – Fiz isso por nós. Achei que se eles pudessem condenar ele, estaria livre dele. Desta mentira.*

*Chego para trás e dou um tapa no rosto dela, jogando ela de volta em seu assento. Ela segura a bochecha, gritando. Agarro seu cabelo e puxo sua cabeça para trás. Encarando seu rosto, rosno. – Você não teve uma merda comigo, – ordeno. – Você entende isso? – Sacudo ela.*

*– Eu... te amo, – ela engasga.*

*Eu não posso me dar ao luxo de amar ela. Não mais. Entendo essa vida muito bem. E ela apenas se fodeu. – Você é uma mulher muito estúpida. – Ela treme. – Você também é uma mulher muito morta. – Soltando ela, dou um passo para trás.*

*– Espere, – ela chora. – Por favor, não vá. Eu não sabia que John faria isso. Ele não deveria descobrir...*

*– Você fez isso com você mesma, – digo a ela, sabendo que não há nada que possa fazer por ela. John Bianchi fará com que ela seja eliminada em seguida. Ele não vai fazer isso sozinho. Se fosse, ela estaria morta agora. Não, ele vai pagar alguém para fazer isso. E o ódio por isso. Eu a odeio por ser tão estúpida. Isso vai arruinar mais do que apenas sua vida. Meus laços com a família Bianchi serão cortados. John não vai correr o risco de ser pego agora que ela quebrou o silêncio. Não é à toa que os federais estão vasculhando. John terá que pagar os policiais. Isso vai custar a ele. Vai custar a todos nós.*

*– Rossi, por favor...*

– Eles virão atrás de você, – digo a ela. – A melhor coisa que você pode fazer é correr. – Então me viro e a deixo.

Desço os degraus da casa dela e entro no carro. Pegando meu celular, ligo para John.

– Alô?

– Você matou seu irmão? – Rosno.

– Sim. Eu salvei nossas bundas, – ele responde. – O que quer que eles tenham sobre mim, eles têm sobre você também.

– E Ava? – Questiono, precisando ouvi-lo dizer isso.

– Deve ser feito, – diz ele.

– Bianchi...

– Foi você que se apaixonou por um pomo, Rossi. Deixe o corpo de Marco ser um aviso do que acontece com aqueles que se esquecem de seu lugar neste mundo.

– Clique.

# CAPÍTULO VINTE E DOIS

*Luca*

Observo Rossi se mexendo na terra. Ele solta um gemido e tenta se mover. —O que...? — Ele questiona, abrindo os olhos.

—Qual era o seu jogo favorito para jogar na escola? — Pergunto aos Kings.

—Cabo de guerra, — Titan responde. —Sempre adorei quando uma criança me desafiou a arrancar seus braços. Literalmente.

—Que porra é essa, Luca? — Rossi exige, agora coerente. Ele luta contra as restrições em torno de seus braços e tornozelos.

Me ajoelho ao lado dele. —Obrigado por cavar aquela sepultura. Isso vai me poupar muito tempo.

—Luca...

Me levanto e coloco meus dedos na minha boca, soltando um assobio, sinalizando a Bones e Cross que estamos prontos para ir.

O motor da limusine e o carro de Bones ganham vida, e eles colocam os dois em movimento. As correntes enroladas em torno dos pulsos e tornozelos amarrados de Rossi são apertadas.

Ele joga a cabeça para trás, rangendo os dentes enquanto os Kings lentamente começam a se afastar um do outro.

Enquanto ele estava desmaiado, prendemos as correntes ao redor dele e as conectamos aos para-choques dos carros. Nós vamos rasgar ele ao meio.

—LUCA! — Ele grita enquanto as costuras de sua camisa rasgam sob seus braços. Seu corpo está tão tenso que se eleva a centímetros do solo do deserto. — Argh, — ele diz. Seu rosto fica vermelho e sua camisa sobe, mostrando seu estômago. Você pode ver a pele tão esticada que é branca como um fantasma. Pronto para dividir.

Ele tenta respirar fundo, mas não consegue. Os carros o mantêm parado. Nenhum se movendo mais longe. Dou um aceno de cabeça, e eles pisam no acelerador. Ele rasga seu corpo ao meio. O sangue jorra por toda parte e suas entranhas caem. Ambas as partes de seu corpo sendo arrastadas pelos carros.

Titan me bate nas costas e sorrio. Um desgraçado abatido. Não me importo quem ele era. Ele não pode mais machucar minha esposa.

Os carros param e caminho até seu torso e cabeça. Solto a corrente do para-choque e arrasto sua bunda até o túmulo e chuto. Bones repete o processo com sua metade inferior. Grave, Cross e eu pegamos as pás extras que trouxemos e começamos a jogar a terra sobre as partes de seu corpo, sabendo que ele nunca será encontrado aqui.

Sempre houve um equívoco sobre o deserto de Nevada. Alguns dizem que é muito difícil enterrar corpos aqui. Essas seriam as pessoas com

preguiça de cavar. É factível. Já fiz isso várias vezes. E sei que este não é o primeiro corpo dos Dark Kings que eles jogaram sujeira. Depende apenas de quão duro você está disposto a trabalhar para esconder suas evidências.



# EPÍLOGO

## *Haven*

Sentada à mesa nupcial na frente do salão de baile, tomo um gole do meu champanhe enquanto olho para todos. Avisto Luca sentado a uma mesa à esquerda. Com os antebraços apoiados na toalha de mesa branca, ele está inclinado para frente, conversando com Titan e Bones que estão sentados em frente a ele. A mandíbula de Titan aperta, e seus punhos cerram em tudo o que meu marido está dizendo.

Sorrio. *Marido*. Estamos casados. Bem, tecnicamente éramos casados, mas agora o mundo sabe. Não foi a cerimônia que Luca e seu pai planejaram originalmente. Passou de quatrocentos convidados para cinquenta. E foi perfeito. Os Kings foram gentis o suficiente para nos dar o salão de baile no quinquagésimo andar do Kingdom. E escolhemos uma cerimônia à noite porque adoro a maneira como a cidade se ilumina à noite. É no canto da torre, então você pode ver a maior parte da Strip das janelas do chão ao teto.

Olho para longe deles para o fundo da sala e vejo Jasmine entrar no salão de baile. Ela está de cabeça baixa e seu cabelo vermelho cobre seu

rosto. Ela coloca uma das mãos na coluna branca envolta em rosas vermelhas e a outra mão no peito arfante. Ela olha para cima e seu rosto está vermelho. Seus lábios se separaram. Parece que ela está tendo um ataque cardíaco. Começo a me levantar para ir até ela, mas paro quando vejo Nite se aproximar dela. Ele coloca a mão nas costas dela enquanto segura a outra mão dela. Ele a ajuda a chegar à mesa mais próxima, puxa uma cadeira e a faz sentar.

Como se ele sentisse meus olhos nele, ele olhou para mim. Franzo a testa, olhando dela para ele. Então, o canto de seus lábios se curva para cima e percebo o que está acontecendo. Eles apenas fizeram sexo. No meu casamento. Sorri. Bom para ela.

Terminando meu champanhe, olho para a taça vazia e sorrio para mim mesma. Por mais que seja um ótimo dia, também é triste. Duas pessoas muito importantes não estão aqui.

Emilee e Mia.

Abro o zíper da minha bolsa e pego meu celular. Vou para o número de Mia e envio a ela uma mensagem rápida.

***Eu:** Queria que você estivesse aqui.*

***Mia:** Eu também. Talvez te veja em breve. Parabéns pelo casamento. E bem-vinda à família. Irmã.*

Penso sobre essa mensagem. Luca e eu deveríamos ir para Fiji amanhã de manhã, mas não consigo ver por que não podemos parar na Itália primeiro.

Todo mundo ainda está se misturando e bebendo. Meu marido ainda está em uma discussão acalorada com Bones e Titan. Grave e Cross não estão em lugar nenhum, e Jasmine desapareceu novamente. Segundo round?

Me levanto da mesa, passo pela porta dos fundos que leva ao elevador e caminho pelo corredor até o final. Olhando pela janela para a cidade, clico em chamar.

— *Você ligou para Emilee. Desculpe, perdi sua ligação...*

Direto para o correio de voz. Soltei um suspiro e ouvi sua gravação até ouvir um bipe. — Ei, E. Estou tentando ligar para você. Sinto sua falta. E gostaria que você estivesse aqui. Jasmine me disse que você está voltando. É melhor você me ligar assim que colocar os pés fora do avião. Precisamos ter uma noite das meninas. Beber muito e comer mais asas de frango do que nossos estômagos podem suportar. — Sorri. — Eu só... só queria dizer que sinto sua falta e amo você. — Desligo e me viro para voltar, mas faço uma pausa quando vejo a porta fechar suavemente. FRANZO a testa. Alguém estava ouvindo minha conversa?



*Luca*

Vejo quando Haven entra novamente no salão de baile pelo corredor. Ela coloca seu telefone na mesa nupcial e vai até o bar onde sua mãe está conversando com Titan.

—Alô? — Bones atende seu celular enquanto está sentado à minha frente a mesa. Ele acena com a cabeça uma vez para si mesmo. —Titan e eu estaremos lá na primeira hora da manhã e discutiremos isso então. — Ele desliga.

—Problema? — Pergunto.

Recostando na cadeira, ele entrelaça os dedos atrás da cabeça. —Parece que alguém não quer nos pagar o que deve.

—Quem é esse? — Las Vegas é pequena. Pode ser uma grande cidade chique para um cowboy de Lawton, Oklahoma, mas acredite em mim, não é.

—George Wilton.

Minhas sobrancelhas sobem. —George Wilton como em York e Wilton Construction?

Ele balança a cabeça, abaixando os braços, e começa a soltar a gravata como se estivesse sufocando.

—Como em Nick York? — Esclareço, me certificando de que entendi direito.

Sua mandíbula aperta.

Esse é o pai de Emilee. — Eles devem dinheiro a você?

—Não Nick. Apenas George.

—Bem... isso é...

—É uma pena para ele, — ele me interrompe.

Coço minha nuca. —Quanto?

—Quinhentos mil.

Bufo. — Isso é uma quantia idiota para você.

—Isto é. Mas se eu deixar cada idiota que deve dinheiro aos Kings escapar impune, então o Kingdom não existirá mais.

—Verdade.

—Titan e eu pesquisamos antes de lhe emprestarmos o dinheiro para garantir que ele pagaria bem. E ele era, mas tudo o que tem a ver com a empresa está em nome de Nick.

—Bem, isso faz sentido. Nick veio do dinheiro. — Seu pai era um bilionário. Seu avô também. Esse dinheiro do petróleo vai longe. —E quanto ao Wilton? — Ele foi criado por uma mãe solteira e cresceu na seção 8 de habitação. Ele conseguiu uma bolsa de estudos para futebol e foi aí que conheceu Nick York. Eles se tornaram melhores amigos e, após a

formatura, começaram uma empresa juntos. Claro, Nick apoiou tudo. — Você poderia chantageá-lo... a empresa...

— Eu não quero essa empresa. — Ele acena para mim. — York é um bom homem. Pelo que me lembro, pelo menos. Wilton assinou que iria reembolsar o que pediu emprestado, então irei considerar ele pessoalmente responsável por pagar de volta.

— Estou interrompendo?

Olho para cima para ver minha esposa parada ao meu lado. Suas mãos nos quadris de seu vestido de noiva branco. É tomara que caia e se ajusta aos joelhos, onde se espalha. Ouvi Jasmine chamar isso de vestido estilo sereia. Não dou a mínima para que tipo é; ela fica absolutamente linda nele. E não posso esperar para tirá-la disso.

Puxo minha cadeira para trás e dou um tapinha na minha coxa, gesticulando para que ela se sente.

Ela se abaixa e olha para Bones. — Você não parece feliz.

Ele balança a cabeça e toma o que está em seu copo antes de se levantar e caminhar até o bar para mais.

— Tudo certo? — Ela olha para mim.

— Claro. — Envolver meus braços em volta de sua cintura fina.

Ela deita a cabeça no meu ombro, e olho através do salão de baile para onde Bones está ao lado de Titan. A mãe de Haven passou a falar com Jasmine, que continua passando as mãos pelo cabelo como se ele estivesse

emaranhado. Meus olhos voltam para os Kings. Bones se inclina para frente e diz algo para o Titan, e ele se afasta com um aceno de cabeça. Em seguida, os dois começam a voltar para a nossa mesa com bebidas completas.

— Ei... — Haven se senta e se vira para me encarar. — Podemos ir para a Itália? — Seus olhos âmbar se movem rapidamente ao redor e sua voz baixa. — Para ver Mia. Eu realmente quero passar algum tempo com ela. Conhecer ela melhor. Ela é família agora.

Seguro seu rosto. — O que você quiser. — Então me inclino para frente, dando um beijo suave em seus lábios.

Ela dá um tapinha no meu peito. — Eu amo você.

Segurando suavemente seu queixo, me inclino e beijo seus lábios pintados de vermelho suavemente. — Também te amo, Haven.

— Nojento. Leve para um quarto, — Titan diz, sentando em sua cadeira.

Ela olha para ele e sorri. — Mal posso esperar para ver a queda de um rei. — Então ela se levanta e vai embora.

Ele ri disso como se fosse engraçado enquanto Bones balança a cabeça. Eles começam a me informar sobre sua situação atual com George Wilton, mas os ignoro.

Inclinando para trás, vejo minha esposa se sentar à mesa nupcial e sua mãe se senta ao lado dela. Jasmine se inclina sobre a mesa, e sua boca está correndo a mil por hora enquanto ela conta a elas uma história sobre algo que envolve seus seios, porque ela fica apontando para eles.

Sorrio e tomo um gole do meu copo. Haven Nicole Knowles pertence a mim. Para todo sempre. Até que a morte nos separe. O que na vida que vivo, poderia muito bem ser amanhã.

**FIM**